THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA
AT CHAPEL HILL

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

PQ9261
.V447
N8
1929

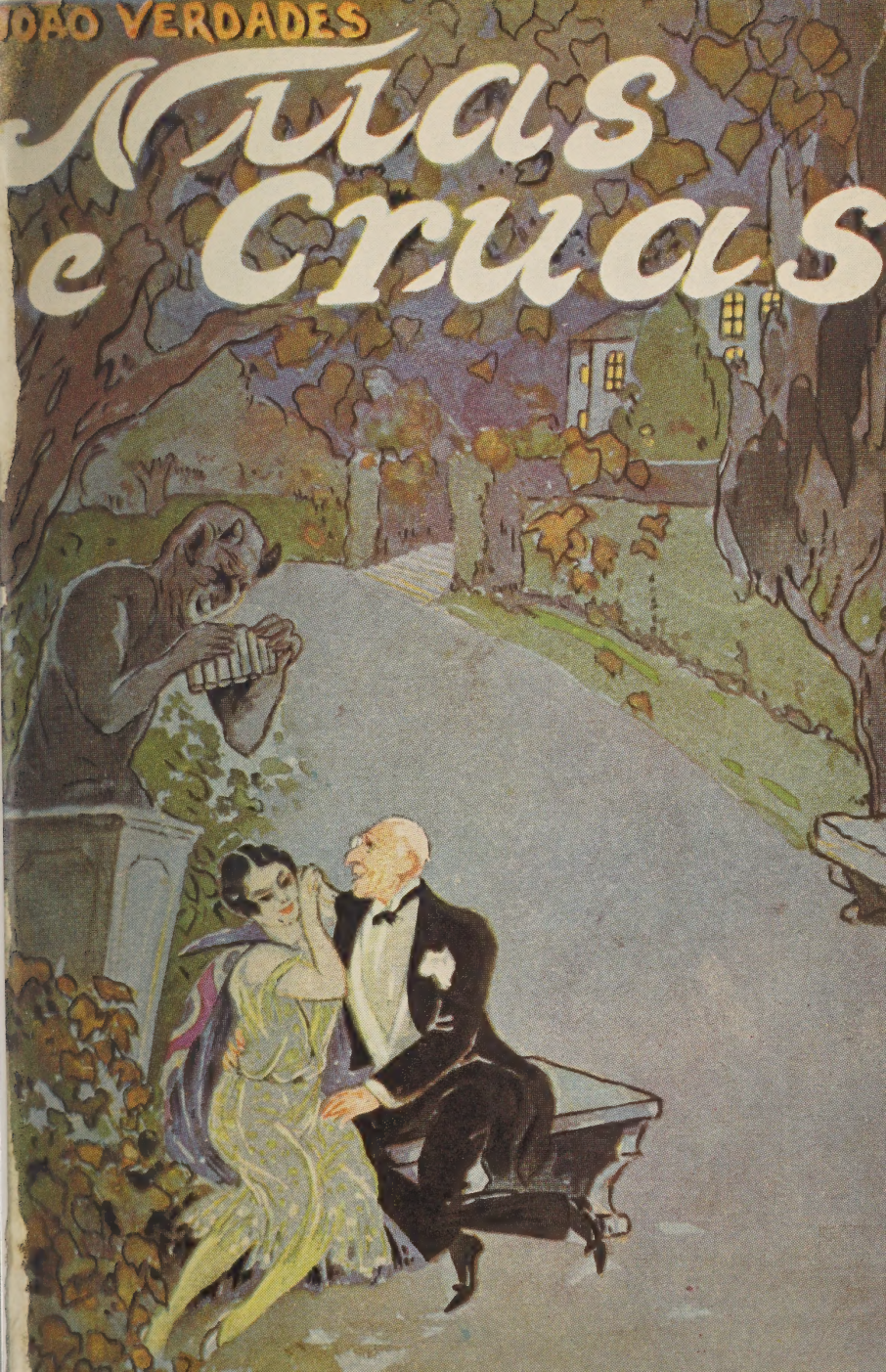
a 00002 12626 5

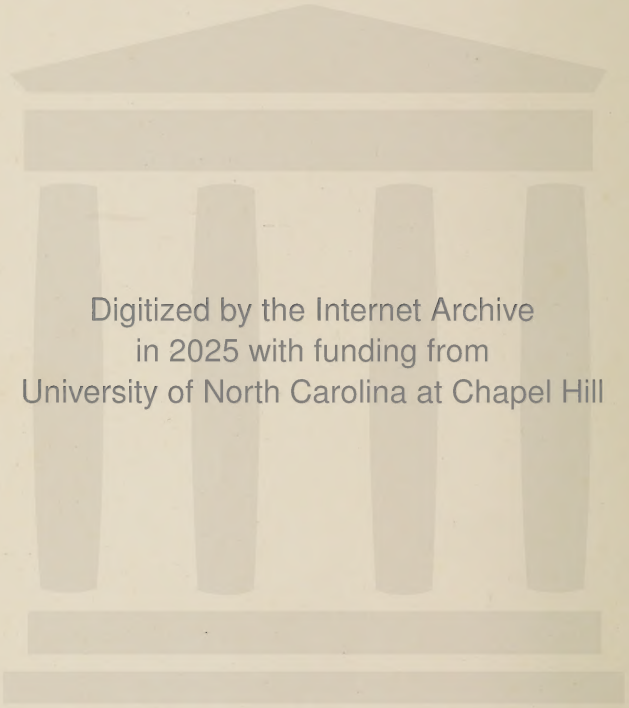
This book is due at the LOUIS R. WILSON LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

DATE DUE	RET.	DATE DUE	RET.
Form No. 513			

JOÃO VERDADES

Tias e Cruas




Digitized by the Internet Archive
in 2025 with funding from
University of North Carolina at Chapel Hill

https://archive.org/details/nuasecruasdialog00unse

NUAS E CRUAS...

Capa de Leal da Camara

DO AUTOR

PUBLICADO:

POR UM OCULO... (Contos e cronicas da Guerra).
JOÃO VERDADES (Notas e comentarios).
IDÉAS NOVAS; PROCESSOS NOVOS (Prologo do dr. Agostinho Fortes),
Editor: *Guimarães & C.ª*

Á PRESENÇA DO POVO «INLUSTRADO»...
Editor: *Portugal Brazil, Ltd.ª*

UM GRANDE «COMPLOT» INTERNACIONAL (Esgotado)
Editor: *Secção Editorial d'«O Seculo»*

NO PRÉLO:

UMA JOVEM QUE PRECISA SER RAPTADA (Romance).
UM GRANDE «COMPLOT» INTERNACIONAL (2.ª edição).

DD

JOÃO VERDADES

C

UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA
PROPERTY OF
AT CHAPEL HILL

Nuas e cruas...

DIALOGOS... ETOGNÓSTICOS

PQ9261
.V447
N8
1929

LISBOA

SECÇÃO EDITORIAL DE "O SECULO"
Rua do Seculo, 59

O FAUNO DE PEDRA

O FAUNO DE PEDRA

FIGURAS: ELA, um CHICHISBEU; o FAUNO

Trecho de parque para onde deitam, fortemente iluminadas, as janelas de um palacio. A marcar o angulo de um canteiro e emergente de florido maciço, plinto de pedra encimado por um busto de Fauno. Perto, um banco rustico.

Pleno luar.

Os acordes «melodiosos» de um «jazz-band» indicam dançar-se, lá dentro—o que é banal. As vozes, os risos, parecem indicar que se divertem—o que é mais de pôr em duvida...

ELA *entra—ou, antes, sái do palacio—pelo braço de* CHICHISBEU. *Ri, dum rir nervoso, se é que não apenas artificio-*

so... Ambos em «toilette» de «soirée», o que significa, quanto a ELA, *o menos vestida possivel, por baixo dum manto diafano de fantasia que, lançado nos ombros, mal lhe cobre a nudez forte da verdade... Daqui, o* FAUNO, *com ser de pedra, desde logo lhe lançar concupiscente mirada...*

ELA—Continue! Continue!... Não faça caso... São nervos... Ah! ah! ah!

CHICHISBEU—Ansioso, desde ha tanto tempo, por este momento, teria graça que me confessasse vencido, logo á primeira escaramuça!...

ELA—Para mais quando, a contendora, esgrime apenas com o riso... Ah! ah! ah!

CHICHISBEU—Arma, por vezes, terrivel...

ELA—Mas arma de dois gumes, meu caro... Quando, a Mulher, só com ela se defende, mal lhe vai a causa!

CHICHISBEU—Quere dizer ser você quem se confessa vencida... *(E tenta abraçá-la.)*

ELA, *esquivando-se.*—Oh! não! Assim, á... primeira escaramuça, tambem não!... Por enquanto, apenas convencida a ouvi-lo... Como ia dizendo... *(Senta-se.)*

CHICHISBEU, *apaixonado.*—Amo-a, Elisa!...

ELA—Já sei... E... depois?...

CHICHISBEU—Depois... amo-a!!! *(Pretende beijá-la.)*

Os olhos do FAUNO *faiscam...*

ELA, *contendo-o a distancia.* — Nesse caso: E... antes?...

CHICHISBEU—Antes... já de ha muito que a amo...

ELA—Uma paixão em três tempos! Ah! ah! ah! Antes, durante e depois!

CHICHISBEU—Uma paixão em todos os tempos e modos! De mais você sabe desde quando lhe espio, no olhar, a esmola de uma aquiescencia, de um incitamento, de um indicio, apenas, de haver dado pelo sentimento que me transformou... como direi?...

ELA—No mais solícito dos «cavaliers servants», não ha duvida...

CHICHISBEU—Mais que isso, na sua sombra! Em casa, nos teatros, na rua, nas festas de sociedade, na modista, nos chás...

ELA—Esqueceu-lhe o dentista...

CHICHISBEU—Por toda a parte, enfim...

ELA—...Você tem sido duma assiduidade inexcedivel, reconheço...

CHICHISBEU—Já é alguma coisa...

ELA—Direi mesmo: duma utilidade...

CHICHISBEU—...muito áquem daquela de que desejaria dar-lhe provas!

ELA—...Pois não menos tenho de reconhecer o seu bom gosto, o valor do seu conselho em tudo quanto se refere a essas futilidades que constituem como que o ambiente do «eterno feminino»...

CHICHISBEU—Apenas nas futilidades?...

ELA—...Você possue a intuição, o segredo, o «flair» do «chic», trate-se da escolha de um chapeu ou da sugestão de um romance... Tão perito na descoberta do perfume mais «exquis», como na indicação da peça de Teatro mais... picante, é o mentor ideal da mulher de sociedade!

CHICHISBEU—E, tudo isso?...

ELA—...Porque Deus assim o fez...

CHICHISBEU—Não! Porque você me fez assim! Porque a amo, repito-lhe!

Olhar, enciumado, do FAUNO!

ELA—Ah! ah! ah!

CHICHISBEU—Não acredita?

ELA—Estou quasi em acreditar!... Ah! ah! ah!

CHICHISBEU—Mas continua a responder-me, apenas... rindo...

ELA—Não faça caso, nem dê, ao meu riso, uma interpretação que ele não comporta! E' de surpreza... E, quere que lhe diga?... Tambem um pouco de satisfação...

CHICHISBEU—...De se sentir amada?

ELA—De verificar que parece haver, ainda, quem ame!...

CHICHISBEU—Chegou a duvidar?!

ELA—Mais que duvidar... a descrêr, em absoluto...

CHICHISBEU—No entretanto...

ELA—Oh! O culto da Mulher vai perdido de todo, meu amigo! Até na propria patria do Magriço, o que mais brada aos céus!

CHICHISBEU—Por quem é!...

ELA—... Dos doze de Inglaterra, não resta um bisneto... para amostra!

CHICHISBEU—Porém, eu...

ELA—Convenho que você seja... ou pretenda ser, o derradeiro... avô... Não basta...

CHICHISBEU—Ainda não me consentiu que lhe demonstrasse até onde poderei chegar...

ELA—Por mais que chegue, não chegará... para todas!... E não as vê, além mesmo... nessas salas, como na propria vida, isoladas, abandonadas, tristes, pobres almas-penadas do sentimento?!...

Expressão de dolorida concordancia, do FAUNO...

CHICHISBEU—Convenho em reconhecer

que os homens de hoje se mostram, em geral, pouco solicitos...

ELA—Diga, antes, indiferentes, que não nos fere a vaidade. Não é contra nós, as mulheres, que essa indiferença depõi—mas contra eles!...

CHICHISBEU—Seguramente!

ELA—E, não obstante, jámais como hoje nós nos patenteamos quais somos... como somos!... *(Descai-lhe o manto e, quasi integral, a tumidez eburnea do colo revela-se-lhe gloriosa!)*

Os olhos do FAUNO *são crateras igneas!...*

CHICHISBEU—Aí está, talvez, o erro! Erro, em certos casos, aliás mais de incitar que de corrigir... sob o ponto de vista estético! Mas... sempre o mistério foi estímulo!... E o certo é que, quando, por baixo da fimbria do vestido, deixava aperceber apenas a ponta do pé, a Mulher oferecia um interesse...

ELA—Que, pelo contrario, deveria ter aumentado!

CHICHISBEU—...Agora, que mostram tudo?... Não é bem assim... Já porque, nem sempre o que mostram corresponde ao que nós fantasiamos...

ELA *erguendo-se, na pouco menos que*

completa nudez dos ombros e... do resto.— Perdão!

CHICHISBEU—Evidentemente, não o digo por si... Nunca eu suporia tanto e preso-me de imaginativo!

O FAUNO *solta, da frauta, três assobios... corroborantes...*

ELA—Que é isto?!

CHICHISBEU, *perscrutando em volta.*— Algum rouxinol, da minha opinião...

ELA, *não sem uma pontinha de ironia...*—Pareceu-me, antes, melro...

CHICHISBEU—A' noite?! Enfim... «Melro» de bom gosto, nesse caso, para assim alterar o horario canoro, em sua honra...

ELA—...e concordancia consigo... Ah! ah! ah! Mas, ia dizendo?...

CHICHISBEU—...Já porque, quando o que mostram excede toda a perspectiva— e agora, sim, é o seu caso!—o suplicio de Tantalo assustá-los ha...

ELA—Qual! Diga, antes, que não chegam a dar pelo que se lhes mostra! Admiram-se muito, a eles proprios, para nos admirarem, quando não é o que eles chamam «as exigencias da vida moderna» que os alheia da vida... sentimental...

CHICHISBEU—Ha-os de uma e de outra especie, na verdade...

ELA—...O pior é que, dentro da «especie»... pouco mais ha!

CHICHISBEU—Pelo menos, eu...

ELA—Houve...

CHICHISBEU—Houve!

ELA—E' vê-los, aos primeiros, em permanente autolatria, narcisados perante a elegancia das calças com maior roda, em cada perna, que as nossas saias; a exuberancia do busto, mais desenvolvido que os nossos... nos tempos em que amamentavamos; a aridez saharica do gosto glabro...

CHICHISBEU—...sem sequer o oasis desse apetitoso buçosinho...

ELA—Acredita que já me tem ocorrido que será de tanto se descabelarem?...

CHICHISBEU—Como Sansão?!...

ELA—Nem mais!

CHICHISBEU—Em resumo, como que exercendo, neles mesmos, o culto do... feminino...

ELA—Que lhes preste!

A frauta do FAUNO *torna a intervir, desta vez, porém, em guisa de gaita de... amolador.*

ELA—Não! Isto, rouxinol, não me parece...

CHICHISBEU—Deve ser «melro», deve... Mas você exagera!...

ELA—Como, exagero?!... Ouça: ha dias, cheguei a ter a ilusão de que... enfim... Fulano...—O nome, não vem para o caso...—me cortejava... Que era, pelo menos, na qualidade de «homem», que se me dirigia... Tomavamos chá... Em certa altura, abri a minha mala... assim... e estendi-lha... *(Executa;* CHICHISBEU *hesita;* ELA *insiste com o gesto; ele tira da microscopica malinha uma cigarrilha.)* Pois ele, o Fulano, tirou o «rouge»! Ah! ah! ah! E não o espelho... porque trazia um consigo...

Tira, ELA, *o «rouge» e o espelhinho e retoca-se.*

CHICHISBEU—E tem a certeza de que... Fulano não era Fulana?... *(Acende a cigarrilha.)*

ELA—Não, não é. E você, se eu lho nomeasse...

CHICHISBEU—De maneira alguma! Toda a discrição é pouca com homens que tanto se confundem com senhoras!...

ELA—E, não obstante, bem homens... Pelo menos, alguns... Este, por acaso, é... «boxeur»! Ha pouco ainda, dançava eu, além...

CHICHISBEU—Com o mesmo?...

ELA—Não. Outro. Um bacharel. Um

tango! O ideal, sob o ponto de vista do contacto...

CHICHISBEU—Maximo!

ELA—Pois, meu caro, nem minimo... Toda a sua atenção se concentrava em não errar um passo. E o caso é que dança como se o bacharelato fôsse em coregrafia!... A observancia do ritmo constituia a sua preocupação unica! Eu, quantidade despresivel...

CHICHISBEU—Heresia! Quer no que respeita á quantidade, quer á... qualidade!...

ELA—A dança, era tudo para ele! No seu tempo, estou certa?...

CHICHISBEU—Oh! não o duvide! Simples pretexto... «Tudo», era o resto... O contacto!...

ELA—Maximo?...

CHICHISBEU—Hiper!

ELA—No que respeita a conversar, não se lhes arranca uma palavra!

CHICHISBEU—Influencia do cinema. A chamada «arte do silencio» estragou, de todo, a mocidade! Nesse ponto, deixe-me dizer-lhe que não são só eles... A minha boa amiga mal supõe o que custa a sustentar uma conversa com a maior parte delas...

ELA—A obcecação... fotogenica!...

CHICHISBEU—...Engendrou uma verdadeira geração de mudos...

ELA—...Que, quando se resolvem, enfim, a falar—eles, pelo menos—ainda é no estilo das legendas dos cinemas que o fazem... E, no que respeita aos assuntos, ou nos afogam sob a sua erudição... cinematografica, declinando os nomes, idades, estados, residencias e meios de fortuna de todos os semi-vedetas, vedetas e super-vedetas do «écran», ou nos impõem a superioridade manifesta dos casapienses sobre os carcavelinhos... Em literatura...

CHICHISBEU—Mal dão conta do «Primo Basilio»...

ELA—Eles?! Nem isso!...

CHICHISBEU—Elas, elas!...

ELA—Quanto aos outros, aqueles a quem as «exigencias da vida moderna» preocupam, ou a cultura dos desportos os absorve e trocam-nos pelo primeiro volante...

CHICHISBEU—Arrostando com o risco de toda a espécie de «dérapage»... domestico...

ELA—...Ou «trabalham o musculo», pela gimnastica...

CHICHISBEU—E, afinal, para quê?...

ELA—Isso mesmo pregunto eu... Quando não se confinam nos meandros da sua profissão...

CHICHISBEU—Aproveitando as noites para trabalhar...

ELA—Quere dizer, desaproveitando-as... Como alguem que eu conheço...

CHICHISBEU—E eu?...

ELA—...Marido duma amiga minha... Uma amiga muito intima...

CHICHISBEU—Já sei de quem se trata. Não diga mais... Arquitecto, aliás distintissimo. Um verdadeiro «virtuose»!

ELA—Dizem que sim. Mas só se é em arquitectura... Quanto ao mais, o tal senhor meu marido... Ah!

CHICHISBEU—Acertei, já vejo...

ELA—Enfim, pois que entramos no caminho das confidencias...

CHICHISBEU—Diga, diga!...

ELA—Anda agora ocupadissimo com o projecto de uma «marquise» monumental para um elevador...

CHICHISBEU—O da Gloria?! Outra?!

ELA—Não. Da Estrela...

CHICHISBEU—Gloria... Estrela...—em todo o caso, um elevador com pretensões a escalar o infinito!

ELA—Pois que a sua especialidade, quanto a arquitectar, tem sido sempre... castelos no ar!...

CHICHISBEU—Você é terrivel!

ELA—Se lhe parece, defenda-o! E ele?! Escute: ha duas ou três noites, preparava-me para me deitar e acabava de tomar o meu banho... Ao entrar no quarto, envolta

num simples roupão, já de si quasi transparente...

CHICHISBEU—Estou vendo...

ELA—Pois ele nem sequer olhou... Embrenhado na leitura de um tratado de estilos...

CHICHISBEU—...arquitectonicos...

ELA *com gesto afirmativo.* — Nem se moveu. Então, ou porque o roupão se me prendesse, ou porque, para lhe atraír a atenção, eu o soltasse...

CHICHISBEU—...sem querer...

ELA—O que sei é que me encontrei completamente núa... Tratando-se de meu marido, nem sequer havia nisto falta de pudor...

CHICHISBEU—E ele? E ele?

O FAUNO *deixa, comovido, caír a frauta...*

ELA—Que foi?!

CHICHISBEU—Nada! E ele? E ele?

ELA—Dignou-se, então, fixar-me...

CHICHISBEU—Não diga mais!

ELA—...E comentou, como se se tratara dalguma estampa do tratado: «—Esplendida plastica grega!», continuando na leitura interrompida... *(Arremeça, nervosa, o lenço de renda inglesa, que vai caír sobre as plantas, ao alcance do* FAUNO.)

CHICHISBEU—O que o sensibilisou foi apenas o estilo!...

ELA—Como vê. Oh! No seu tempo!...

CHICHISBEU—Qual estilo, minha boa amiga! No meu tempo, o estilo era... a Mulher!

Embriagado com o perfume do lenço, o FAUNO *consegue havê-lo á mão...*

ELA—Bom tempo, decididamente! Quizera ser do seu tempo...

CHICHISBEU—Porque não me permite que tente, ao menos, dar-lhe essa impressão?... Amo-a, Elisa!...

ELA—Para quê? Não valeria a pena...

CHICHISBEU, *chocado.* — Quem sabe?! Sem experimentar...

ELA—Não o digo por si... Digo-o por ele... Nem sequer daria por que o enganavamos...

CHICHISBEU—Tanto melhor o enganariamos!...

ELA—E, admitindo mesmo que désse, o mais certo seria não se importar... Ora, o adulterio, sem o aperitivo do risco afrontado ou, pelo menos, do ciume despertado, perde o melhor do seu encanto! *(Toma-lhe o braço.)* Vamos. Começo a sentir-me esfriar... Continue a ser o meu «cavalier servant»...

CHICHISBEU — Pois que teima em que não poderei ser-lhe outra coisa...

ELA—...E consegui-lo hia? Ah! ah! ah! Oh! não, meu bom amigo, poupemo-nos mais uma possivel desilusão...

CHICHISBEU—Quere dizer, na sua?...

Vão saíndo, os dois, de braço.

ELA—Que, ainda o mais ajuizado, é ser, cada um, do seu tempo... Ah! ah! ah!

Desaparecem...

O FAUNO—Do meu é que tu havias de ter sido! *(E fica-se, a enxugar a baba ao lenço d'*ELA...)

«PREVENIR É ECONOMISAR»

«*PREVENIR É ECONOMISAR*»

FIGURAS: A SR.ª D. HERMENGARDA; A SR.ª D. EDVIGES; uma CRIADA

Sala de casa burguesa, modesta. Sofá e poltronas estofadas, revestidos de camisas de cretone branco; tremó de mogno, com relojio de bronze, sob redoma de vidro e ladeado por jarras com flôres de pano; jardineira, ao centro, de tampo de marmore e, sobre este, album de retratos, com caixa de musica que, felizmente, só funciona quando o album se abre. E está fechado. Cadeiras; nas paredes, retrato grande, a carvão, do Sr. Silva, e oleografias representando «As Quatro Estações do Ano».

As portas de madeira, das duas sacadas, entre-cerradas, reduzindo a luz interior a uma lugubre menos que semi-obscuridade.

A SR.ª D. EDVIGES, *na meia voz solene dos supremos transes.*—Bem me queria, a mim, parecer...

A SR.ª D. HERMENGARDA, *idem, lavada em lagrimas.*—E' verdade! Uma grande desgraça!

A SR.ª D. EDVIGES—Que remédio se não ter conformidade, minha querida senhora!... A todos chega a sua hora...

A SR.ª D. HERMENGARDA—...Estava tão longe de semelhante coisa!...

A SR.ª D. EDVIGES—De facto, ainda... ante-ontem... — Ante-ontem, ou tresante-ontem, não vou jurar...—encontrei, o Sr. Silva, na escada e parecia vender saude!... Ora! ora! ora!

A SR.ª D. HERMENGARDA—Tanto não direi... Ele... sofrer, sofria, ha muito... Mas... sim... nas nossas idades...

A SR.ª D. EDVIGES—Caruncho!... a quem a vizinha o diz... *(Após breve silencio, cortado apenas pelo soluçar de* D. HERMENGARDA.) Ha bocado, ao vêr entrar para cá o sr. Norberto...

A SR.ª D. HERMENGARDA—O sr. Norberto?!...

A SR.ª D. EDVIGES—...O da agencia funeraria... Chama-se Norberto... Não sabia?... Ai! infelizmente tambem é meu conhecido!...

A SR.ª D. HERMENGARDA—Ah! sim... (*E*

o pranto não deixa de jorrar-lhe, torrencialmente, dos olhos orlados de vermelho.)

A SR.ª D. EDVIGES—...Ao vêr entrar o sr. Norberto, ia eu dizendo, deu-me o coração um baque!... Aquelas aves agoirentas anunciam, sempre, desgraça... Então, vim saber... Desculpará este meu passo, mas as nossas boas relações de vizinhas... Sim, mal pareceria, até, que não viesse...

A SR.ª D. HERMENGARDA—Por quem é! *(Abraçando-se a ela:)* Pelo contrario! Muito obrigada! Muito... muito agradecida!...

E choram ambas, que a natural sensibilidade da SR.ª D. EDVIGES *desdobra-se, solicita, por todas as desgraças do predio.*

A SR.ª D. EDVIGES—Então, minha senhora, conformidade! Animo! *(Para melhor lhe incutir uma e outra coisa:)* Tambem nós havemos de ir...

A SR.ª D. HERMENGARDA—Que fôsse já hoje! *(Redobra de pranto, qual se pelo marido e por... ela propria, passasse a chorar.)* Meu pobre Silva! Meu querido esposo da minh'alma!

A SR.ª D. EDVIGES—Era um belo homem! Não é pela vizinha estar presente, mas, apesar dos seus... sessenta anos... Isto é... não sei?...

A SR.ª D. HERMENGARDA—...cincoenta e dois...

A SR.ª D. EDVIGES—Pois ninguem diria! Parecia muito menos! Apesar dos seus cincoenta e dois, metia inveja a muitos rapazes!...

A SR.ª D. HERMENGARDA—E tão bom! Casados ha trinta e dois anos, nunca, por nunca ser, tivemos uma zanga...

A SR.ª D. EDVIGES—Ora vejam!

A SR.ª D. HERMENGARDA—Aquilo, o que eu fazia, estava bem feito, o que eu dizia, era uma escritura...

A SR.ª D. EDVIGES—Nem doutra maneira se compreende o casamento! Que o demo seja surdo, eu tão pouco tenho razão de queixa!...

A SR.ª D. HERMENGARDA—Ah! sim... O sr. major, vê-se logo que é uma excelente pessoa... Assim Deus Nosso Senhor lh'o avivente!

A SR.ª D. EDVIGES—Muito agradecida... Porque, isto do bem-viver, tambem vai muito de nós...

A SR.ª D. HERMENGARDA—Se vai!...

A SR.ª D. EDVIGES—Deixar falar quem fala!... A mulher é que faz o homem...

A SR.ª D. HERMENGARDA—E eu, sem ser por me gabar, bem o posso dizer! O meu Silva... *(Aqui, os soluços tornam a embargar-lhe a voz.)* ...o meu Silva, de começo...

quando nos casámos... nem a vizinha imagina!... Era mesmo um atado!...

A SR.ª D. EDVIGES—Creio. Pois não!

A SR.ª D. HERMENGARDA—Eu, é que o fiz gente! Coitadinho! Não que lhe faltasse inteligencia e não fôsse habilidoso...

A SR.ª D. EDVIGES—Ah! sempre ouvi dizer que sim...

A SR.ª D. HERMENGARDA—Mas, amanuense era e amanuense continuaria a ser, se não tenho puxado por ele!

A SR.ª D. EDVIGES—E parece que chegou a 2.° oficial?!...

A SR.ª D. HERMENGARDA—...E, se não a ministro, bem posso dizer que foi porque não quiz...

A SR.ª D. EDVIGES—Sim, sim... Lembro-me dos jornais terem falado...

A SR.ª D. HERMENGARDA—Ou antes, porque eu não consenti... Lá isso de politica, não... Sempre me fez muita confusão á cabeça... Mas chegou a ser convidado—e duas vezes, á falta duma!

A SR.ª D. EDVIGES—Quem havia de dizer!

A SR.ª D. HERMENGARDA—Não vê que ele—ainda empurrado por mim—meteu-se nisso dos mutualismos...

A SR.ª D. EDVIGES—Ah! sim... Os mutualismos... Sei... Eu sei...

A SR.ª D. HERMENGARDA—...Os ganhos

da repartição eram poucos. Tinhamos, então, os pequenos a educar. E, minha senhora, isto de homens, por muito bons que sejam, não convém trazê-los folgados!...

A SR.ª D. EDVIGES—Tem razão! Tem muita razão!

A SR.ª D. HERMENGARDA—Dessa maneira, sempre tinha onde entreter as noites... Um compadre nosso, arranjou-lhe entrar para a direcção do Montepio Previdencia e Economia... *(Nova crise de lagrimas.)* Para encurtar razões, tão bem administrou o tal Montepio que, por sinal, estava a ir-se por agua abaixo... Sim... estas coisas constam logo...

A SR.ª D. EDVIGES—...Que o quizeram, fazer ministro?...

A SR.ª D. HERMENGARDA—...Das Finanças...

A SR.ª D. EDVIGES—Ora vejam lá!

A SR.ª D. HERMENGARDA—Mas não ficaram por aqui as vantagens que lhe resultaram dos mutualismos...

A SR.ª D. EDVIGES—Sim, senhora...

A SR.ª D. HERMENGARDA—Previdencia e Economia era o nome do Montepio e «prevenir é economisar», passou a ser a «sua divisa», como ele dizia!...

A SR.ª D. EDVIGES—Muito bem pensado!

A SR.ª D. HERMENGARDA—Desde então

nunca mais deixou de haver fartura em casa!...

A SR.ª D. EDVIGES—Graças ao Montepio?...

A SR.ª D. HERMENGARDA, *confirmativa* —...Aos mutualismos... Com aquele geito que ganhou—ou, para melhor dizer, que ganhámos—de prevêr tudo, de prevenir as minimas coisas, portanto, de economisar sempre, o pouco que tinhamos passou, não só a bastar-nos, como até a crescer-nos...

A SR.ª D. EDVIGES—Eu, a bem dizer, dessas coisas percebo mal!... Mas quem sabe se... sendo assim... se o têm deixado ser ministro, ele não conseguiria endireitar essas tais finanças, ou o quer que é que dizem para aí andar cada vez mais torto?!...

A SR.ª D. HERMENGARDA—Não! Não! Não me arrependo!...

A SR.ª D. EDVIGES, *muito sincera.*—A's vezes, donde menos se espera...

A SR.ª D. HERMENGARDA—Deus me livre! Ainda se fôsse noutro tempo!... Mas agora, sempre com esses barulhos...

A SR.ª D. EDVIGES—Sim, a gente tem de reconhecer...

A SR.ª D. HERMENGARDA—...Era outra coisa, sr.ª D. Edviges! Tudo se passava, a bem dizer, em familia. Havia outro so-

cego... e outra delicadeza!... Ai! Era vêr o sr. D. Carlos, que Deus haja... Oh! ainda me lembro bem! Aquilo era cumprimentos para a direita, cumprimentos para a esquerda!

A SR.ª D. EDVIGES—Quanto a isso, se quere que lhe diga... Ele, o sr. dr. Bernardino Machado, se nunca chegou bem a ser rei, não foi á falta de cumprimentos...

A SR.ª D. HERMENGARDA—Faz muita diferença!...

A SR.ª D. EDVIGES—Não digo que não faça, mas eu... sim... não é por meu marido estar com esta gente...

A SR.ª D. HERMENGARDA—E' republicano, o sr. major?...

A SR.ª D. EDVIGES—Ora essa! Já tem entrado em 16 revoluções! Se isto não é ser republicano e dos «bons republicanos»!...

A SR.ª D. HERMENGARDA—Com certeza...

A SR.ª D. EDVIGES—Além de que, a verdade manda Deus que se diga!... Muito devemos ao regime. Sargento em 5 de Outubro, nunca ele chegaria ao que chegou...

A SR.ª D. HERMENGARDA—Sim, tudo tem seu bom e mau... Nós, para falar com franqueza, davamos-nos melhor com a «outra senhora»... Sempre uma pessoa nasceu com rei e custa-lhe a desacostumar-se!... Mas concordo que, se temos pio-

rado, em muitas coisas, com a Republica, outras boas lhe devemos...

A SR.ª D. EDVIGES—Sem ir mais longe, os taxis! Quando é que houve disso, no tempo da «outra senhora»?!...

A SR.ª D. HERMENGARDA—Em todo o caso, lá nós sermos ministros, não! Nunca quizemos! Cada qual para o que nasceu!...

A SR.ª D. EDVIGES, *cada vez mais sincera.*—Não deixo de lhe dar razão. Lá diz o outro: «não vás, sapateiro, além da chinela»!...

A SR.ª D. HERMENGARDA, *numa subitania recrudescencia lacrimosa.*—Meu... pobre... Silva!... Meu... querido... marido... da minh'alma!...

A SR.ª D. EDVIGES—Então, sr.ª D. Hermengarda! Conformidade! Que é isso?!

A SR.ª D. HERMENGARDA—Foi a chinela... *(Soluçante.)* Lembrou-me as ultimas que lhe comprei e que ele usou até caír á cama! Ainda me custaram vinte e cinco tostões! Foi antes da guerra. Se não tenho tido essa previdencia... Depois, nem por cincoenta mil réis!...

A SR.ª D. EDVIGES—Está tudo pela hora da morte, é verdade!

A SR.ª D. HERMENGARDA, *presa de novo acesso de choro.*—A morte!... Quem havia de dizer?! Pois tambem não foi á falta de previdencia minha!... Mal que lhe deu,

ante-ontem, aquela dôr, mesmo antes de chamar o doutor, fiz-lhe umas papinhas...

A SR.ª D. EDVIGES—Ah! isso é como a graça de Deus!... Muito quentes, sobre a barriga...

A SR.ª D. HERMENGARDA—Coitadinho!... Não chegou a utilizá-las!... *(Mais uma vez o pranto a sufoca.)*

A SR.ª D. EDVIGES—Ah! Ora vejam!...

A SR.ª D. HERMENGARDA—Nesse comenos, estava aí o doutor e logo... me... me... desenganou...

A SR.ª D. EDVIGES—Pobre senhora!... E as papas? as papas?...

A SR.ª D. HERMENGARDA—Aproveitei-as eu...

A SR.ª D. EDVIGES—Tambem se sentia mal?... Era de futurar...

A SR.ª D. HERMENGARDA—Não, não me doía nada... Mas não havia de as deitar fóra! Depois, ainda pode vir a doer...

A SR.ª D. EDVIGES—...E candeia que vai adiante...

A SR.ª D. HERMENGARDA—Foi exactamente o que eu pensei. «Prevenir é economisar!» Ou melhor, o que pensamos os dois... Eu e ele... *(A invocação do pranteado, torna a acirrar-lhe o pranto.)* O meu querido, o meu santo marido!...

Nesta altura, espreita a CRIADA, *á por-*

ta da saleta. Tipo perfeito de «criada chegada ha pouco da provincia», pacovia e chineleira.

A CRIADA—Patrôa! O' patrôa!...

A SR.ª D. HERMENGARDA—O que é?

A CRIADA—O patrão, mexeu-se. Está assim a modos a grunhir...

A SR.ª D. EDVIGES *pondo-se de pé, como se, de repente, se sentira sobre alfinetes.*—Padre Nosso! Avé-Maria! *(Indecisa entre fugir pela porta fóra ou agarrar-se á interlocutora, que lhe imitara o movimento vertical.)* O morto! O morto mexeu-se?!

A SR.ª D. HERMENGARDA—Morto, morto, ainda não... *(Tolhida a voz pelos soluços.)* Infelizmente, mais para isso, que outra coisa!...

A SR.ª D. EDVIGES, *a persignar-se.*—Não ganhei para o susto! *(E, em todo o caso, tomando o caminho da porta.)* Mas, então... o cangalheiro?!... Ou morreu, por cá, mais alguem?!

A SR.ª D. HERMENGARDA—...Não. Combinámos, eu e o meu Silva, mandá-lo chamar, com tempo...

A SR.ª D. EDVIGES—Credo! Para ele mesmo?! Isso até traz azar!...

A SR.ª D. HERMENGARDA—Ora! tolices!... O que tem de ser, tem muita força!

(Soluçante.) Antes assim não fôra!... A' ultima hora, custa tudo muito mais caro! Desta maneira, tratado o enterro com antecedencia, mandam-se pedir preços a varias agencias...

A SR.ª D. EDVIGES—Ah! o Norberto veiu, então, ajustar?...

A SR.ª D. HERMENGARDA—...E tirar as medidas para o caixão... «Prevenir é economisar», sr.ª D. Edviges! E o meu Silva...—Coitadinho! sempre com a «sua divisa» encasquetada na cabeça!—...e o meu Silva, ia eu dizendo, lembrou-se, muito bem, de que, tiradas as medidas ainda vivo, o caixão viria a ficar mais barato!...

A SR.ª D. EDVIGES *abrindo, ela propria, trémula, a porta para o corredor.* — Mais... mais barato?!!!

A SR.ª D. HERMENGARDA—...menos madeira... Não vê que, uma pessoa... depois... sempre espicha...

A SR.ª D. EDVIGES—Tem razão! Tem razão!... Não me ocorreu... *(Doida por se apanhar dali para fóra:)* Mas vá lá, vizinha, vá lá vêr se o morto... Ai! desculpe!... Se o doente, precisa dalguma coisa... E queira perdoar-me ter vindo incomodá-la...

Já prestes a atingir a porta da escada, a campainha da mesma ressôa, estre-

pitosamente. A sr.ª D. EDVIGES, *com os nervos em pé, dá um salto e torna a hesitar, agora, entre investir com a sobredita porta ou fugir pela casa dentro.*

A SR.ª D. HERMENGARDA—Que é isso?! Então, está a tremer toda?! Não se assuste... Hão de ser a minha nora e os filhos, que vêm para velar o cadaver... *(Julgando-se obrigada a explicar-se melhor, ante o estarrecimento da vizinha:)* Não vê que moram em Cae-Agua... A dar-se o fallecimento pela noite adiante, não teriam comboio... E, mandar daqui, de Lisboa, um automovel, custava os olhos da cara!...

....

Conseguindo, enfim, apanhar-se em casa, a sr.ª D. EDVIGES *mal o creu. E, mais tarde, ao chegar o marido, para jantar, foi ainda entre trémula de mêdo e revoltada que lhe contou o que era passado, assentando então, os dois, em que, dadas as relações existentes com a familia quasi-enlutada, não poderiam deixar de ir ao enterro.*

Assim, o melhor era tratarem já de requisitar um carro da Cooperativa Militar, que sempre lhes ficaria mais em conta... E requisitaram, pelo telefone do vizinho da tenda.

() BEST

O BEST

FIGURAS: O DR. X.; outros visitantes; UM MANIACO; outros vesanicos

Rilhafoles. Percorridas as enfermarias, o grupo de visitantes, amavelmente ciceronisado pelo interno, DR. X., *dirige-se através a cêrca, para o pavilhão dos «furiosos». Urros estridulos, arrepiantes uivos de feras, gargalhar macabro, convulsos soluçares anunciam a proximidade desse circulo maximo de um Inferno que existe, de facto, excedendo nos seus horrores vividos, sofridos, as mais pavorosas abstrações do Cristianismo e a tradição literaria mais genialmente imaginativa.*

Pela cêrca, espalhados, perdidos entre as arvores, os canteiros, farrapos de todas as taras frenopatas: tabacómanos que assaltam o primeiro chegado, na mendicancia insistente, imperativa, por vezes, de

cigarros; abasicos, tenteando os passos, medrosos do andar; dromomaniacos, aos quais, pelo contrario, o automatismo ambulatorio não consente descanso; paranoicos que, indiferentes a quanto se passa, estáticos, parada a vista, se diria debruçados sobre eles mesmos, na cogitação eterna de coisas que só eles vêem, habitantes de um mundo áparte, tambem deles só; nosofobos, a evitarem todo o contacto, na defesa de imaginarios contagios; aritmomaniacos empenhados em complicações numericas que não acabam nunca; oligomanos, a repetirem dez, cem, mil vezes, na mesma toada—melopeia tragica!—a expressão da mesma idea...

O DR. X. *aos visitantes, uma vez chegados á porta do pavilhão.*—Eis-nos na passagem mais dolorosa da nossa peregrinação: as instalações dos chamados «furiosos».

Sobre o grupo paira um mal-estar transparente, um como que pesadelo de arrependimento de se terem aventurado tão longe. Umas duas ou três senhoras recusam-se a entrar; ficam-se para traz, podendo nelas, mais que a curiosidade (?!!) o horror pelo sofrer alheio, se não pelo proprio, de tanto vêr sofrer...

UM VISITANTE—E' pavoroso!

O DR. X.—Até para nós, em quem o habito oblitera, em grande parte, a sensibilidade! *(Verificando a presença, num dos «in-pace», de certo doente, cuja aparente tranquilidade contrasta com a super-excitação ruidosa e movimentada dos demais, faz sinal, aos visitantes, para que se aproximem.)*

Obedecem, eles, cada vez com maior relutancia.

O DOENTE, *numa rasgada mesura.*—Sr. Doutor...

O DR. X.—Adeus! Como vai isso?...

O DOENTE—Muito melhor iria, se não fôsse esta péssima vizinhança...

O DR. X.—Incómodos, hein?...

O DOENTE—Indelicados, sobretudo!... Nem ao menos vendo visitas, se sabem portar com decencia... Veja o sr. Doutor esta berraria! Até uma pessoa fica vexado...

O DR. X.—Estes senhores não fazem reparo...

O DOENTE—Não teem se não que desculpar... E, sobretudo, não medirem todos pela mesma bitola...

O DR. X.—Com certeza, em toda a parte se encontra gente educada e gente que não o é... *(Para os visitantes, dando vol-*

ta á chave:) Podemos entrar... Agora, não ha perigo...

O DOENTE—Tanto é que eu já não garanto, sr. Doutor...

O DR. X.—Não garante o quê?!...

O DOENTE—Que não haja perigo... Eu, pelo sim, pelo não, não entrava... O sr. Doutor fará como entender...

O DR. X. *hesita ainda; os visitantes é que não hesitam entre a hesitação do sabio e o conselho do louco: afastam-se pressurosos. Um deles, mesmo, em termos tais de precipitação que só torna a dar por si outra vez na cêrca, ao ouvir uma voz, de sibilino acento, segredar-lhe quasi ao ouvido:* «—Se fôr preciso, eu cá estou...»

O VISITANTE, *de surpreza em surpreza.* —Preciso para quê?!

UM MANIACO, *com grande ar de convicção.*—Para o muito que sirvo e não serve mais ninguem!

O VISITANTE *compreende, então, que está tratando com um louco e, o que mais o atemoriza, que se encontra sensivelmente distanciado do grupo de que fazia parte. Entre bradar por socorro e contemporizar, opta pela contemporização, tanto mais que o interlocutor parece ser a pessoa mais amavel e... ajuizada deste mun-*

do.—Agradecido... Mas não, não preciso nada...

O MANIACO—Ficará, nesse caso, para outra vez...

O VISITANTE—Pois sim. Está combinado...

E vai a afastar-se, quando outro louco o acerca:

UM TABACÓMANO—Um cigarrinho, patrão?... Dá-me um cigarrinho?...

Saca, o VISITANTE, *da cigarreira e despeja-a nas mãos, abertas em concha, do solicitante, que parte aos saltos, a semear pelo chão os cigarros e a bradar, alegre:* «—Um cigarrinho! Um cigarrinho!»

O MANIACO *ao* VISITANTE, *cortando-lhe de novo o passo.*—Em todo o caso, como lhe posso ser necessario dum momento para o outro...

O VISITANTE—Muito obrigado...

O MANIACO—Sem cerimonia... *(Procurando nos bolsos:)* Será bom ficar com a minha morada... *(Não encontra.)* Ora esta! Esqueceu-me a carteira... os bilhetes de visita...

O VISITANTE—Não se incomode...

O MANIACO—E' o mesmo! Apresento-me eu: sou o Best...

O VISITANTE—O quê?!

O MANIACO—O Best. V. Ex.ª joga o «bluff»?...

O VISITANTE—...o «bluff»?! Sim, jogo...

O MANIACO—Quem diz o «bluff», diz tantos outros jogos onde eu—o Best—intervenho, sempre como substituto... Nas faltas... Porque, eu, tanto sou rei, como dama, az de oiros ou terno de espadas... Em resumo: sou o Best!

O VISITANTE—Ah! sim?...

O MANIACO—E, sendo tudo isso, não sou nada disso... Nem sequer podendo ser o que quero, embora seja tudo quanto querem... Agora, por exemplo, apetecia-me... Que lhe parece que me apetecia?...

O VISITANTE—Não sei...

O MANIACO—...Ser manilha de copas! Ai! Tinha um prazer em ser manilha de copas, que nem a V. Ex.ª lhe passa pela idea!

O VISITANTE—Mas seja!

O MANIACO—Isso é bom de dizer! Se calhar fazem-me rei...

O VISITANTE, *a perscrutar as imediações, na esperança de uma intervenção salvadora.*—Que o leva a supôr isso?...

O MANIACO—Ora! o que me leva?! Os manejos dos monarquicos. Se conseguem restaurar a ominosa e o sr. D. Manuel

teima em não voltar, são capazes de fazer jogo comigo...

O VISITANTE—E não lhe agrada essa perspectiva?

UM OLIGÓMANO *passa, a distancia, a repetir:* — Mais um, menos um! Mais um, menos um! Mais um, menos um!...

O MANIACO—Não desagradaria, se fôsse a valer. Mas, como só lhes serviria de instrumento para eles ganharem a partida... «Bluff»!...

O VISITANTE—Ah! julguei que lhe repugnava por convicção politica. Que fôsse republicano...

O MANIACO—Republicano, eu?! Nem monarquico!... Sou as duas coisas e não sou nenhuma, conforme as conveniencias...

O VISITANTE *duvidando, por momentos, de que o homem sempre seja doido.*— Conheço mais gente assim...

O MANIACO — ...As conveniencias alheias...

O VISITANTE, *para consigo.*—Então é...

O MANIACO—Não vê que eu sou o Best...

O VISITANTE—Já sei. E' o Best...

O MANIACO—De nascença... *(Suspende-se e segue a direcção da vista, sempre ansiosa de socorro, do interlocutor.)* Está a olhar para aquele maluco?... *(Indica um desgraçado astásico, acocorado sobre uma pedra.)* Pobre diabo!... Meteu-se-lhe

na cabeça que não se pode pôr de pé... Manias!...

O VISITANTE, *só então se apercebendo do exemplar apontado.*—Que desgraça!

O MANIACO—Nem por isso... Ha por aí bem pior!

O VISITANTE, *muito convicto.*—Quero crêr...

O MANIACO—Mas, como lhe ia dizendo: sou Best de nascença. Imagine que os meus progenitores casaram com separação de bens. Falecido meu pai, que era rico, minha mãe teria ficado á divina, se eu não nasço postumo!... Primeira intervenção funcional...

O VISITANTE—Mas, pelo menos dessa vez, intervenção directa. Da fortuna herdada, sempre virá a caber-lhe uma parte...

O MANIACO—Isso era bom! Minha pobre mãe depositou tudo no Banco Ideal e... foi um ar que lhe deu!

O VISITANTE—Não é caso virgem...

O MANIACO—Nem, doutra forma, eu teria começado tão cedo, a ser o que sou...

O VISITANTE—Best?...

O MANIACO—Sim, senhor. Mais tarde, ainda era garoto, houve uma insubordinação no colegio. Averiguou-se serem três os cabeças de motim, mas só foi possivel verificar a culpabilidade de dois. Pronto!

O VISITANTE—Substituiu o terceiro?...

O MANIACO—«Three»! três cartas. Escusado será dizer que só fui havido, no caso, para ser expulso com dois dos verdadeiros culpados!... Chegada a idade militar, entrei nas sortes...

O VISITANTE—E apuraram-no?...

O MANIACO—Não, senhor. Ou, antes, sim, senhor...

O VISITANTE—?...

O MANIACO—...A freguesia dava cinco mancebos. Eu tirei o n.° 6...

O VISITANTE—Faltou algum?...

O MANIACO—E lá foi o Best completar o «straight»!

O VISITANTE—Destinos!...

O MANIACO—Ah! eu não me queixo...

O OLIGÓMANO *torna a passar-lhes cêrca:*—Mais um, menos um! Mais um, menos um! Mais um, menos um!...

O MANIACO, *apontando-o e levando o indicador direito á testa.*—Outro... *(Prossegue:)* Não me queixo porque, ser Best na vida, sempre é ser alguma coisa, não lhe parece?... E ha tanta gente que não chega a ser coisa nenhuma!

O VISITANTE—Sem duvida...

O MANIACO—Só uma vez é que, ser o que sou, me trouxe desgosto sério...

O VISITANTE—Só uma vez... na vida?! Pois felicito-o. Poucos se gabam disso!

O MANIACO—E' verdade!

O VISITANTE *apela para o precario recurso de começar a andar, na esperança de ir ao encontro do socorro que, decididamente, não vinha ao encontro dele.*— Desgosto de ordem economica?... Dificuldades de dinheiro, talvez?...

O MANIACO, *seguindo-o*—Qual nada! As dificuldades de dinheiro, são as mais simples de resolver! Se ha com quê, paga-se o que se deve; se não ha, fica-se a dever!

O VISITANTE—Ora aí está, reduzido á mais simples expressão, um problema para muitos insoluvel!...

O MANIACO—Porque, a maior parte da gente, nem chega a saber fazer uso dos miolos! Perdem-se nos meandros de considerações subalternas, em vez de seguirem uma directriz firme!... Foi de ordem sentimental, o meu desgosto...

O VISITANTE—Ah! Isso é bem pior!...

O MANIACO—Apaixonei-me! Os mais fortes espiritos teem os seus momentos de fraqueza!...

O VISITANTE—Quem diz o contrario?!

O MANIACO *parando, a imprimir maior solenidade á confidencia, e segurando, o* VISITANTE, *pela gola do casaco, como qualquer ajuizado.* — Apaixonei-me, repito, por uma mulher que eu supuz ser o prototipo da pureza e da honestidade...

O VISITANTE—Compreende-se. Estando apaixonado...

O MANIACO, *sem largar a presa.*—E, ansioso por possui-la, por lhe chamar «minha mulher», nem sequer notei que ela ainda se mostrava mais apressada que eu!

O VISITANTE—Casaram?...

O MANIACO—...Dois meses depois, comunicavam-me, numa carta anonima, que ela tivera um amante... *(A comoção fá-lo relaxar os dedos.)* Escuso de lhe dizer que não dera por semelhante coisa...

O VISITANTE, *a restabelecer a harmonia indumental.*—Tambem se compreende... Com a pressa...

O MANIACO—...Mais quatro meses decorridos, a evidencia da denuncia impunha-se-me!...

O VISITANTE—?...

O MANIACO—Deu á luz dois gemeos...

O VISITANTE—Um «poker»!

O MANIACO—Isso mesmo... Os dois filhos—e eu, a marcar o pai... Mas não ficou por aqui. Perdoei-lhe...

O VISITANTE—A generosidade nunca ficou mal a ninguem! Antes pelo contrario!

O MANIACO—Venha-me para cá com essas! Isso diz o senhor, porque não é o marido!

O VISITANTE *arrisca um passo, mas de-*

balde, porque o outro não se move.—Teve, nesse caso, ocasião de se arrepender?...

O MANIACO—Se lhe parece! As posses eram escassas. Eu, pouco ganhava. Com a mania que tiveram sempre de dizer que sou fraco de cabeça... Fraco de cabeça eu, hein?!

O VISITANTE—Que tolice!

O MANIACO—... a custo encontrava onde exercer a minha actividade e, mesmo quando o conseguia, pagavam-me mal. Contudo, ela gastava á larga! E eu, sim, na boa fé... Mas, nova carta anonima tornou a tirar-me as ilusões e descobri que o «poker»...

O VISITANTE—...Se transformara em «straight-full»?

O MANIACO — Upa! «Royal-straight-full»! Em oiros... Banqueiros, negociantes, argentarios...

O VISITANTE—E o senhor...

O MANIACO—Eu, no meu posto: figurando, no jogo, como aquilo que sou: Best...

Uma gargalhada ressôa proxima. O VISITANTE *mal ha tempo de se aperceber dela e logo verifica que, em vez de um, tem de se haver com dois loucos.*

OUTRO MANIACO *dirigindo-se-lhe, em*

plena euforia. — E' verdade! Roubaram-me, os patifes dos meus socios! Fiquei sem nada!... Perdi tudo! Tudo! Menos a cabeça!... Isso queriam eles!... Ah! ah! ah! Como se o dinheiro désse felicidade! E que désse, em oito dias sou capaz de ganhar o perdido e outro tanto! e outro tanto! e outro tanto!

E afasta-se, satisfeitissimo, a esfregar as mãos, solta ao vento a grenha que o desgosto sofrido ajudara talvez a branquejar, erguida a cabeça em geito de quem precisamente no ser louco encontrou a felicidade que o dinheiro não dá...

O MANIACO, *como se não notasse a interrupção.*—Quanto á madama...

O VISITANTE, *desorientado de todo.*—...Sua mulher?...

O MANIACO—Pois! Pu-la com dono...

O VISITANTE—Ah!

O MANIACO — Cá para mim, por mais que a gente goste delas, isto de mulheres daquela laia são como os agiotas: desprezam-se, até mesmo quando se lhes aproveitam os serviços!... Quanto mais sendo eu incapaz de tal!

O VISITANTE—Inteiramente de acôrdo. Só as honestas nos devem merecer respeito!...

O MANIACO—As honestas?!... Sim... A' falta de melhor, respeitam-se... Que remedio!...

O VISITANTE—Noto que tambem possue idéas assentes sobre o «eterno feminino»!

O MANIACO—E o torpe masculino!... Ou não tivesse, eu, nascido Best, que é como quem diz «para as faltas»!... O que, nesta função, tenho visto é pavoroso!

O VISITANTE—Quero crêr...

O MANIACO — Egoismos, venalidades, traições, cobardias! E cada vez pior! O mundo caminha, decididamente, para a pan-loucura! Sou eu quem lh'o diz! E, neste ponto, desculpe-me a vaidade: tenho qualidade para falar!...

O VISITANTE—Com certeza... *(Nova tentativa, inutil, de deslocação.)*

O MANIACO—Se eu lhe fôsse a contar...

O VISITANTE—Perdão. E' que os meus companheiros... Sim... Não sei se quererão retirar-se...

O MANIACO—Deixe-os ir! Importe-se tanto com eles, como eles se importam consigo! A maioria das pessoas...

O VISITANTE—Está bem... Mas fica para outra vez... Eu voltarei...

O MANIACO, *irredutivel.*—Agora, por maioria... Outro «bluff»! «O poder das maiorias», «as maiorias é que governam», o «principio democratico das maiorias»!

Lérias! Frases feitas! Enchem, para aí, a boca com isso e, afinal... Olhe, sem ir mais longe, aqui: Ninguem porá em duvida que sejam, os doidos, a maioria?! Sim, não o digo por mim...

O VISITANTE—De maneira alguma!. .

O MANIACO—E, o facto de não fazer parte dessa maioria, confere-me ainda mais autoridade para falar...

O VISITANTE—Sem duvida...

O MANIACO—Pois constituindo, os doidos, a maioria, por cá, veja se são eles que governam! Coitados! Ouve-os? Ainda em cima chamam furiosos áqueles! E porquê?... Afinal, porque gritam mais que os outros... Lá fóra, são os que teem razão, aqueles que mais gritam! Cá dentro, é o que se vê... Quere ir lá, comigo? A' falta de melhor companhia... Para as faltas é que eu sirvo! O Best, é Best aqui e em toda a parte! Com muita honra!

O VISITANTE—Não! Não! Muito agradecido. Doutra vez será... Adeus. Boa tarde...

O MANIACO—Como quizer. Eu não me imponho. Nem costumo oferecer-me. Quando precisam, utilizam-me... Ah! agora por isso! Desejava pedir-lhe um favor...

O VISITANTE, *que já se ia afastando, pára a atendê-lo*—Pois não...

O MANIACO—...Não dizer, lá fóra, que me encontrou aqui...

O VISITANTE—Pode estar descansado...

O MANIACO—E', exactamente, o que eu não estou... Consta-me que ha crise ministerial...

O VISITANTE—Pode ser... São tão frequentes!...

O MANIACO—Mas que pretendem, desta vez, formar um governo de «azes»...

O VISITANTE—Tambem é ambição constante, embora sempre irrealizada!...

O MANIACO—Ora, como tantos «azes» juntos constituem uma hipotese que jamais «bluff» algum previu, receio que faltem no baralho e se lembrem de mim...

O VISITANTE—E o senhor não quere?...

O MANIACO—...ser ministro? Eu não tenho querer... Sou Best... Mas, francamente: é que, nem mesmo como tal, me julgo habilitado...

O VISITANTE—Esteja tranquilo! E' o que mais abunda, lá fóra, são Bests habilitados!...

O MANIACO—Sério? Então, isso por lá, ainda anda pior que por aqui?!...

O VISITANTE—O senhor o disse, ha pouco: O mundo caminha para a pan-loucura!

O MANIACO—Coitados! E sem terem, ao menos, quem os trate! Sim... eu, cá por

mim, posso falar... Sou Best... Doido ou ajuizado, suplente—apenas para as faltas... Enquanto que, eles, efectivos!...

O VISITANTE—Isto é, em exercicio, uns, outros adidos... Mas, adeus! Até mais vêr...

O MANIACO—Com todo o gosto! Quando quizer... A casa, está ás ordens.

O OLIGÓMANO, *no seu deambular ininterrupto:*—Mais um, menos um! Mais um, menos um! Mais um, menos um!...

JUIZO DE SALOMÃO

JUIZO DE SALOMÃO

FIGURAS: O DR. SALOMÃO; CLARA; O MARIDO

Escritorio de advogado, estilo antigo. O proprio advogado, do mesmo estilo: cabelo branco e suissas magistrais (de magistrado...), sobrecasaca, colarinho e punhos gomados, botas de elastico.

Imprimindo apenas uma relativa contemporaneidade ao meio e á pessoa, a maquina de escrever, que matraca, na sala de entrada, e o telefone, cujo auscultador o DR. SALOMÃO *acaba de repôr no descanso, quando entra o Continuo, a entregar-lhe um bilhete de visita.*

O DOUTOR *sorrindo com bonomia, ao lêr o nome no cartão.*—Mande entrar... *(E, ele proprio, se dirige para a porta, a receber a pessoa anunciada.)* Que feliz moção a traz por esta sua casa, minha que-

rida senhora?! Tem graça, porque, precisamente, acaba de me telefonar...

Repara, contudo, em que a disposição da recenchegada está longe de corresponder ao seu jubilo e modera-o. Atentando, melhor ainda, nessa circunstancia, dá-se mesmo pressa em amparar a visitante, que mal se sustém de pé, presa de intensa comoção.

CLARA—Senhor doutor...

O DOUTOR—Que é isso?! Que tem?!

CLARA—...Meu amigo!...

O DOUTOR, *fazendo-a sentar-se.*—Com certeza, seu amigo... Mas sente-se. Está ofegante! Repoise um pouco... Teria graça que não fôsse seu amigo, eu que já o era de seu pai... Que o sou de seu marido...

CLARA *soerguendo-se, num movimento de repulsa, mas tornando logo a deixar-se caír sobre a cadeira.*—Meu marido?! *(Enxuga os olhos.)* Posso, nesse caso, contar consigo?...

O DOUTOR—Em absoluto. Diga?... De que se trata?

CLARA—Mesmo contra... meu marido?

O DOUTOR—Na verdade, mal me é dado admitir a hipotese! Se, alguma vez, existiu casal feliz...

CLARA—As aparencias...

O DOUTOR—...Não raro iludem, é certo... De toda a maneira, casados ha?... haverá?...

CLARA—Quatro anos!... *(Nova crise de lagrimas, maguadas ou de tédio, nem talvez ela o soubesse bem!...)*

O DOUTOR—Quatro anos... de plena lua de mel! Assim o supuz sempre... Uns poucos de filhos...

CLARA—Cinco...

O DOUTOR—Mais de um, por ano...

CLARA—Dois, são gemeos...

O DOUTOR—E' verdade! Um menino e uma menina. E, nestas condições, aparece-me a senhora, aqui, lavada em lagrimas, a pedir que a defenda de seu marido!...

CLARA—Assim é, por mais que se lhe afigure estranho... Preciso, em primeiro lugar, do seu conselho de amigo! Depois... dos seus serviços de advogado...

O DOUTOR—Oh! lá! lá! Onde nós vamos!

CLARA—Estou resolvida—firmemente resolvida!—a divorciar-me!

O DOUTOR—Não é o bastante... Não depende, o divorcio, apenas da resolução de um dos conjuges... Nem mesmo da dos dois, em certos casos. E' indispensavel que se produzam circunstancias... *(Mas os so-*

luços voltam a embargar-lhe a voz, a ela, e o DOUTOR *prossegue:)* Com certeza não partem do seu lado os motivos a invocar... Já porque a considero incapaz da menor falta, seja de que natureza fôr, já porque, se partissem... seria o seu marido, e não a senhora, a aduzi-los...

CLARA—E, como vê, sou eu...

O DOUTOR — Deixe-me confessar-lhe que, por enquanto, cada vez vejo menos!... O que me autoriza a esperar tudo, salvo, repito, em circunstancia alguma, a existencia de culpabilidade da sua parte. A verdade, porém, é que, quando me entregaram, ha pouco, o seu cartão, acabava seu marido de me telefonar...

CLARA, *num novo movimento de repulsa.*—Ele?!...

O DOUTOR—Sem duvida... ele. A preguntar-me se o podia receber.

CLARA—E, o Doutor, respondeu-lhe?...

O DOUTOR—Que sim. Naturalmente.

CLARA—Nesse caso...

O DOUTOR—Então?! Pode contar comigo, em absoluto, já lh'o disse. E acrescentaria, até, que poderão contar ambos, se tal compromisso não oferecesse risco de se lhe afigurar temerario—a si e até a mim! Mas vamos, diga... Conte-me o que se passou... *(E, como quer que ela, tolhida pelas lagrimas, não logre explicar-se.)*

Ciumes, não é verdade? E' sempre a hipotese a admitir, em primeiro lugar. Não?... Sim?... Nem sim, nem não... Talvez?... Bem, não existir a certeza, já é alguma coisa! Sevicias... não creio! Julgo-o, a ele, uma pessoa educada... Sei que o é. Está bem, vejo que não me enganei. Ora, postos de parte o ciume e as sevicias, temos?... temos?... Enfim... qualquer frase intempestiva?... A's vezes, num momento de cólera... Tambem não?... Era de supôr... Francamente, que a prive de meios?... lh'os restrinja, a ponto?!... Tão pouco?... Claro! Nem isso seria caso... A dar-se essa circunstancia, dificuldades de vida... só motivos ponderosos a determinariam e era, a minha boa amiga, com certeza, a primeira a reconhecê-lo... Mas, com franqueza, não sei... não encontro...

CLARA, *num desabafo de lacerada angustia.*—Não... me liga nenhuma... importancia!...

O DOUTOR—?!

CLARA—...Não! Não quere saber de mim!

O DOUTOR—Exagera, com certeza!

CLARA *dominando, enfim, o pranto e torrencial de palavras.*—Já não é de agora!... Sempre o senti como que reservado, não correspondendo, de maneira alguma, ao meu feitio expansivo, ávido de cari-

nhos e de confiança absoluta! Nos ultimos tempos, porém, esse seu modo de ser acentuou-se... tem-se ido agravando... Não digo que ele me odeie... Que me queira mal... Não! Sinto, contudo, que não lhe basto, que não sou a mulher que ele ambicionaria! Oculta-me a sua vida... sobretudo, as contrariedades da sua vida, qual se por indiferente, se não por inimiga, me houvesse... Como se eu fôra incapaz de o compreender!... Não serei muito inteligente, mas tambem não sou nenhuma estupida! Ora tenho a impressão de que ele me considera diferente dele, menos que ele... quando me julgo com direito a ser tanto como ele! Desta disposição de... ambos, resultou uma desconfiança reciproca... que não tardou em transformar-se em animosidade latente... E, já agora, por fim, em franca hostilidade! Durante as poucas horas que passava ao pé de mim, raro me dirigia a palavra... Ainda tentei iludir-me, a mim mesma, falando eu pelos dois... Surpreendi-o a dormir! A dormir! E isto repetiu-se!... Repetiu-se vezes seguidas! Não! Não posso mais! Não quero mais! Acabou-se! Está tudo acabado!

O DOUTOR—Tudo que, afinal, vem a ser nada! Sim! um mal-entendido, aliás frequente entre esposos... Esposos que se amam, entende-se, e mais atreitos, por isso

mesmo, a susceptibilidades que, no fundo, continuam a ser afecto...

CLARA—Estranha manifestação afectiva, ha de concordar!...

O DOUTOR—Vejamos. Em resumo, de que se queixa a minha boa amiga? Do genio concentrado dele... sobretudo de não desabafar consigo, de não lhe comunicar os desgostos. Aí está um egoismo bem original, para que não tenha todo o ar de ser exactamente o contrario! De seguro, ele o faz para poupá-la a esses mesmos desgostos... Antes deveria agradecer-lhe!...

CLARA—Não! Quando se ama deveras, é-se tão cioso do agradavel, como do desagradavel!

O DOUTOR—Cioso, talvez. Pródigo é que se não deverá ser... Pelo contrario! Faz muita diferença! Que ele fala pouco, diz...

CLARA—Não chega a falar!

O DOUTOR — ...Outra queixa, tambem muito mais frequente do que se supõe... Sim! Não ha como ser velho, para saber destas coisas, mesmo sem pretenções a psicologo, como se diz agora! Quantas esposas se queixam do mesmo... com a mesma sem-razão!

CLARA—Sem-razão?!

O DOUTOR—...ignorando, ou não querendo atender a que, a gente, vê-se for-

çado a falar tanto e a ouvir falar tanto, cá por fóra...

CLARA—Isso mesmo! E' do que eu me queixo! Farta estou eu de saber que ele «cá por fóra» fala pelos cotovelos!

O DOUTOR—Professor de linguas, como queria que fôsse mudo?... Pelo menos nas aulas...

CLARA—E, na Camara, quando funcionavam?...

O DOUTOR—Deputado da oposição, o seu dever era não estar calado, embora não dissesse nada!...

CLARA—Até em casa. Ponto é que haja visitas, conversa, discute, anima-se!

O DOUTOR—Que remedio, pois que os deveres da delicadeza assim lh'o impõem?! Por isso mesmo, quando a seu lado, não será humano que se dê treguas, que se manifeste tal como é, de facto — que seja quem é, não como a necessidade ou as conveniencias lhe impõem que aparente ser?...

CLARA—...E durma?!

O DOUTOR—...beatificamente... porque não?... No goso saboreado dessa plena tranquilidade que só o conchego do lar proporciona... Oh! se as senhoras soubessem até que ponto a possibilidade do descanso moral depende do descanso fisico! Qualquer coisa como vazos comunicantes...

CLARA—Não, meu amigo... Vejo bem o seu empenho em evitar o... inevitavel, mas é tarde! O choque produziu-se! Trocaram-se, entre nós, palavras que são decisivas... Não, já agora, é impossivel! Tem de ser! Não ha razões que o impeçam...

O DOUTOR, *queimando o ultimo cartuxo.*—Nem a razão dos filhos?! Esqueceu... se é que não o esqueceram ambos, que está em jogo o destino de cinco crianças!...

CLARA, *outra vez lacrimosa.*—Tanto o não esqueci que... essa razão... foi, precisamente, a que me trouxe cá...

Neste momento, o Continuo tornou a assomar á porta e, a um gesto do DR. SALOMÃO, *abeirou-o, entregando-lhe novo bilhete de visita.*

O DOUTOR, *ao Continuo, após lêr o cartão.* — Diga que peço o favor de esperar um momento. *(E, para ela, desaparecido aquele:)* E' seu marido. Não se pode dizer que não chegasse na altura precisa. Dá-me licença que o mande entrar?...

CLARA—O sr. Doutor está em sua casa... *(Ergue-se.)*

O DOUTOR — Quando estão senhoras, são elas quem manda... Pelo menos «em minha casa»...

CLARA—...Saírei eu...

O DOUTOR — Não vejo motivo para isso... Precisamente, este caso dos filhos, que terá, em ultima instancia, de ser solucionado pelos tribunais, bem poderemos nós tentar resolvê-lo, de comum acôrdo, desde já... Quando menos, ganhar-se ha tempo... Visto o divorcio oferecer-se inevitavel!

CLARA—Ah! isso sim! Inevitavel!

O DOUTOR—Portanto?...

CLARA—Não o quero vêr!

O DOUTOR—E' facil. Esta cadeira aqui, voltada para a janela, proporcionar-lhe ha o meio de discutirmos sem se encararem... *(Como ela manifeste conformar-se com o alvitre, sentando-se, toca a campainha; ao Continuo que tem obedecido ao apelo:)* Mande entrar.

Um silencio. Entra o MARIDO.

O DOUTOR *vai-lhe ao encontro.* — Não lhe direi que tenho um grande prazer em vê-lo por esta sua casa, atendendo ao motivo que o traz, mas...

O MARIDO *notando, desde logo, a presença de* CLARA:) Ah! perdão... *(Esboça um movimento de recuo, neutralizado, porém, pelo* DOUTOR *que, ao apertar-lhe a mão, lha retém.)* Verifico que cheguei tarde, meu caro Salomão...

O DOUTOR—Pelo contrario. A mim oferece-se-me, antes, que você chegou muito a tempo. Isto mesmo acabava eu de afirmar a sua mulher...

CLARA, *de costas*.—Ex!... Ex-mulher!

O DOUTOR—Por enquanto, mulher, por mais que isso pese... a todos nós!...

O MARIDO—Vejo que está ao facto do que se passa e concluo, da presença aqui «dessa senhora», que o serviço que vinha solicitar-lhe não mo poderá já prestar...

O DOUTOR—...Seu advogado na acção do divorcio?...

O MARIDO—Isso mesmo...

O DOUTOR—Quem sabe?... Tambem ainda ha pouco lhe disse, a ela, que, por mais que possa parecer insólito, não será contudo impossivel prestar-lhes, aos dois, esse mesmo serviço...

O MARIDO—?!

O DOUTOR—Oiça. Pelo menos quanto a um ponto, creio estarem ambos de pleno acôrdo...

CLARA—Nenhum!

O MARIDO—Não insista!

O DOUTOR—Serenidade, se fazem favor! Então?! Esse ponto é a inevitabilidade da separação...

CLARA—Absoluta!

O MARIDO—Terminante!

O DOUTOR—Já vêem... Ora muito bem!

Quando você entrou, estavamos tratando, eu e a minha constituinte, da questão dos filhos.

O MARIDO—Exijo que me sejam entregues!

CLARA—Era o que me faltava vêr!

O DOUTOR — Devagar! Assim, nunca chegaremos a entender-nos... Temos três rapazes e duas meninas...

O MARIDO — Pelo menos os rapazes, creio que a lei...

O DOUTOR—A lei, neste caso, é muito condicional...

CLARA—Exactamente dois dos rapazes são os mais pequenos e que menos podem dispensar os carinhos de mãe!

O MARIDO—Sejam, então, as meninas e o mais velho.

CLARA—As meninas, tenho eu a lei por mim!

O DOUTOR—Repito-lhes que a lei não é por ninguem...

CLARA—...e, o mais velho, é doente e carece de cuidados que «esse senhor» não saberá prestar-lhe!

O MARIDO—Em resumo, todos para «a senhora»?!

CLARA *mantendo-se sempre de costas.* —Não começou, «o senhor», logo por exigir todos?!

O DOUTOR—Se me dão licença, propo-

rei, como Salomão que sou, que se divida a contenda ao meio...

CLARA—Três para mim!

O MARIDO—Não, nesse caso, para mim é que serão três!

O DOUTOR—E' verdade! Temos numero impar... O que colocaria, o proprio juiz, na contingencia de, como o meu homónimo bíblico, ter de partir um dos meudos ao meio!...

CLARA, *erguendo-se de salto e voltando-se, enfim.*—Oh! não! Isso não! Horror!

O MARIDO—Que idea!

O DOUTOR—De maneira alguma, é claro! A solução, terá que ser outra. Aliás, facil de encontrar... Tudo está em que, de ante-mão, se obriguem, os dois, a aceitar a que eu lhes propuzer...

CLARA—Mas...

O MARIDO—Resta saber...

O DOUTOR—Teem ou não teem confiança em mim?...

O MARIDO—Completa!

CLARA—Absoluta!

OS DOIS—Ilimitada!

O DOUTOR—Sendo assim, oiçam... Mas, para me ouvirem melhor, aproximem-se. Isso. Mais um bocadinho. Estas coisas não são para ser gritadas... *(Já, então, os dois estão proximos; fitando-os, um após*

o outro:) A hipotese de evitar o divorcio continua arredada, não é verdade?...

CLARA—Seguramente!

O MARIDO—Sem a menor duvida!

O DOUTOR—Este ponto bem assente, em principio, nada impede contudo que, dada a indivisibilidade do numero dos filhos existentes, o adiemos até que...

CLARA—Até que?...

O MARIDO—Até que?...

O DOUTOR—Nasça mais um—unica forma de tornar possivel separar três para cada lado.

O MARIDO, *hesitante.*—Questão de mais alguns meses...

CLARA, *não mui fóra da proposta.*—...de penitencia!...

O DOUTOR—Lembro-lhes que se obrigaram a aceitar a minha solução...

CLARA—Seja...

O MARIDO—Que remédio!...

O DOUTOR—Ora aqui está! Como vêem, foi possivel ser advogado dos dois...

OS DOIS—E' verdade! Tem graça!

CLARA—Adeus, sr. Doutor! E muito agradecida!

O MARIDO—Meu caro Salomão!...

O DOUTOR—Um momento! Que pressa! Se a minha função de advogado terminou, ao amigo—velho amigo de ambos—resta, ainda, exprimir-lhes os mais sinceros vo-

tos por que o precalço dos... gémeos não se repita. Outra vez numero impar, o tempo «da penitencia» duplicaria!...

O «BOSQUE SAGRADO»

O «BOSQUE SAGRADO»

FIGURAS: O OBSERVADOR; outras

Galaria do Palace-Hotel — Bussaco. Em frente o solo areiado da ampla esplanada, que o sol de um dia ardente de Julho escalda. Para lá, horizontes esfumados até ao infinito, em planos irregulares, de caprichosa policromia. A' direita, denso mole de vegetação, onde as arvores seculares abundam ainda mais que em quintalorio de novo-rico, mandadas plantar pelo actual proprietario. Rumorejo de folhas. Chilreio de passaros... Tudo convida á meditação, ao introvertimento, a abstracções filosoficas, as quais, apesar de filosoficas, podem não ser despidas, de todo, de interesse...

E', até, esse o caso:

O OBSERVADOR *estirado numa das ca-*

deiras de verga, semi-cerrados os olhos, para melhor rememoração, monologa.— Bosque Sagrado... Oh! sim!... E não tanto por as bulas dos Papas terem-no decretado, defendendo-te da ferocidade dos homens, mais implacavel que a das feras, como pelo que conténs de Vida em constante renovação, de Tradição insistentemente evocada, de Bem-aventurança que generosamente prodigalisas! Bosque Sagrado!... Tudo, em ti, repete «Amor!», «Patria!», «Deus!» Tudo, em ti, fala, mesmo quando, como agora, no silencio quasi absoluto, são apenas as avesinhas que falam por ti... Sobretudo quando a tempestade, contorcendo os teus milhares de braços, geme pelos teus milhões de folhas!

Livro imenso que és, a um tempo, «Biblia» e «Lusiadas»: toda a historia sacra e toda a nossa historia épica! O' Bosque Sagrado! Divino Bosque!... Dão-nos fé, as tuas quasi apagadas ruinas, dos romanos que, em recuados seculos, te povoaram. A Cruz Alta fala-nos dos primitivos freires que te habitaram e dos increus que te assolaram. As veredas que te sulcam, em todos os sentidos, aqui se bifurcando, ali se trifurcando, ora empinadas em ladeira ingrime, ora lançadas em suave pendor, sempre ensombradas em termos do zimborio azul do espaço mal trespassar o docel

verde da vegetação, dir-se hia, no seu convergirem todas ao ponto central, que lhes é ponto comum de chegada e de partida, complicado sistema arterial em que o pequeno Mosteiro, encorporado hoje no magnificente Palace, faria de coração. Mosteiro: Hotel—simbiose caracteristica da materialidade dos tempos decorrentes! Pior que isso: coração absorvido pelo estomago...

«E as capelinhas, onde toda a dolorida legenda do Nazareno aparece figuradamente glosada, que menos são que autentico rosario, tantissimas vezes esbagoado pelos monges, nas suas peregrinações piedosas?! Rosario cujas bagas a ferrugem dos seculos e a negligencia das gentes desmantelaram, é certo... E, assim, com a sua propria ruina, tudo quanto oferecem aos peregrinos de hoje, nas excursões turisticas, é a imagem da ruina da propria Fé que as erijiu...

«Bosque sagrado em que tudo fala, sim! e, por mais que o faça nos mais barbaros idiomas, se faz compreender pelas nossas almas de crentes e... increntes! Que, ouvir-te, é Crêr—ainda os mais relapsos livres-pensadores! Crêr na divindade, pelo menos, desta Natureza uberrima, exuberante, latejante de energias vitais que nos cerca, nos empolga, nos esma-

ga! Sacrificar, quando menos, no altar laico da Tradição patria que tem em ti—ó Bosque Sagrado!—o mais glorioso dos compendios de sacro-épicas paginas!

«Transferidos de todas as latitudes, basta que uma lijeira viração te arrepie os cimos para que a lição se repita: curvados pelos seculos, seus fustes altissimos, os cedros do Líbano contam-nos do seu berço syriaco e, por associação de ideas, essas lutas, velhas de seculos como eles, com os infieis, representam-se-nos vivas, quais se de hoje fôssem; as palmeiras, as canforeiras do afastado Equador e até uma maravilhosa araucaria dos mais proximos Tropicos, cantam-nos dos nossos nautas as glorias; os abetos, as tilias, os carvalhos do norte da Europa, como os nossos castanheiros, sobreiros, platanos testemunhas são ainda vivas—as unicas!—dos combates que marcaram, para a estrela napoleonica, o inicio do seu ocaso...

«Bosque Sagrado! Tudo isto tu nos segredas quando a brisa apenas te agita; tudo—e quanto mais?!—como que em estrofes heroicas, repetes em tom estentorico, quando a tempestade te sacode. E', então, qual se o proprio Adamastor voltara a imprecar! E, para que neste verdadeiro «Lusiadas» que és, vivo, nada falte, qual mais perfeito scenario de outra Ilha dos

Amores... continental que as tuas miniaturas de cascatas, onde a agua deslisa de mansinho, a entoar uma eterna elegia, os lagos se desdobram como espelhos movediços de Náiadeas que não vêmos, mas em que crêmos, tanto o poder evocador local se exerce sobre nós; onde os fetos quasi são arvores frondosas, as laranjeiras bravas, as mimosas, as cameleiras, os eucaliptos aqui emolduram o espelho das aguas, ali se densificam em maciços compactos, acolá formam sobrecéu, mais além se abrem em misteriosos retiros, com cortinados de rosas de tocar; onde a era, os trevos, as margaridas, os malmequeres, as perpetuas amarelas e roxas se desdobram a nossos pés, em multicor alcatifa, ao passo que, sobre as nossas cabeças, invisivel orquestra, de milhares de professores alados, executa harmonioso repertorio, que é como quem diz expurgado de «black bottons», «kin-ka-jus» e quejandos exotismos cacafonicos — onde, finalmente, tudo é côr, harmonia, perfume: Vida!

«E, não obstante—ó Bosque Sagrado! —a grande maioria dos portugueses ignora-te, embevecida em maravilhas estrangeiras que não te igualam, quanto mais excederem-te; da restante parte ainda apenas uma minima percentagem te visita, porque a erronea lenda se espalhou

de que «és caro», quando a estadia no mais insosso burgo montanhês da Suissa, da França, da Holanda ou da Italia custa em francos, suissos ou franceses, em florins ou em liras, o dobro que tu custas em desvalorizados escudos...

Não garantimos que a proporção cambial esteja certa. Tudo mais está. E' que, embalado, ele proprio, pela monotonia de tão longa evocação, o OBSERVADOR *acabara por se deixar... adormecer. Embora seja de admitir que outro tanto haja sucedido ao leitor, sempre registamos a restricção, por um escrupulo de exacta verdade que é timbre muito nosso. E tambem porque ha leitores que resistem a tudo e Deus nos defenda de sermos apanhados em falso...*

Na sala grande, de jantar. De jantar e de almoçar. Precisamente, está o almoço a ser servido.

Das cincoenta ou mais mesas que mobilam o luxuoso recinto, em disposição de forçarem os refeitantes, para ocuparem os seus lugares, a fazer SS, logo desde a entrada, talvez no intuito de disfarçar os

da saída (o Bussaco é, como se sabe, muito frequentado por ingleses...) apenas umas três estão ocupadas.

Numa delas, duas senhoras, um cavalheiro de certa idade e dois meudos. Em fatos de viagem e todo o ar de terem vindo apenas almoçar. Noutra, arrimada a uma das grandes portadas ogivais de vidraça, uma quarentona fresca, com um tal ou qual ar aristocratico, e, em frente dela, um moço de jaquetão cintado e de camisa á «sport», aberta em largo decote. Mãe e filho? Assentemos em que sim, até prova em contrario. Ainda, na outra, um casal de aspecto insignificante, movimentos acanhados de pessoas que não se sentem no seu meio.

Ouvem-se voar as moscas, tanto parecem todos fazer depender a sua reputação de bem-educados do tom de surdina em que conversam. Os proprios criados, deambulam num silencio de solas de borracha. O chefe da mesa vigia o serviço, de bloco e lapis em punho, tambem silencioso, mantendo inalteravel a linha diplomatica que convém á sua delicada função.

Veem entrando mais duas pessoas. O facto de ela trazer chapéu, não quere dizer que não sejam hospedes. Ao invez, indica serem-no o dirigirem-se logo para a mesa, sua habitual. O chapéu assinala

apenas a obrigação em que, nos hoteis de luxo, certas senhoras se julgam de não o dispensarem ao almoço, mesmo que saiam directamente do quarto, como não dispensam o decote, ao jantar, mesmo que voltem directamente para o quarto. Percorrida a sala, como se fôssem sombras, sem o mesmo menor ruído, sentam-se.

Logo outro casal assoma á porta, cujo batente o «chasseur» impele pressuroso e... silencioso. Tanto o «chasseur» como o batente. E' de notar que os casais são a especialidade da casa... Tambem este tem já lugar certo, que ocupa no mesmo silencio inalteravel.

E, assim, outros comensais veem chegando, até umas dez mesas ficarem ocupadas, num total de vinte e tantas pessoas, as quais quasi todas se encontram pelo menos duas vezes por dia, ás refeições, mas parece nunca se terem visto, no nem sequer se baixarem a cabeça. Possivelmente ainda exigencia de requintada educação, se não infecção do local. Pois que o habitaram frades, em tempos idos, será a antiga regra a impôr-se aos seculares do tempo presente. E a impôr-se em termos de deixar duvidas sobre se esses frades, mais que Carmelitas-descalços, não seriam hiper-Trapistas: Carmelitas, no todos parecerem deixar os sapatos fóra,

para fazerem menos bulha; mais que Trapistas, no não falarem a ninguem, nem sequer para trocar, ao encontrarem-se, um «memento, homo», apesar de tudo, menos sepulcral que aquele absoluto silencio de acrisolado bom-tom.

Mas eis que uma risada estraleja, de tão acentuado timbre juvenil que todos os olhos incidem sobre a mesa dos bébés. Até mesmo o cavalheiro de certa idade parece ter sido joguete da ilusão geral, pois admoesta, em surdina, o mais velho, o qual, inocente do tremendo pecado que lhe atribuem, põe-se a chorar. Afinal quem risara fôra o éfebo da quarentona «com um tal ou qual ar aristocratico». O meudo, injustamente increpado, não desiste, porém, de chorar; o irmão mais novo solidariza-se com ele, embora por motivo menos sentimental e mais fisiologico, e o presumivel papá tem que levar este ao colo, lá fóra, enquanto a presumivel mamã limpa, com saliva no lenço, os laivos negros que as lagrimas, amaçadas com a poeira, deixaram nas bochechas do outro.

Nesta altura, o quinteto rompe com um «charleston» e, qual no Teatro, como se apenas esperasse pela deixa musical para entrar em scena, outro casal—mais um...—atravessa a sala, em todo o seu comprimento, alvo de todos os olhares, se

não escandalisados, manifestamente surprezos. Ela, de estatura esbelta, braços núis, colo núi e, sobre o resto, um tecido de côres berrantes, pouco mais espesso que o manto da Verdade, do Eça. E ainda menos longo, pois mal lhe roça pelos joelhos. Sobre isto um bamboliar de quadris de meter num chinelo a mais saricotada «tiple» castissima de zarzuela. Ele, orçando-lhe pela altura, reforçado e de camisola de malha xadrezada, o que lhe imprime — com a rudeza dos ademanes — aspecto de atleta, jogador de «foot-ball», ou carregador da Alfandega.

O quinteto prossegue. Prossegue o almoço e o chefe da mesa tem-se dado pressa em fornecer aos recenchegados, hospedes novos, a lista dos vinhos. Percorre-a, Ele, atentamente; passa-lhe, Ela, a vista. Olham, os dois, um para o outro:

ELE—Traga agua.
ELA—Não, bebemos vinho...

Entre parentesis, é de registar o pouco que, cada vez mais, se bebe vinho, neste país por excelencia vinhateiro! Rara é a mesa onde se vai além das aguas minerais. Mesa portuguesa, subentende-se... Ainda desta vez, pois, o bloco do chefe se mantém virgem.

O casal que notámos sentir-se deslocado conserva-se, mais que todos, em silencio e, sem prejuizo do excelente apetite, observa com rigor a etiqueta arcaica de deixar sempre um resto de comida nos pratos... Os espargos determinam, em ambos, um momento de hesitação. Ela, ainda chega a pegar no garfo e na faca. Lançando, porém, em redor um olhar investigador, agarra-lhes com a mão. Ele, mais meticuloso, fá-lo com o guardanapo.

Terminado o «charleston» e suspensa a musica, volta-se ao silencio monacal. Desde que entraram, o atleta e a companheira — sobretudo esta — são alvo dos olhares—sobretudo masculinos. Sentem-se, embora não se oiçam, os comentarios cochichados. Em cada mesa, a dama critica a espectaculosidade e os modos «indecentes» d'Ela. E o cavalheiro correspondente simula concordar, arrancha á critica, declara, por seu lado, tambem «pouco decente» o trajo d'Ele: «—De camisola á mesa dum hotel desta ordem!»—*para ter pretexto de continuar a olhar para Ela...*

O papá, de volta com o filho mais pequeno, sái de novo, para o mesmo efeito, com o mais crescido. A dama «com um tal ou qual ar aristocratico» e o moço de decote desportivo são os primeiros a levantar-se e deslizam, muito cinjidos. Decidi-

damente serão mãe e filho. O quinteto ataca uma selecção da «Carmen», começando pela marcha, em cheio, de Escamillo. E, então, no casal dos «deslocados», é como que uma transformação á vista! Iluminam-se-lhes os olhos, até ali amortecidos, distendem-se-lhes os labios num sorriso feliz. Para que a musica francesa, mais espanhola que se tem escrito, influa sobre eles, em termos tais, por força serão espanhois...

Cada vez mais, os olhares incidem sobre a comensal decotada por todos os lados. E' que, servido o café, puxara por um maço de cigarrilhas, acendera uma— tudo que ha de mais corrente—mas oferecera, outra... ao criado! Complemento, este, tão fóra dos usos, que o proprio contemplado hesita. Ela insiste. Então o criado aceita, mas esconde a cigarrilha no bolso, quasi tão vexado como a galaria... Levantam-se Ela e Ele e saem como entraram: Ela, no mesmo quebrar da cinta que lhe transmite ás rotundidades infrajacentes movimentos de rotação e translacção de globos terraquios; Ele a estender e a encolher os braços por sobre as mesas, em gestos largos de quem faz gimnastica ou... se espreguiça...

Expirados os ultimos acordes da «Carmen», as poucas pessoas que ainda

restam, aplaudem. Mas, por todas, quanto a entusiasmo, aplaude o casal «deslocado». Como tenham tambem acabado de almoçar, levantam-se. Fazendo-o, Ele tira do paliteiro e guarda no bolso uns poucos de palitos. Observa-lhe, Ela, qualquer coisa, tão baixo que não se ouve. Ele explica-lhe, em termos de se ouvir, ter-se provido dos palitos: «—...por se acaso!...»

Sempre são espanhois.

Na sala só restam as duas senhoras, os meudos e o cavalheiro de certa idade que consegue, finalmente, começar a almoçar. Como compensação, é servido, pelos criados, com solicitude aînda maior que a habitual neles. E' que não teem outro meio de vêr depressa... pelas costas a familia retardataria—não teem, nem doutro lhes permitiria usar a sua impecavel correcção.

No Bosque Sagrado. Domingo prenhe de sol e de... barbaros.

Apesar de, ainda assim, ser em média de vinte pessoas a população do Palace—pelo menos, nessa altura—tirante as horas das refeições, não se vê ninguem. Se tudo aquilo é tão grande! Encerrados, uns, nos aposentos, influencia ainda, talvez, do

ambiente tradicional da clausura; perdidos, outros, pelas veredas que se ofereciam, ao OBSERVADOR, *qual outro complicado sistema arterial, o Bosque Sagrado recorda essoutro da Princesa Adormecida, de que rezam os contos infantis.*

Ao domingo—graças a Deus e... infelizmente!—lá se anima um pouco mais a paizagem. Desde mui manhãsinha começam a chegar autos, caminhões, trens, conduzindo grupos, familias, magotes, que se espalham pela mata. Nos locais — Fonte de S. Silvestre, Carregal, Fonte de Santa Teresa — onde grandes mesas de pedra aguardam os que hesitam perante a magnificencia do Hotel, gente visceralmente popular e que não renega essa sua qualidade, instalam-se esses mais romeiros que excursionistas, com suas cestas e seus pipos atestados. E' a vez dos passaros, então, emudecerem e falarem, rirem, cantarem por eles tais hospedes adventicios. São horas em que, sobretudo Baco, reivindica os seus direitos...

Por isso mesmo a escassa população aristocratica, ou menos democratica, ainda mais se oferece fugidiça. Mister se torna penetrar muito no amago do labirinto arborio para topar um que outro casal desgarrado. Confiantes na solidão, deslizam por ai... Abraçados, uns, outros re-

poisam nos bancos rusticos, contemplando embevecidos as perspectivas que se lhes desdobram horizonte em fóra, se é que, introvertidos, não será antes a perspectiva da felicidade de se sentirem bem sós e bem juntos que saboreiam epicuristamente.

Uma risada argentina, como a do almoço, atribuida injustamente ao meudo, estridula. Torna a ser o moço do colarinho decotado, já agora envergando jaquetão de machos, cabelos luzidios de brilhantina, binoculo a tiracolo, que ascende á Cruz Alta de braço com a dama «com um tal ou qual ar aristocratico» e colados, os dois, em termos de excederem a maxima bitola concedida, normalmente, ao mais carinhoso contacto de mãe com filho. Embora, no ser «feminino», ele a excedesse, desta vez, apesar de tudo, a gargalhada seria antes de lhe atribuir a ela—tão argentina e tão feminina!

Junto do Pretório, outro dos casais se abriga do sol, mesmo por baixo da Varanda de Pilatos. Ela traduz a sua ternura simulando voz de bébé e, mocangueira, desvia os olhos, enquanto ele lhe segreda ao ouvido provaveis ternuras. Apertadas, as mãos, o chapéu dela jaz por terra. O dele...—o dele, sentaram-se-lhe em cima. Ou trilo de ave ou cicio de beijos perpassa... Vá lá saber-se?! E, para evitar

juizos temerarios, o melhor é «lavar daí as mãos», ao que aliás a invocação local convida...

Mas a tarde tem descido; os nómades levantam seus arraiais. Autos, caminhões e trens partem de abalada, numa alacridade de vozes, risos, apelos, brados de alegria. E, nos locais onde estacionaram, a sua passagem fica assinalada por um tapete de cascas de laranja, ossos de galinhas e papeis engordurados das viandas a que serviram de envolucro. Se perto desliza algum fio de agua, se algum pequeno lago se espraia, os mesmos vestigios pantagruelicos os maculam. Reconheça-se, porém, de passagem, não ser dos romeiros a culpa, mas exclusiva de quem nesses locais, como medida de previdencia pouco... psicologica, colocou postes onde se lê:

DEVEMOS DEIXAR TUDO COMO DESEJARIAMOS ENCONTRAR

...Não chegam, eles, a desobedecer ao preceito recomendado, se não desejando, estritamente, pouco se lhes dando encontrarem tudo... como deixaram!...

Na chamada Floreira—talvez pelos en-

florados dos ornatos de pedra, talvez— por antinomia—por não conter sombra de planta, quanto mais flôres...

Do sol ainda se divisa, no poente, uma vaga tarja roxo-laranja; a lua, no quarto de se levantar cêdo e breve se eclipsar, já pavoneia o seu escasso crescente em termos de não se lhe poder regatear a hegemonia da iluminação astronomica do momento.

Poucos são os comensais que ainda se encontram na sala contigua. O jantar terminou e o quinteto termina o ultimo numero do programa da tarde. Dos primeiros a amarrotar o guardanapo, o OBSERVADOR *fôra para ali tomar o café, mais ao ar livre.*

O OBSERVADOR *solilocando, a acender o charuto.*—...Bosque Sagrado, que tanto nos falas á alma, em contraste com toda essa gente que não se dá palavra!... Misterioso paradoxo de uma vegetação que «vive»! a enquadrar viventes que se diria vegetarem apenas... Eu vos saúdo, pois, uma vez mais, ó arvores bemditas, receioso de incorrer na indelicadeza de me atrever a saudar os meus iguais na espécie! E esta explicação de tanto vos dirigir a palavra, com geito de falar só, indispensa-

vel a considero, não vades tomar-me por maluco... Muito vos preso para que o vosso juizo, a meu respeito, me não importe mais que o dessa casta de duendos, livres de fazerem de mim o pior dos conceitos! Mas a verdade é ser, eu, dos que não sabem passar sem exercer a função que mais nos distingue dos inanimados, convosco desabafando á mingua de topar quem me responda. *(E, a comprovar o seu dizer, ao* CRIADO *que se aproxima, a trazer-lhe o café:)* Ouça lá: isto aqui é sempre assim?

O CRIADO—Assim, como?!...

O OBSERVADOR—Silencioso... Ninguem se conhece, parece que todos se evitam!...

O CRIADO—Ah! não senhor... Quando está mais gente, é outra coisa! Conversa-se, dança-se, joga-se...

O OBSERVADOR — Parece que, sendo poucos, embora se dançasse menos, deveria conversar-se mais...

O CRIADO, *com um sorriso malicioso.*— E' conforme... Temos épocas... Nesta época, de noivos, parece que teem todos tanto que se dizer, que não dão palavra aos estranhos...

O OBSERVADOR—Noto que és psicologo...

O CRIADO—Não, senhor...

O OBSERVADOR—Sim, senhor, não obs-

tante não dares por tal. Mas não te envergonhes, rapaz, porque, apesar da psicologia andar muito desacreditada, ás vezes oferece suas vantagens...

O CRIADO—Sim, senhor...

O OBSERVADOR—Vamos lá a saber: visto isso, temos, então, por cá muitos noivos?

O CRIADO—Um rôr deles! Noivos e coisa parecida...

O OBSERVADOR—O que, para o efeito, vem a dar na mesma...

O CRIADO—Sim, senhor...

O OBSERVADOR—Aqueles, além, que vão a saír...

O CRIADO—Quais?

O OBSERVADOR—Aqueles...

O CRIADO—Com a ama?!

O OBSERVADOR—Sim.

O CRIADO—V. Ex.ª está a entrar comigo! Noivos, com um meudo?!...

O OBSERVADOR—Tem-se visto...

O CRIADO—Não digo menos disso, mas aqueles, não. São noivos do ano passado... De facto, tambem estiveram cá, por esta altura.

O OBSERVADOR—Com certeza, uma senhora, com um certo ar aristocratico, que ocupa aquela mesa com o filho, não é noiva?...

O CRIADO—Qual filho! Que idea!

O OBSERVADOR — O quê, não é mãe dele?!...

O CRIADO — Poderia ser, pela idade, mas...

O OBSERVADOR—Que me dizes?!

O CRIADO—O que ha de mais casados de fresco... E gente da alta! A senhora viscondessa de... *(Pronuncia o titulo muito baixo.)* e, ele, o sr. Mimi...

O OBSERVADOR — Mimi? Isso, quando muito, é diminuitivo de noiva! Nunca de noivo!

O CRIADO—E' como ela o trata. E assim o tratavam os amigos, em solteiro... Eu já o conhecia de Lisboa, quando estive no Monumental...

O OBSERVADOR—Bem, bem! Adiante...

O CRIADO—Como noivos são uns outros que andam por aí á doida, num carro pequeno... um torpedo...

O OBSERVADOR—O quê, uma rapariga muito pintada, com as saias pela cintura?!

O CRIADO—Isso! Isso! E, ele, costuma vir almoçar de camisola! Até, ha dias, ela me ofereceu um cigarro! Dois caras direitas!

O OBSERVADOR—Olha lá!... Mas aquilo não é embrulho?...

O CRIADO—Oh! não, senhor! Muito boa gente! Ele, é filho de um banqueiro e,

ela, é uma menina da melhor sociedade.

O OBSERVADOR *para consigo, alto.*— Oh! Bosque Sagrado... até no que, de profano, a um tempo de ordem social e sentimental, abrigas no teu seio uberrimo de seivas e de... surprezas! De ordem sentimental, pelo menos na «quadra dos noivos» de que o acaso me fez—a mim, solteirão impenitente!—testemunha platonica... De ordem social, na flagrancia de sintese que nos prodigalizas desta época... trepidante, em que a «melhor sociedade» é representada por noivas de idade provecta ou com desenvoltura de cortezãs e noivos que, ou são Mimis, ou brutamontes!...

O CRIADO *sem perceber nada.*—V. Ex.ª deseja mais alguma coisa?

O OBSERVADOR—Não. *(O* CRIADO *vai a retirar-se.)* Ou, antes, sim! *(O* CRIADO *volta atraz.)* Que me acordes, em sendo meia noite. Vou continuar a filosofar... *(E acomoda-se na poltrona de verga...)*

TUDO É RELATIVO...

TUDO É RELATIVO...

FIGURAS: MARIA EMILIA; CHOU-CHOU; PEPITA; a VIUVA ALEGRE; a JOVEM ELOISA; CARLOS AUGUSTO; o DR. FELICIO; «herr» FREDERIK

Chá de caridade. Recinto elegante, portanto onde se confraterniza democraticamente, por mais que a assistencia seja, ou pretenda inculcar-se, aristocratissima. «Escolhida», no sentido mundano, é ela, com certeza. Desde a indumentaria á pintura facial, tudo o afirma. Sem reserva dos sexos... E confirmam-no os remoques cordiais que, no mais castiço calão das salas, ziguezagueiam de mesa para mesa, as risadas artificiais, pró-forma, sem convicção, que estralejam de todos os lados, imprimindo caracter ao acto e ao meio... Aliás o artificio começa logo pelo «chá» e pela «caridade» — rotulo perfu-

mado e altruistico de um simples «pretexto», em que os perfumes prevalecerão, mas o altruismo raro entra para alguma coisa.

Neste caso sucede entrar—se não aplicado, como tema da conversação—pelo menos em uma das mesas, onde precisamente se discutem as intenções benemerentes que determinaram aquele ágape e as benemeritas que o promoveram.

Ao tempo, um «jazz-band» estridula o eterno «charleston», a que obedecem varios pares, em contorcionismos de réprobos, supondo-se tocados de graça... coregrafica.

MARIA EMILIA—«Uma infeliz, abandonada pelo marido», bem sei. A fita do costume!

CHOU-CHOU—Já notaste que é, pelo menos, a terceira «infeliz» nestas condições em favor de quem a Pita Cunha promove chás de subscrição?...

MARIA EMILIA—Se te digo que o disco é sempre o mesmo!...

CARLOS AUGUSTO — Você é tremenda, Maria Emilia! Isso prova, apenas, que Mme Cunha cultiva uma especialidade...

MARIA EMILIA — Ou se desobriga, á nossa custa... A caridade não passa, muitas vezes, de rebate da consciencia...

PEPITA—Ah! ah! ah! Ele, na verdade, tanta preferencia pelas «abandonadas pelos maridos»!...

O DR. FELICIO—Logo três!...

MARIA EMILIA—Ai, não! Se é a especialidade que ela cultiva... Não ouviu, aqui, o Carlos Augusto?!...

CARLOS AUGUSTO — As «abandonadas»...

CHOU-CHOU—...e os maridos...

CARLOS AUGUSTO — Estou na minha! Estas senhoras são implocaveis! E então a Elisa Alberti, que tambem faz parte da comissão?... Que teem que dizer a essa?...

PEPITA—Que é a mulher de Cesar... Alberti... Ah! ah! ah!...

MARIA EMILIA—...E, daí, se considera obrigada, como mulher de... Cesar...

CARLOS AUGUSTO—A não o enganar?...

MARIA EMILIA—Pelo menos, a «parecer» que não o engana...

Risos.

PEPITA—Não! A Elisa é bôa rapariga. Entra nestas coisas sinceramente. Já porque tem bom coração, já porque lhe pedem...

CARLOS AUGUSTO—E afirma-se que não sabe dizer que não a ninguem...

CHOU-CHOU—Aqui o doutor pode informar...

O DR. FELICIO—Sobre o coração, decerto: magnifico!

PEPITA—Não é como medico!...

CHOU-CHOU—Refiro-me a ela não saber dizer que não...

O DR. FELICIO—Eu?!... Que calunia!

MARIA EMILIA—Como se fôsse segredo para alguem!...

CHOU-CHOU—Inclusivé para o marido...

O DR. FELICIO, *explicando melhor.*—Que calunia, poder eu informar! Essas coisas negam-se sempre...

MARIA EMILIA—Com toda essa convicção?!...

Nova hilaridade, generalizada.

O DR. FELICIO—Por amor de Deus! As senhoras deturpam tudo!

CARLOS AUGUSTO — Com uma elegancia!

O DR. FELICIO—...Uma semcerimónia!

MARIA EMILIA—...Mas não sem um grande espirito de equidade, acrescentem lá! Amigos ou inimigos...

CARLOS AUGUSTO—...aqui não se poupa ninguem!

MARIA EMILIA—Faz-se justiça a todos! Pois!

CHOU-CHOU *a* MARIA EMILIA. — Olha! Olha! O Pedrito! Reapareceu, mais uma vez!

MARIA EMILIA—Onde está?!

CHOU-CHOU—Ali, a charlestonar com aquela louraça de verde... Não vês?... Com a saia muito curta e um grande ar de senhora séria...

CARLOS AUGUSTO — Alguma perua, se calhar?...

PEPITA—Não o diga brincando...

CARLOS AUGUSTO — De maneira alguma! Digo-o, deduzindo... Mas quem vem a ser esse reaparecido?...

PEPITA—Não conhece?!!

TODAS—Olhem! Olhem! Não sabe quem é o Pedrito!

O DR. FELICIO — O Pedro d'Alencastro...

CARLOS AUGUSTO — Ah! «Reapareceu»... Julguei que se tratava de algum tenor ou dançarino celebre! Mas o Pedro tinha desaparecido?!

CHOU-CHOU — Sei lá quantas vezes!...

MARIA EMILIA — Quatro, pelo menos. De cada vez que casa, eclipsa-se durante uns tempos... Ora já vai no terceiro divorcio e quarto casamento...

O DR. FELICIO—O que se chama bater o «record»!

MARIA EMILIA—Pelo menos, dentro da familia. O pai, por exemplo, não casou nenhuma, que conste...

TODOS—Ah! ah! ah!

Veem buscar PEPITA, *para dançar. Ela pede licença, como é de bôa educação, e afasta-se. O «charleston» prossegue, estridulo nos sons e desengonçado nas atitudes.*

CHOU-CHOU — Você, Carlos Augusto, diz que a gente tem má lingua...

CARLOS AUGUSTO—Se é preciso, retrato-me!...

CHOU-CHOU—Ouça lá. Tanto não é assim que, com respeito a esta...

CARLOS AUGUSTO—Quem?...

CHOU-CHOU—A' Pepita...

MARIA EMILIA — E' verdade. Aí está uma que não anda metida em comissões, não se exibe e, contudo, o bem que ela faz!...

CHOU-CHOU—Discretamente...

MARIA EMILIA — Evangelicamente... Sem que uma mão saiba o que dá a outra!... Desta, sim, não ha que dizer, senão bem!

CHOU-CHOU—E sem que, sequer, seja rica...

O DR. FELICIO—Mas, o pai, deixou uma grande fortuna...

CHOU-CHOU—Que o marido lhe tem estafado no jogo e com as amantes!

MARIA EMILIA—Coitada! Tão bôa rapariga... Não ha duvida!... E' capaz de

despir a camisa, para ser agradavel a qualquer!...

CARLOS AUGUSTO—Agradavel, acredito. Util, é que não conseguirá tornar-se muito... São tão pequenas, as actuais camisas das senhoras, que, como esmola, a generosidade fica reduzida a pouco mais que a intenção...

MARIA EMILIA—Irra! Você é exigente!

CARLOS AUGUSTO—Pelo contrario! Por mim, e neste caso da Pepita, dispensava-a, até, do sacrificio completo!

MARIA EMILIA—Mantinha-lhe a camisa?...

CARLOS AUGUSTO—Sem que «a esmola» restasse diminuida...

O DR. FELICIO—A intenção é tudo!...

CARLOS AUGUSTO—Com a condição de se efectivar, sempre é, em todo o caso, alguma coisa!...

Tem-se acercado da mesa Mme Alvega, a mais estonteante trigueira de que rezam as cronicas mundanas, conhecida nas falanges elegantes pelo apodo (se preferirem, por mais adequado ao meio, leiam «sobriquet») de «VIUVA ALEGRE». *Trocados os cumprimentos, o tema «caridade» mantém-se em discussão. Apenas sob outro aspecto: o de quem mais a merece...*

MARIA EMILIA—Isso tambem eu queria! Não, senhor! nem todos sentem igualmente e, portanto, nem todos sofrem da mesma maneira. Logo, o proprio criterio da caridade tem de ser relativo...

CHOU-CHOU—Será. Não discuto. Não obstante, a mim, afirmo-lhes, a desgraça alheia confrange-me, por igual, onde quer que se me depare e em que condições se me depare!

O DR. FELICIO—Aqui teem, as senhoras, um tema que está longe de se oferecer inédito... Contudo, as opiniões continuam a dividir-se e continuarão «per omnia saecula».

CHOU-CHOU—...Por exemplo, o caso do garoto que, andrajoso, tirita de frio, sob a intempérie duma noite de inverno, num desvão de escada...

MARIA EMILIA — Quererás sustentar que possui a mesma sensibilidade que um nosso filho, por circunstancia fortuita, sujeito a iguais condições inclementes?!...

CARLOS AUGUSTO—Oh! um «nosso filho» em tais condições!...

MARIA EMILIA—Não seja atrevido!

A VIUVA ALEGRE—Coitadinho! O menos que lhe sucederia era rapá-lo uma pneumonia!...

MARIA EMILIA—Ao passo que, esses outros, é como se não fôsse nada com eles!...

O DR. FELICIO—Não obstante, não deixarem de possuir, tambem, pulmões...

MARIA EMILIA—Apenas, tendo desconhecido, sempre, o que seja conforto, possuem-nos diversamente temperados...

CHOU-CHOU — Já estão fóra do caso. Trata-se, aí, de sensibilidade fisica. Eu referia-me á moral. Os tais garotos, nunca tendo experimentado o conforto dos «maples» ou do aquecimento central, não se sentiriam, com certeza, menos felizes que os nossos, transportados para o nosso meio. Pelo contrario! Por isso mesmo que constituiria para eles novidade, o seu bem-estar seria mais acentuado!

CARLOS AUGUSTO—Donde, segundo Você, o prazer de quem experimenta um bem que desconhece é superior, ainda, ao de quem está habituado a ele?...

CHOU-CHOU—Que duvida!...

A «JOVEM ELOISA», *ofegante de «charleston», aproxima-se, arrastando a reboque uma especie de hercules, fulvo de seus cabelos e de pupilas brancas á força de azues descoradas.*

A JOVEM ELOISA, *a apresentar o par.*— «Herr» Frederik não sei de quê... *(Cumprimentos discretos, entre o desconhecido e os que estão.)* Dança como um hipopota-

mo e fala pouco. Mas não faz mal, porque, de toda a maneira, eu não perceberia patavina! O que é, é um belo pedaço de homem, hein?!... «Goal-keeper» do «team» que vem disputar o Lisboa-Berlim... Foi quanto me explicou o adido alemão, ao entregar-m'o nos braços... *(E toda ela se revê, derretida, no «foot-baller» que, por seu lado, olha para todos como boi para palacio.)*

CARLOS AUGUSTO, *encerrado o parentesis da apresentação, reata o fio da conversa.*—Vejamos o caso sob outro aspecto...

MARIA EMILIA—E' o que eu ia dizer: o dos que perdem um bem que possuiram...

CARLOS AUGUSTO—Isso mesmo...

MARIA EMILIA — ...Não serão, esses, mais de inspirar compaixão que aqueles que, desconhecendo-o, estão, pelo menos, a coberto de lhe sentir a falta?...

A VIUVA ALEGRE *a chispar viuvez pelos olhos, cuja incandescencia, excedendo o rubro, atinje o negro retinto.*—Oh! nem se discute! O bem perdido! Ter-lhe experimentado as doçuras da plena posse, na plena posse dele! Aspirado-o a grandes haustos! Sentido-o escaldar-nos as veias e queimar-nos a epiderme! Palpado-o com as mãos!...

CARLOS AUGUSTO — Desmaiado-lhe nos braços!...

A VIUVA ALEGRE, *concordante.* — Termos sido senhora sua e, ao mesmo tempo, escrava dele! Fruido-o na intimidade e usufruido-o ostensivamente!... E, dum momento para outro, encontrarmo-nos privadas dele... forçadas a renunciar-lhe...

O DR. FELICIO—Ou, pelo menos, a apelar para o recurso do usufruto... clandestino...

A VIUVA ALEGRE, *expontanea.*—A quem você o diz! ..

CARLOS AUGUSTO—O que tambem não deixa de ter seu encanto!... O encanto do fruto proíbido...

A VIUVA ALEGRE, *caíndo em si, sacudida.* — Tanto não sei, nem me interessa!... *(Prossegue na torrente da sua intima convicção:)* Não! Nem se discute! Merecem mil vezes mais compaixão os que sofrem pelo bem perdido, que quem nunca chegou a tomar-lhe o gosto!...

A JOVEM ELOISA *a chispar celibato forçado e de mais em mais colada ao «player», por seu lado de mais em mais preocupado apenas... com o resultado do encontro proximo.* — Pois sim! Cada qual sabe as linhas com que se coze!...

A VIUVA ALEGRE, *apelando para a resposta indirecta.*—Você tem razão, Maria Emilia. A criança andrajosa que rapa

frio ao canto da rua é bem menos de lastimar, na sua ignorancia do conforto, que aquelas que se sentem precipitadas...

CARLOS AUGUSTO — ...do Equador, nos Polos...

A JOVEM ELOISA—Tretas! Quantas vezes a razão da ignorancia até complica os casos! E, se não, suponhamos um outro garoto, tambem miseravel, com a barriga a dar horas, em frente duma montra de pasteleiro... *(Ela propria devora, com os olhos, o alemão abstrato, qual, o garoto invocado, os pasteis da montra...)* Quanto menos sabe o gosto que terão os bolos, mais lhe cresce agua na boca!...

O DR. FELICIO — Se calhar, fantasiando-os, até, incomparavelmente mais gostosos que, de facto, são...

A JOVEM ELOISA — Estás a vêr!... E, daí, mais interessado em provar aquilo de que, em todo o caso, os que já provaram não se privam sem... saudade... *(O «jazz-band» ataca um novo «charleston» que parece sempre o mesmo. Para o «player», mais por gestos que por palavras:)* Vamos?... Sim?!... Fixe! Vamos lá! *(Arrasta-o, de novo, cada vez mais cinjida a ele.)*

A VIUVA ALEGRE—Que tal está a gulosa, hein?!...

CARLOS AUGUSTO — Queixe-se!... Você

é que teve a culpa! Tanto lhe acirrou o apetite, com o entusiastico elogio do bem perdido, que a pequena até lhe parecem trouxas de ovos...

MARIA EMILIA, *torcendo o nariz.*—...as bolas de Berlim!... Pateta!

TODOS—Ah! ah! ah!

A VIUVA ALEGRE, *deliciosa de inconsciencia.* — Ai, meu Deus! Muito faz a gula!...

MARIA EMILIA, *pletórica de experiencia.* — ...e não perceber nada de dôces!...

O SR. ROLINHA

O SR. ROLINHA

FIGURAS: A familia Evaristo (PAPÁ, MAMÃ e NINI); O SR. ROLINHA; MADAMA ROLINHA e três pupilas da MADAMA: PACA, MARGUERITTE e YVONNE; um ESPECTADOR

*No Teatro ***, em noite de representação de «A Castro». Sala vazia... Em um dos raros camarotes ocupados, a familia Evaristo, que o ocupa exactamente pelo motivo que o grande publico desocupa o teatro: por ser, a peça, «classica», no dizer dos jornais; «não ser imoral», no dizer do sr. Evaristo, e ser «uma maçadoria», no dizer de Nini Evaristo. E mesmo antes de tê-la visto, pois já sabe que não a levam a outras, dado os escrupulos maternos, sempre álerta na defesa da sua integridade virginal, não lhe permitirem a assistencia a espectaculo que não haja passado pela joeira critica paterna. Ora,*

Papá Evaristo já fôra vêr «A Castro». E dormira. Sinal de que a filha poderia vê-la.

Assim, ao chegarem ao teatro, Papá Evaristo acomodou-se no fundo do camarote, preparando-se para continuar a dormir. A curto trecho, subia o pano. A propria sala parecia bocejar, de deserta. Mamã Evaristo ainda tentou comentar o facto, para o marido: «—Vê tu isto: se fôsse alguma pouca-vergonha, estava tudo cheio!...» *Mas dando, então, por que ele já dormia, encolheu os ombros. Longe, por certo, de lhe ocorrer, como complemento do comentario:* «...e, tu proprio, talvez não dormisses...»

E' que Mamã Evaristo é a sinceridade em pessoa. «O que ali está», como costuma dizer-se. Uma criança de peito a enganaria. O que não a impede de ter-se em conta de mui perspicaz... Sobretudo no que respeita á apertada vigilancia que exerce sobre a filha, cuja inocencia proclama como obra sua, do seu maior e mais legitimo orgulho!

A meio do acto faz-se um rumor de «gente chic» entrando. Papá Evaristo acorda, verifica a invasão do camarote contiguo, acomoda-se melhor e repega no sono. Num movimento maquinal, as duas, mãe e filha, voltam a cabeça. A esse movi-

mento corresponde rasgado cumprimento do cavalheiro que tem acabado de chegar com quatro damas berrantemente... despidas e ofuscantemente embrilhantadas. As duas correspondem: muito amavel, a mãe; hesitante, a filha.

NINI, *á* MAMÃ, *discreta.* — Quem é?...

A MAMÃ—O sr. Rolinha... Não te lembras?!...

NINI *recordando-se, de facto, após breve rememoração.*—Ah! o sr. Rolinha! *(E confirma o cumprimento, repetindo-o muito risonha.)*

O SR. ROLINHA *aproveita a confirmação para estender logo, por sobre a divisoria dos camarotes, a enorme manapula, calçada de luva amarela de camurça.* — Vosselencias como passam?

A MAMÃ—Nós, bem. E o sr. Rolinha?

Ambas lhe apertam a mão.

O SR. ROLINHA—Vai-se vivendo, o melhor que se pode...

A MAMÃ—E' verdade... Com a ajuda de Deus...

O SR. ROLINHA—A morgada é que está magnifica!

NINI—Muito agradecida...

O SR. ROLINHA—Uma senhora!

A MAMÃ—Então... já lá vão quasi três anos! Nestas idades!...

O SR. ROLINHA—Faz-se muita diferença, não sofre duvida! Depois, aqueles ares... as aguas...

UM DOS RAROS ESPECTADORES DA PLATEA—Schio!

Calam-se. A «pobre» Inês tem já começado, ao tempo, a pagar, no palco, a partida que fez á Rainha, ela propria—tal é o poder da tradição!—conscia da sua inocencia e da injustiça do Destino. Por seu lado, o SR. ROLINHA *coxixa com as companheiras.* NINI *e a* MAMÃ *voltam a seguir as passagens da peça com o desinteresse de quem assiste ao desdobrar da mais verídica e moral das tragédias de todos os tempos.*

O SR. ROLINHA, *como consequencia presumivel do breve conciliábulo familiar, dirije-se-lhes.* — Dão-me licença que lhes apresente a minha senhora?...

A MAMÃ, *voltando-se.*—Ora essa! Com muito gosto!...

NINI, *apenas balbuciado.*—Pois não...

O SR. ROLINHA *á mais idosa das damas, que, á força de pintura, passaria por mais moça, na quasi absoluta escuridão da sala.* —A sr.ª D. Efigénia Evaristo... Made-

muasele Lili... *(A estas:)* Madama Rolinha...

A MAMÃ—Muito gosto de conhecer...

NINI—Muito gosto...

Troca de efusivos apertos de mão.

MADAMA ROLINHA—Ora essa! O gosto é todo meu! *(Indica, por sua vez, as outras damas do camarote:)* As minhas amigas, mademuaseles Margueritte...

MADEMOISELLE MARGUERITTE — «Plaisir»!...

MADAMA ROLINHA—...e Yvonne...

MADEMOISELLE YVONNE — «Plaisir»!...

MADAMA ROLINHA—...e a senhorita Paca...

SEÑORITA PACA—«Mucho gusto»...

A MAMÃ e NINI—Muita honra...

Mais efusivos apertos de mão e o inevitavel sussurro e arrastar das cadeiras.

UM DOS RAROS ESPECTADORES — Schio!

Silencio. A tragédia, no palco, decorre em diapasão que se confundiria com o ressonar da platea, se esta contivesse espectadores para, ainda assim, ressonarem tão alto. Até que, obedecendo ao preceito de «não haver bem que sempre dure, nem

mal que não acabe», o pano cáe sobre o final do primeiro acto.

A MAMÃ, *á* NINI, *mas ainda mais consigo mesma.*—Muito bonito!

NINI *para responder alguma coisa.*—E'...

MADAMA ROLINHA, *para o camarote do lado.*—E' muito triste esta comédia, não acham?...

A SEÑORITA PACA *sentimentalmente solidarizada, no sofrimento, com a sua patricia Inês de Castro.*—«La pobrecita»!...

A MAMÃ—Eu, cá por mim, como prefiro peças tristes...

MADEMOISELLE YVONNE *baixo, a* MADEMOISELLE MARGUERITTE, *disfarçando um bocejo por detraz do leque.* — «Par Dieu!...»

MADEMOISELLE MARGUERITTE *idem, a* MADEMOISELLE YVONNE, *inclusivé leque e bocejo.*—«Quelle» chatice!...

O SR. ROLINHA — Eu, tambem... Para palhaçadas, não me convidem! Teatro, só a sério...

MADAMA ROLINHA — Pois eu, franqueza, franquezinha, gosto de vir ao teatro para me rir. Isto de tristezas, bem bastam as que a gente não pode evitar!

A MAMÃ, *amavelmente condescendente.* —Até certo ponto, V. Ex.ª tem razão...

MADAMA ROLINHA — Ora essa, minha senhora! Depois, tudo isto são lérias! A senhora ainda acredita nestas paixões?!... Deixe-os falar! Nem nada disso se deu!

A MAMÃ — Perdão, mas este drama é historico.

MADAMA ROLINHA—Historias! Quem é que sabe o que foi passado naqueles tempos?!...

O SR. ROLINHA *a intervir, conciliador.* —Não é tanto assim, menina. Saber-se, sabe-se! *(Alardeando erudição de... orelha:)* Então as cronicas, os documentos coevos?...

MADAMA ROLINHA — Bem coevo me pareces tu!

O SR. ROLINHA — ...Esta mesma peça, parece que tem uns poucos de seculos... O autor foi... foi... Ora deixa vêr se me lembro... Um tal?...

NINI—...Ferreira...

O SR. ROLINHA — Exactamente: Lino Ferreira!...

NINI—Antonio! Dr. Antonio Ferreira.

MADAMA ROLINHA — Pois está de vêr! Esse tal Lino é, mas é autor daquela... *(Procura recordar-se.)*

O SR. ROLINHA—De tantas, que eu até confundo!...

MADAMA ROLINHA—Daquela revista... Ah! isso sim! De revistas é que eu gosto!

Ao menos, teem boa piada, tuailetes, bailados!...

O SR. ROLINHA—Mulheres núas!...

MADAMA ROLINHA — E homens! Ai! os bailarinos são a minha especialidade!...

A MAMÃ *lança um olhar assustado para a* MIMI, *mas verifica, com satisfação, que ela não ouviu, entretida como está a conversar, em francês, com* MADEMOISELLE YVONNE. *Tranquilizada, por esse lado, insiste, com a colaboração do* SR. ROLINHA, *em defender o «Teatro sério», que* MADAMA ROLINHA *teima, por sua vez, em atacar, em termos tais de entusiastica convicção que o* PAPÁ EVARISTO *resolve-se a acordar! A primeira impressão que tem é de que a acalorada controversia seja no palco e, em lugar de «A Castro», por artistas portugueses, se esteja ali representando «A Torre de Babel», ou coisa parecida, por comicos internacionais. E' que, enquanto a discussão prossegue acesa, em português, sobretudo entre o casal Rolinha (reduzida a* MAMÃ EVARISTO *a pouco mais que acenar com a cabeça),* MADEMOISELLE YVONNE *explica a* NINI, *sempre em francês, o enredo de varias peças do repertorio do Palais Royal e a* SEÑORITA PACA, *cada vez mais sentimental, afirma, em castelhano, a* MADEMOISELLE MARGUERITTE, *ser filha de um*

grande de Espanha e descendente, ainda, dessa que «después de muerta, fué reina!» Daqui, a sua comoção, facil de compreender, tratando-se, para ela, como se tratava, duma verdadeira e pungente tragédia de familia...

A MAMÃ *notando que o marido acordara e sem lhe dar tempo para se refazer da surpreza.* — Evaristo! Deixa-me apresentar-te... *(Para o camarote contiguo:)* Meu marido... O sr. Rolinha...

O SR. ROLINHA, *após o inevitavel aperto de mão, indicando-lhe a «sua senhora».*— A patrôa...

MADAMA ROLINHA—Muita honra de conhecer a Vosselencia!... *(Dá-se pressa em apresentar as pupilas:)* As minhas amigas senhorita Paca e mademuaseles Margueritte e Yvonne...

O PAPÁ EVARISTO—Muito gosto... Minhas senhoras... *(E, tendo empolgado, num relance, a situação, para atraír a atenção da mulher, piza-lhe um pé.)*

A MAMÃ—Ai, credo, filho! Magoaste-me um calo!

O PAPÁ EVARISTO — Foi sem querer... Desculpa... Nini! O' Nini! *(Mas* NINI *continua entusiasmada com as peripécias do repertório descrito ao vivo e não o ouve.)* Nini, não ouves?!

NINI—Aí vou, papá... *(Acerca-o:)* Diga...

O PAPÁ EVARISTO—A sua mãe está incomodada. Vamos tomar qualquer coisa, lá fóra... Estas senhoras dão licença?...

VOZES — Ora essa! «A' su gusto!...» «Sans façon»!...

A MAMÃ—Eu, incomodada?! Não! Fôste tu que me pizaste, mas já passou!..

O PAPÁ EVARISTO—Sempre é bom tomares uma cerveja preta... Faz-te bem... E, a pequena, tambem deve sentir-se fraca...

A MAMÃ *que, na sua ingénua perspicácia, não ha meio de dar pelas sinalefas do marido.*—Bem sabes que, a Nini, á noite nunca toma nada...

Felizmente que tem começo o 2.° acto. A sala escurece. Faz-se silencio. O PAPÁ EVARISTO, *aproveitando a meia treva e a arrumação do começo de acto, agarra mãe e filha pelos braços e arrasta-as para fóra do camarote.*

O PAPÁ EVARISTO, *com o indicador direito cruzado com os labios.*—Schio! Nem uma palavra! *(Deixa-as, pasmadas, no corredor e volta atraz a buscar-lhes os abafos. Repetindo o gesto de silencio, indica-lhes a escada. Uma vez na rua:)* Onde é

que vocês arranjaram este conhecimento?...

A MAMÃ—O sr. Rolinha?!...

O PAPÁ EVARISTO—Sim... o senhor e a senhora e essas rolinhas todas?!...

A MAMÃ—O' filho, no Gerez, ha dois anos, quando lá estivemos, eu e a pequena...

NINI—O sr. Rolinha tambem lá estava, mas sósinho...

A MAMÃ—Porque, a familia, apresentou-no-la ele agora...

NINI — E desfez-se em amabilidades com a gente! No Casino, no Cinema, por toda a parte!... O papá não imagina!...

A MAMÃ—Não fazes idéa. E' um sujeito muito delicado! Mas que ha?!...

O PAPÁ EVARISTO *a roer em sêco*.—Não ha nada... Fui eu que não me senti bem...

A MAMÃ—Porque não explicaste, então?! Saírmos assim, sem nos despedirmos daquelas senhoras...

NINI—O que hão de pensar de nós?!

A MAMÃ—E a Madama Rolinha, que até me ofereceu a casa!...

NINI — E' verdade... Rua do Norte, 364...

A MAMÃ—Não! Amanhã, eu e a pequena, vamos lá... Devemos-lhes uma satisfação...

O PAPÁ EVARISTO, *cada vez mais furio-*

so, por menos que o pareça.—Não é preciso! Estejam descansadas que eu me encarrego disso. Eu lá irei...

A MAMÃ—Tu?!

O PAPÁ EVARISTO—Eu! Sim! Eu! Porque não?!...

....

Mas não chegou a ir.

Em casa, recolhida a «pequena» e os dois a sós, expôz á mulher—com as reservas exigidas, mesmo entre casados, pela escabrosidade do caso—o que se lhe afigurou estritamente indispensavel para fazer-lhe compreender os riscos que oferecem, por vezes, certos conhecimentos improvisados por termas e praias... De toda a maneira, o bastante não só para ela desistir logo da visita de desculpas ás sobreditas «senhoras», como... para lhe proíbir, terminantemente, a ele, que as visitasse, sob que pretexto fôsse!...

L. P. M. F.

L. P. M. F.

FIGURAS: A PRESIDENTE; A SECRETÁRIA; A SR.ª D. EVA; A SR.ª D. BRITES; uma HISTÉRICA; uma PARTEIRA; uma CASCA-GROSSA; uma CINQUENTONA; uma ESCALDA-FAVAIS; uma MOSCA-MORTA; uma TRANSIGENTE; uma INTRANSIGENTE

Sala das sessões de modesta agremiação politica ou de classe. Mesa comprida, ao centro; em redor, cadeiras. Sobre a mesa, uma campainha, uma bilha, um copo, um tinteiro, papeis. Duas lampadas electricas, pendentes do tecto, iluminam escassamente o local.

A assistencia é constituída só pelo elemento feminino. A longos intervalos, veem chegando: isoladas, ás duas, ás três. Sentam-se com ares reservados de pessoas que nunca se viram. Não tarda, porém, em romper-se o gelo e, a conversa, em percor-

rer toda a gama cromatica que vai do breve sussurro ao palratorio ruidoso.

O relojio da parede dá 10 horas. São, portanto, 22. Então, ergue-se a Secretária da Comissão Convocadora. Movimento geral de curiosidade. Silencio.

A SECRETÁRIA—Minhas senhoras... A reunião foi convocada para as 8 horas. Deram 10. Se acharem bem, iniciaremos os trabalhos. Parece-me ser tempo... *(Murmurio aprovativo.)* Permitir-me hão, nesse caso, que comece por agradecer a V. Ex.as, em nome da Comissão Convocadora, de que tenho a honra de ser secretária, a amabilidade da vossa comparencia, manifestando-vos, ao mesmo tempo, o nosso jubilo por exceder em muito, o numero das senhoras presentes aquele que previramos... Somos, ao todo... *(Começa a contar.)*

UMA VOZ—Treze!

UMA HISTÉRICA — Credo! Numero de azar!

UMA CINQUENTONA — Ai! não! Treze, não! Eu saio...

VOZES—Figas! Que horror! Vamos embora! Vamos embora!

De facto, já algumas se levantam; dirijem-se para a porta.

A SECRETÁRIA—Um momento! Comecemos por manter serenidade! Os escrupulos de V. Ex.as são naturais... sobretudo, são femininos, que é o que mais importa!... Haverá talvez meio, porém, de resolver a dificuldade sem defecções...

VOZES—Como?! Não aparece mais ninguem?!...

UMA TRANSIGENTE — Proponho que se espere mais alguns minutos!

A SECRETÁRIA, *a quem não escapara a rotundidade abdominal de uma das senhoras que chegara a ameaçar saída.* — Não será preciso!

VOZES—Não! Não! Lá treze, não!

A SECRETÁRIA *agita a campainha presidencial.*—Serenidade, repito, minhas senhoras! *(Dirije-se á rotunda:)* Se não me engano, V. Ex.a está gravida?...

A ROTUNDA—De sete meses...

A SECRETÁRIA—Como vêem, poderemos considerar-nos catorze...

UMA PARTEIRA—Pelo menos!...

A ROTUNDA — Credo! Longe vá o agoiro!

A PARTEIRA—Não agoiro! Apenas lembro a possibilidade...

Risos; comentarios á boca pequena.

A SECRETÁRIA — A hipotese do azar

nestes termos suprimida, proponho que se convide essa senhora *(Indica a rotunda.)* para assumir a presidencia. *(Rumor aprovativo.)* Assim, começaremos por prestar o devido preito á, pelo menos de momento, mais feminina de todas nós...

UMA MOSCA-MORTA—Isso agora!...

A SECRETÁRIA—Que se veja...

A escolhida toma assento na cadeira presidencial, por entre calorosos aplausos das suas pares, embora... impares — até prova em contrário.

Acede, a Secretária da Comissão, a continuar a sê-lo da assemblea e, para 2.ª secretária, resolve-se escolher a mais moça das presentes, o que desde logo levanta celeuma, cada qual aduzindo maior soma de razões para se inculcar como tal.

A PRESIDENTE *conseguindo, a custo, fazer-se ouvir e á campainha.* — Lembro, minhas senhoras, que, para cortar o mal pela raiz, se adopte o sistema oposto de escolha. Em vez da mais nova, seja a mais velha.

A superabundancia redundou, desde logo, por tal forma, em escassez que não houve remedio se não resolver que a mesa funcionasse apenas com uma secretária.

A PRESIDENTE — Está aberta a sessão. Convido a sr.ª Secretária, na qualidade de representante da Comissão Convocadora, a explicar á ilustre assemblea os fins desta reunião.

A SECRETÁRIA *levanta-se, tosse, assôa-se e declara:*—Com todo o gosto. *(Depois exordia:)* Insistindo em acentuar a agradavel surpreza da comissão de que faço parte, em presença de tão avultada concorrencia...

UMA ESCALDA-FAVAIS — Avultada, é modo de dizer! Olhem a grande fartura!

A SECRETÁRIA—Pois que constava das convocações tratar-se de uma reunião exclusivamente de «mulheres femininas», confesso que nunca esperámos que tantas, ainda assim, concorressem!

A ESCALDA-FAVAIS—Tão poucas supõe que existam?!

A SECRETÁRIA — Não. Mercê de Deus, não ignoro que, pelo menos no nosso país, ainda constituimos apreciavel maioria! Receámos, sim—e os factos a isso nos autorizam—que, apesar de muitas, nem tantas se mostrassem decididas a levar de vencida o pendor para o menor esforço, resolvendo-se a curar a sério dos seus direitos, cada vez mais postergados!

VOZES—Apoiado! Muito bem!

A SECRETÁRIA—Isto dito, se me dão li-

cença, entrarei no assunto, sem mais preambulos...

VOZES—Fale! Diga!

A SECRETÁRIA—Não desconhece, a ilustre assemblea, a tendencia para a agremiação, que constitui uma das caracteristicas dos tempos decorrentes. O colectivismo levou de vencida o individualismo! Todos se reunem para tudo—e para nada. Pelo que respeita ao nosso sexo, cada dia novas colectividades surjem! De caracter profissional, social, confissional, politico, etc., as associações, as ligas, os sindicatos pululam! Numa palavra, a Mulher usa dos mesmos meios que o Homem, em concorrencia de esforços nem sempre conciliaveis, e, daí, a razão inicial de defesa, que a leva a unir-se, não raro degenerar em hostilidade declarada. Pois que, de concorrente a inimigo, dista um passo, tinha de ser assim... Mas que o seja, apenas, para aquelas que entendem estar bem como tal, as que supõem a dignificação feminina dependente da sua masculinização...

VOZES—Bravo! Bravo! Muito bem!

A CINQUENTONA *a* UMA CASCA-GROSSA, *sua vizinha.* — Fala que dá mesmo gosto ouvi-la!...

A CASCA-GROSSA *á* CINQUENTONA. — E' verdade! O que é pena é, uma pessoa, não

perceber lá muito bem o que ela quere dizer na sua!...

A SECRETÁRIA—...as que, numa palavra, condicionam o ser Mulher—no alto significado de criatura livre, senhora sua, moral e civilmente!—ao parecerem, o mais possivel, que são... homens! *(Apoiados; palmas.)* Não para as que, mantendo-se no seu papel e na sua função tradicionais, á margem duma luta que repudiam por dignidade mental e até por coerencia fisiologica, entendem depender, pelo contrario, a dignificação da Mulher, de serem o mais mulher possivel!...

VOZES—Muito bem! Muito bem!

A SECRETÁRIA—Demos de barato o paradoxo, quanto ás primeiras. Que, como dizem os espanhois, «con su pan lo comam...»

UMA MOSCA-MORTA—Ou jejuem!...

A SECRETÁRIA, *com aquiescente sorriso.* — O caso dessas, só deve interessar-nos no que colida com o nosso. Daqui, a necessidade de tambem nos unirmos, nos agremiarmos, no sentido de defendermos o direito de continuarmos a ser mulheres —mulheres!

Palmas; bravos; entusiasmo.

A SECRETÁRIA, *restabelecido o silen-*

cio. — Ora isso, que parece simplissimo, oferece dificuldades de muito diversa ordem, dado o estado a que a nossa imprevidencia, o nosso desinteresse, a nossa inércia, deixaram chegar as coisas! Para que a parte feminina da população, ainda indemne do hermafrodismo social triunfante, permita-se-me o termo, resista á onda avassaladora, se mantenha feminina, surge, como condição primaria, os homens, por sua vez, manterem-se homens!

A CASCA-GROSSA — Muito bem! O que por aí vai, a esse respeito, tambem tem que se lhe diga!

A MOSCA-MORTA—Uma lastima!...

A CINQUENTONA—Uma verdadeira miséria!

A SECRETÁRIA—Não resta duvida! Por um curioso fenomeno, a que chamarei «de compensação», á mingua de melhor designativo, é caso averiguado que, quanto mais as mulheres se masculinizam, mais os homens se afemininam. Ora dispenso-me de lhes enumerar os gravissimos inconvenientes daí resultantes!...

UMA HISTÉRICA—Ai! Não é preciso!...

A PARTEIRA — Sobre esse particular, posso eu falar como ninguem!

A MOSCA-MORTA—Isso agora!... Cada qual, sabe de si...

A SECRETÁRIA, *indiferente aos comen-*

tarios. — ...inconvenientes de ordem social, de ordem profissional, de ordem económica, de ordem moral...

UMA INTRANSIGENTE—E de ordem imoral!

A SECRETÁRIA — ...que constituem o mais sério óbice á execução da tarefa, que nos cumpre levar a cabo, da reposição das coisas no seu devido lugar!

A CASCA-GROSSA—Assim mesmo é que é! Saias para um lado e calças para outro! Nada de misturadas!

A SECRETÁRIA—Evidentemente não visa, essa reposição, o revertimento ás condições de «escravatura», como proclamam as arautas das reivindicações feministas, «em que a Mulher vegetou durante tantos seculos»! Todas nós, que nos encontramos aqui, somos pessoas do nosso tempo. Nenhuma tem por ideal, com certeza, limitar a sua função a palmilhar meias e esfregar casas!... *(Sussurro concordante.)* O que pretendemos é que nos não impeçam de trazer aquelas cosidas e conservar estas lavadas, desviando a quem compete fazê-lo, com acerto e propriedade, para outros misteres em que não acertam, porque lhes são improprios!

VOZES—Bravo! Muito bem! Apoiado!

A ESCALDA-FAVAIS — Menos maquinas de escrever e mais maquinas de costura!

VOZES—Apoiado! Apoiado!

A SECRETÁRIA — Se, concorrendo com os homens no comercio, no funcionalismo, essas que o fazem apenas concorressem com os «seus homens», mal algum daí nos adviria. Seria o caso de nos conservarmos indiferentes ou, quando muito, nos limitarmos a comentar o pitoresco da deslocação... conjugal! Mas tal não se dá! Enquanto elas invadem os escritorios, os balcões, as secretarias, a onda dos desempregados cresce e o desequilibrio economico geral agrava-se. Tanto mais que, esse desequilibrio, se produz bilateralmente. Quantos mais homens ficam inactivos, mais, nos misteres femininos, escasseiam as actividades. Falta, nos lares de normal organização, o produto do trabalho masculino e o trabalho feminino encarece, pesando, cada vez mais, nos orçamentos domesticos...

A CINQUENTONA—E' isso mesmo! Quere-se uma criada e não se encontra!

A SECRETÁRIA — Criadas, costureiras, mulheres a dias!

A CASCA-GROSSA — Em compensação, não sabe a gente que fazer do mostrengo do marido!

A SECRETÁRIA—E' este, porém, apenas um dos aspectos da questão, observada debaixo do triplice ponto de vista social,

profissional e económico! Porque ha mais...

VOZES—Se ha!

A SECRETÁRIA — Por exemplo: a influencia deletéria da inactividade, nos homens. E, aqui, o ponto de vista moral entronca com todos os outros já enunciados. O deshabito de trabalhar acaba por incitá-los a aceitarem, a procurarem meios inconfessaveis de viver... sem trabalho. Mais uma inversão de coisas e de pessoas: a prostituição masculina! O que antes era excepção aviltante, tornou-se pratica frequente—os homens viverem á custa de mulheres como, até aqui, viviam certas mulheres por conta de homens!

A CASCA-GROSSA — Uma pouca vergonha!

A HISTÉRICA—Oh! Até brada aos céus!

A CINQUENTONA — Mas é assim mesmo!...

A SECRETÁRIA—...Quando não lhes dá para pior e é em termos de inversão, ainda mais condenaveis, que a concorrencia comnosco se produz!...

A INTRANSIGENTE — Concorrencia desleal, em todo o sentido!

A MOSCA-MORTA — Incluindo o económico...

A HISTÉRICA—Sem ir mais longe, o que se passa com os produtos de beleza!

A CINQUENTONA — O pó de arroz está cada vez mais caro!...

A MOSCA-MORTA—E o «rouge»?!

A HISTÉRICA — Ainda se pintam mais que a gente!

A CASCA-GROSSA — As que se pintam! Nanja eu! Puf!...

A CINQUENTONA — Mal empregados!...

A ESCALDA-FAVAIS—Que nojo!

A PRESIDENTE *consegue, a custo, restabelecer a serenidade na enervada assembleia e*

A SECRETÁRIA *prossegue:* — De quanto fica exposto se conclui que, da efectivação dos principios de independencia feminina, apenas teem resultado modalidades novas de escravidão! Dando de barato que escravas, alguma vez, fôssemos dos homens...

Risos; tosse; murmurio sarcastico.

A MOSCA-MORTA—O que é, muito, ponto de duvida!...

A SECRETÁRIA—...e que, escravos, não tenham sido eles, nossos, desde sempre, em que se traduz, praticamente, essa independencia?! Sim, no que se traduz?!... *(Silencio de ansiosa espectativa geral.)*

Em a Mulher ter de auferir, pelo esforço proprio, o que antes lhe advinha do esforço alheio! Pelo menos!

A ESCALDA-FAVAIS — A quem o diz!... Quando não tem, ainda, que ir ganhá-lo para sustentar o marido!

A CINQUENTONA, *que sabe onde lhe doi.* —Ou os amantes!...

A SECRETÁRIA—...Mantendo-se, assim, «escrava», da mesma forma, se não mais escrava que nunca, com a agravante do lar inevitavelmente descurado e todos os inconvenientes imediatos (pessoais) e futuros (quanto aos filhos) desse descuro!

VOZES—Muito bem! Muito bem!

A SECRETÁRIA—Porque não venham invocar-nos o caso dos maridos brutais! Nas classes populares, onde existe a verdadeira escravidão domestica, tal pseudo-alforria é pretensão de que não se cura sequer, a menos que seja para lhe discutir o ridiculo e lhe negar as vantagens! Negarem-lh'as as proprias escravas!...

A CASCA-GROSSA, *tão concordante com o «processo», quanto simula discordar.*— ...que continuam na sua de, o amor, querer-se batidinho!...

A HISTÉRICA, *vagamente sádica, sem prejuizo da inflexão contrária.* —Nem mais!

A SECRETÁRIA—Onde os casos de ma-

ridos-brutamontes são menos frequentes é, tal qual, no meio onde o «equivoco» proliferou, ou seja a classe média... a nossa classe...

A CASCA-GROSSA—Coitados deles!

A ESCALDA-FAVAIS—Não que, por cá, fia mais fino!

A MOSCA-MORTA — Quando é, o menos que é—é de meias!

VOZES—Pois! Está de vêr! Ai, não!

A SECRETÁRIA—Isto exposto e suponho que desapaixonadamente observado, tenho a honra de propôr, á ilustre assemblea, a fundação de uma colectividade que poderemos denominar, por exemplo: «Liga Portuguesa das Mulheres Femininas»...

VOZES—Apoiado! Muito bem!

Entusiasmo; palmas.

A SECRETÁRIA — ...colectividade destinada á propaganda e defesa dos seguintes principios que, reduzidos a compromisso de honra, tambem tomo a liberdade de submeter á vossa aprovação... *(Saca, da malinha, umas poucas de folhas de papel de cartas, de fantasia, e lê, no meio do mais profundo e interessado silencio:)* «1.°—Obrigam-se, solenemente, as senhoras associadas, a exercer a sua acção dentro dos estritos termos da tradição femi-

nina, não só dando o exemplo do maximo respeito por essa tradição, como procurando, por todos os meios, defender e propagar tão sã doutrina.»

VOZES—Bem! Muito bem!

A SECRETÁRIA — «2.°—Desta maneira, em lugar de pretenderem competir com os homens, contra natureza e inteligencia, empenhar-se hão, as senhoras associadas, em colaborar com eles fisiologica, intelectual, sentimental e profissionalmente, evitando, assim, a perduração de lamentaveis deslises—seus e deles—em qualquer dos supracitados campos.»

A concordancia plena da assemblea tradu-la, mais uma vez, um sussurro francamente aprovativo, cortado por «Bem!», «Muito bem!», «Apoiado!» *calorosos.*

A SECRETÁRIA *continua a lêr:* — «3.°— A's ridiculas exteriorizações masculinas oporão, as senhoras associadas, a mais rigorosa observancia das femininas, quer no concernente á vida de relações, aos habitos pessoais, ás modas, sob o ponto de vista indumental, capilar...

MUITAS VOZES, *simultâneas.* — Peço a palavra! Peço a palavra!

A PRESIDENTE, *ignorante, de todo, das formulas associativas.*—Tem a palavra a

senhora... a senhora... *(E dá-a á unica que conhece:)*... a sr.ª D. Brites Gouvêa.

A SR.ª D. BRITES — Mas eu não pedi nada!...

VOZES—Pedi eu! Fóra! Fóra!

A SECRETÁRIA, *fazendo-se ouvir a custo.* — Permito-me observar, á sr.ª Presidente, que ainda não terminei e é contra todas as praxes...

VOZES—Fóra! Fóra!

A ESCALDA-FAVAIS—Esta não é má! Só ela é que quere falar?!

A CINQUENTONA — Aqui, somos todas iguais!

A CASCA-GROSSA—A gente tambem tem direito a vender o seu peixe!

Protestos; pateada; vôa em estilhas o cabo de vidro de uma sombrinha.

A SECRETÁRIA, *em face da inacção da* PRESIDENTE, *que nunca se viu em semelhantes assados.* — Ordem, minhas senhoras! Não sejamos, tambem, tão mulheres que pareçamos homens no transformar, o que deve ser ponderada discussão, em caótica celeuma!

A CASCA-GROSSA—Pois sim! Com esse falar dificil não nos embrulha vocemecê!

VOZES—Peço a palavra! Peço a palavra!

A SECRETÁRIA *troca breves impressões, em voz baixa, com a* PRESIDENTE. *O tumulto cresce.*

A PRESIDENTE *agita a campainha.*— Ordem! Ordem! A sr.ª Secretária concorda com que entre em discussão, desde já, o n.º 3 do programa da Liga. (VOZES: «—Está bem!», «Assim, sim!» *Palmas.)* Procedamos, contudo, com método. Concederei a palavra, mas respeitando a ordem de precedencia observada na exposição dos pontos que levantaram reparo...

VOZES—Sim! Sim! Apoiado!

A PRESIDENTE—Referiu-se, a oradora, á «vida de relações». Alguem tem a dizer sobre este ponto?... *(Pausa. Silencio.)* Verifico que não. Vejamos, então, sobre os «habitos pessoais»?...

A HISTÉRICA—Tenho eu.

A PRESIDENTE—Fale, nesse caso, a sr.ª D....?

A HISTÉRICA, *com trinado na garganta.* —As-pá-si-a...

A PRESIDENTE — Tem a palavra a sr.ª D. Aspásia.

A HISTÉRICA — Desejo que fique bem esclarecido o sentido da frase «habitos pessoais», ou seja a natureza do compromisso que ela representa para as associadas. Por exemplo: entre as exterioridades

masculinas, que nos ficarão defesas, figura o habito de fumar?

A SECRETÁRIA—Fóra de duvida.

VOZES—Apoiado! Não apoiado!

A PRESIDENTE — Silencio! Assim, ninguem se entende!

A HISTÉRICA — Discordo em absoluto! Na minha opinião, o habito do fumo...

A ESCALDA-FAVAIS — O vicio! O vicio!

A HISTÉRICA—Ou seja, o vicio... O vicio do fumo, só é masculino por uma convenção hipócrita!

A INTRANSIGENTE—Abaixo as convenções hipócritas!

VOZES—Abaixo! Fóra!

A HISTÉRICA — Convenho em reconhecer o que poderá oferecer de inestético uma senhora a fumar... cachimbo!... *(Risos; rumor.)* Mas sustento concorrer, a cigarrilha perfumada — a elegante «boutdoré»!...—para vaporisar a mulher! Sobretudo na intimidade do «boudoir» ou na hora epicurista do café, a cigarrilha valoriza, pelo que permite pô-los em destaque, com toda a aparencia de naturalidade, os encantos das mãos pequenas, dos dedos fuselados, das unhas bem polidas...

VOZES—Apoiado! Não apoiado!

A CASCA-GROSSA—Pois sim! A mim só o cheiro me dá nauseas!

A CINQUENTONA, *pitadeando rapé.* —

Não compreendo como se possa gostar de semelhante porcaria!

VOZES—Abaixo a cigarrilha!

OUTRAS VOZES—Viva a cigarrilha!

A SECRETÁRIA, *num esforço de conciliação.*—Talvez consigamos chegar a entender-nos, mantendo-se a tolerancia do fumo, na intimidade, embora se aprove a sua supressão em publico?!...

A INTRANSIGENTE—Que, ao menos, se guardem as conveniencias!

VOZES—Fóra! Não! Não! Abaixo o fumo!

OUTRAS VOZES—Em publico e na intimidade! Viva o fumo livre!

A PRESIDENTE, *a agitar a campainha.*—Ordem, minhas senhoras! Ordem! (A SECRETÁRIA *torna a falar-lhe ao ouvido; ela torna a agitar a campainha.)* Visto não se poder chegar, desde já, a um acôrdo, sobre este ponto, proponho que se reserve para o fim a votação e passemos a discutir os outros...

VOZES—Muito bem! Apoiado!

A PRESIDENTE, *restabelecido, enfim, o silencio.* — Temos as modas, debaixo do ponto de vista... *(Para a* SECRETÁRIA:) Ponto de vista quê?...

A SECRETÁRIA—Indumental...

A CASCA-GROSSA—Que diabo quere dizer isso?!

Risos; comentarios cochichados.

A SECRETÁRIA—...Quere dizer que se trata dos vestidos... das «toilettes»...

A PRESIDENTE—Deseja alguem a palavra?

UMA VOZ—Eu!

A PRESIDENTE — Tem a palavra a sr.ª D....?

A VOZ—Eva...

A PRESIDENTE—...D. Eva...

A SR.ª D. EVA — Se as restrições indumentais se limitam ao uso, aliás de péssimo gosto, do colarinho e gravata, estou de perfeito acôrdo. Nada tem a ganhar, a linha feminina, com a apropriação desses atributos que, pelo contrario, a deformam! Já a inversa se dá, porém, com os fatos «tailleur», os quais, por mais que possam ser considerados de tendencia masculina, acentuam, como nenhuns outros, as caracteristicas femininas... de quem as possui, está claro!...

VOZES—Muito bem! Muito bem!

A PRESIDENTE—Entende, nesse caso, a assemblea, que os fatos «tailleur» deverão ser considerados bem femininos?

A HISTÉRICA — E, quanto mais curtos, mais femininos!

A SR.ª D. EVA—Nem tanto! Temos de ter em consideração o interesse do maior

numero. Se, para algumas, poderão advir daí vantagens, á maioria, pelo contrario, as exposições exageradas só acarretarão prejuizo...

VOZES—Apoiado!

OUTRAS VOZES—Não apoiado!

A SR.ª D. EVA—Não falo por mim, que me considero incluida no numero das primeiras. *(Risos; pigarro ironico.)* Duvidam?... A prova é facil... *(E produ-la imediata, ainda além das ligas, pouco tendo de arregaçar a saia.)* Como vêem, o confronto não pode assustar-me!...

UMA VOZ PERDIDA — Mas talvez a assuste a concorrencia!...

A PRESIDENTE—Silencio!

VOZES—Ordem! Ordem!

A SR.ª D. EVA, *dedignando-se responder ao áparte anónimo:* — O que me assusta, ou antes, me vexa, e não por mim, mas pelo sexo a que pertenço, são os miseros cilindros que por aí se exibem, para mais de paralelismo não raro duvidoso!...

A SECRETÁRIA — Quere dizer, a oradora, que, a mulher-mulher, só terá a ganhar em despir-se menos, quando se veste?

A SR.ª D. EVA—Sem sombra de duvida, em grande numero de casos... Além de que tanto mais se manterá feminina, quanto mais se mantiver...

A HISTÉRICA—...esfingica!...

A CASCA-GROSSA — Ora adeus! Nabos em saco!

VOZES—Apoiado! Não apoiado!

De novo se produz tumulto.

A PRESIDENTE, *sem conseguir restabelecer a ordem, por mais que se esfalfem a impô-la, ela e a campainha.* — Silencio! Ouçam! Então, minhas senhoras! Ficará tambem, a votação, para segunda leitura. *(Palmas; bravos.)* Passemos a discutir o figurino...

A SECRETÁRIA—...capilar.

A PRESIDENTE — Quem pediu a palavra?

A CINQUENTONA—Eu!

A HISTÉRICA—Eu!

A CINQUENTONA—Proponho o regresso ao antigo uso do cabelo comprido!

A HISTÉRICA—Proponho que se mantenham os cabelos curtos!

A CINQUENTONA—O principal elemento da masculinização feminina teem sido os cabelos cortados!

VOZES—Não apoiado!

OUTRAS VOZES—Apoiado!

A PRESIDENTE—Ordem! Ordem! *(Agita a campainha.)*

A SR.ª D. EVA, *sacudindo o tosão doirado.*—Isto assim é um descanso!

A CASCA-GROSSA—Para as desmazeladas!...

A SR.ª D. EVA—Desmazelada, será ela! Que tal está a «bota de elastico»!

Risos; protestos; vozearia.

A HISTÉRICA—Um descanso e uma limpeza!

A CASCA-GROSSA *desprende os longos cabelos.*—Limpeza, é isto! Limpeza e fartura!

A CINQUENTONA—Isso é que ele é! Benza-a Deus!

VOZES — Vivam os cabelos compridos!

OUTRAS VOZES—Morram!

A campainha presidencial, transformada em campainha de cinema barato, não pára de tocar. A desordem atinge proporções de insurreição declarada!

VOZES — Vivam os cabelos curtos! Vivam!

OUTRAS VOZES—Fóra! Fóra!

A HISTÉRICA—Viva o cabelo á Ninon!

A SR.ª D. EVA—A' Ninon, não! A' João-sinho!

A TRANSIGENTE—A' «garçonne»!

A MOSCA-MORTA — A' pagem! A' pagem!

VOZES — Viva! Morra! Fóra! Abaixo!

Alastrada, assim, a cizânia, mesmo entre as partidárias do tonsuramento, ninguem mais se entende. Dos protestos gritados, não tarda em passar-se aos acionados. E, uma vez estabelecido o regime do pugilato, chegar-se hia talvez ao reconhecimento definitivo das vantagens dos cabelos curtos, pelo menos nas brigas femininas, se a alguma conclusão houvesse possibilidade de se chegar, naquela altura.

Mas não havia. Em termos tais, a sessão teria de ser encerrada á imagem de muito boas sessões parlamentares, se uma forte razão, privativamente feminina — pelo menos por enquanto... — não empecesse a PRESIDENTE *de usar dessa faculdade. E' que, assustada com o motim, a pobre senhora fôra assaltada pelas dôres de prematuro parto!*

Em presença dos seus brados aflitivos, logo o tumulto acalmou. A solidariedade do sexo, uma vez o caso esclarecido, não tardou em manifestar-se caroavel e solícita. Era qual mais se dispunha a valer-lhe no aperto e, valiosa entre todas por sua qualidade, a PARTEIRA *assumiu, então, com anuencia plena, a presidencia da sessão... obstétrica.*

....

Ao passo que, em tão inesperados e inéditos termos, a 14.ª associada fazia acto de presença, a SECRETÁRIA, *não menos atenta á função do respectivo cargo, redigia, imperturbavel, a acta. Depois de acentuar terem os «trabalhos decorrido sempre animados pelo mais integral espirito feminino, tanto assim que não se conseguira chegar a acôrdo sobre coisa alguma», registara mesmo, por sua conta, um voto de congratulação pelo «belo gesto doutrinario da sr.ª Presidente».*

Terminando: «Graças a esse gesto, a nova agremiação orgulha-se de ter sido inaugurada em condições da mais particular idoneidade, visto um incidente de tal ordem só se tornar possivel tratando-se, como se trata, duma Liga de mulheres bem femininas.»

...«de maridos bem masculinos», poderia condicionar, sem favor!...

UM ALMOÇO NO VATICANO

UM ALMOÇO NO VATICANO

FIGURAS: ELA; ELE; um SACERDOTE; uma «SEÑORITA»; uma CRIADA

Alto Minho. Realizando a chamada «volta do distrito», o auto, que partira de Viana, depois de atravessar Ponte do Lima, Ponte da Barca e Arcos de Val-de-Vez, flectira para Monsão, pois que a passagem por Melgaço fôra suprimida, em vista do péssimo estado da estrada, ao que informara o «chauffeur». Tudo isto num andamento que imprimia á sucessão dos panoramas, tão variados e tão sempre os mesmos da mais pitoresca das nossas provincias, efeitos de cinematografia de projecção circular.

Uma vez naquela cidade fronteiriça, o carro estacara, de chofre, a meio do terreiro que desafoga a estacão do caminho de ferro. E deparou-se-lhes — a ELA *e a*

ELE—*do lado esquerdo, uma casita muito fresca nas côres e na vegetação que a circundava, empoleirada em um pequeno muro a que uma tambem pequena escada rustica dava acesso, com o singular distico pintado em grandes letras: VATICANO.*

Por muito que fôssem, ambos, católicos, apostolicos, romanos, mais ou menos militantes, será arriscado afirmar que lhes proporcionasse, essa divisa catolicissima, um conforto exclusivamente espiritual. E' que a excursão, realizada sobre um rapido dejejuo, valera-lhes pelo melhor dos aperitivos e, daqui, oferecer-selhes sobretudo confortavel a perspectiva do almoço que os aguardava na, já de si, apetitosa hospedaria de tão insolita invocação.

Galgada a escadinha, enquanto essa invocação era alegremente comentada— aliás sem sombra de irreverencia — e transposta a porta de entrada, ao cabo de um curto corredor, do lado direito, uma outra porta proporcionou aos recém-chegados ingresso na casa de jantar, constituida por amplo rectangulo em que pequenas mesas se alinhavam, ladeadas de cadeiras e todas elas enfloradas. O mesmo ar de frescura interno, que exterior. Muito brancas, as toalhas; muito variadas, de seus matizes, as flôres; muito temperado

o ambiente, apesar do sol que entrava a jorros pelas amplas janelas. Nada, em resumo, que materialmente correspondesse á rigida solenidade vaticanica—suposta, pelo menos, por quem nunca foi a Roma, nem viu o Papa.

Nada, não. A'parte a Criadita, que logo acorrera solícita, duas únicas pessoas ali se encontravam, abancadas a uma mesa, e, uma delas, era... um sacerdote.

A CRIADA, *dispondo os talheres.*—Querem almoçar?

ELE—Pois!

A CRIADA—Que vinho tomam?

ELE *consulta-a, a* ELA, *com o olhar, e os olhares de ambos incidem, maquinalmente, sobre a mesa do Sacerdote, onde umas duas ou três garrafas alinhadas indicam não ser, o «sangue de Cristo», condimento exclusivo da Missa. Sorriem, a comunicar-se o reparo. E, por mais que sejam ambos dispepticos, hesitam, envergonhados da sua abstemia, se não tementes de parecerem pretender, por seu lado, alardear impiedade...*

ELA—?...

ELE—Colares?...

ELA—Não sei... Talvez cerveja?...

ELE—Cerveja, na terra do vinho verde, chega a ser uma irreverencia... regional!

ELA, *condescendente.* — Então, vinho verde...

ELE—Branco?...

ELA, *desinteressada.*—Da côr que quizeres... *(Pensando melhor:)* Não. Branco, tem muito alcool...

ELE, *á* CRIADA.—Traga verde, tinto.

ELA, *ao passo que a* CRIADA *volta costas.*—Eu, não sei, mas parece-me que, se fôsse padre, não escolheria exactamente uma hospedaria com o nome de Vaticano, para almoçar!

ELE—Na verdade, tambem tem o seu quê de irreverencia! Para mais, em tão profana companhia...

ELA—E, a pequena, não é nada feia...

ELE—Não sei. Não costumo reparar nessas coisas...

ELA—Quando vens comigo! E, mesmo assim, se calhar finjes que não reparas...

A CRIADA *reaparece com uma travessa, fumegante, de carneiro assado com arroz de forno, em quantidade que daria para um regimento.*

ELE—Pouca sorte! Logo carneiro, de que tu não gostas...

ELA, *conformada.*—Um bocadinho... Cheira bem... *(Prova o arroz.)* O arroz está magnifico!

ELE—E o carneiro não lhe fica atraz

Enquanto saboreiam, aplicado o paladar ao manjar e o ouvido atento ao que se passa na outra mesa, verificam serem espanhois o Sacerdote e a... companhia.

ELA *mais patriota que cristã, no sentido passa-culpas do termo.*—Lá me queria parecer! Os nossos padres, apesar de todos os seus defeitos — que alguns os teem—guardam outro decôro!

ELE—Ora!

ELA—Faze favor de me dizer se já viste algum, em Lisboa, apresentar-se com mulheres nos restaurantes?!...

ELE—Mandam buscar o jantar para casa...

ELA—Pois sim! *(Breve silencio.)* Mas, o carneiro, tambem está esplendido!

ELE—Queres mais?

ELA—Um bocadinho...

ELE—...E' o resto. Se não chega, manda-se repetir.

ELA—Credo! O quê, já se acabou?!

ELE—Não ha como o apetite, para saber a pouco, até aquilo de que não se gosta!...

ELA—Na verdade, está-me sabendo deliciosamente! E' do passeio!...

ELE—Ou do contagio... Repara como, o amigo padre, devora! E por partidas dobradas: a comida, com os dentes, e a companhia, com os olhos... Vê, vê. Come e derrete-se que é mesmo um louvar a Deus Nosso Senhor!

ELA—Cala-te! Até é pecado!

ELE—Está bem! O notá-lo, eu, é que é pecado! Se calhar, é virtude ele fazê-lo!... Come e... bebe! Olha: outra garrafa... Lá lhe deita vinho, a ela...

ELA—Boa prenda!

ELE—Chamas-lhe «boa prenda» e mandas-me calar, a mim!

ELA—Refiro-me a ela... E' preciso, na verdade, que não tenha mesmo vergonha nenhuma!...

ELE—Pois olha que a aparencia não indica...

ELA—Se ainda te fias nas aparencias...

ELE—Tem um ar ingenuo... de «señorita»...

ELA—São as piores!

ELE—E olha que—reparo agora—não é nada feia, não! O reverendo, a respeito de bom gosto!...

ELA—Parece-te?!... *(Depondo o talher e afastando, sacudida, o prato onde, aliás,*

apenas resta um osso esburgado:) Pois, a mim, o que me parece de muito mau gosto é tu estares a fazer o elogio de outra... nas minhas bochechas!

ELE—Não a elogiei... Limitei-me a confirmar a tua opinião...

ELA—...Para isto, era melhor teres vindo sósinho!

Mas a CRIADA *intervém a tempo, cortando cerce, «a scena» incipiente, com outro fumegante prato, de chispe com feijão e hortaliça.*

ELE, *a deitar agua na fervura.*—Disto, gostas tu, mas faz-nos mal...

ELA—Mal, fazem-me as tuas bobices! Has de ser sempre o eterno lamecha!

ELE—Queres dizer que arrostas com as consequencias... do chispe com feijão e tudo?...

ELA—Não deites muito...

ELE—Assim, está bem?...

ELA—Está.

ELE—Ora belo! Então não tomas vinho?!

ELA—Não. E' muito forte...

ELE—Eu, tambem não o posso suportar! Parece-me que sempre mando vir a tal cerveja?...

ELA—Não, não! Prefiro Vidago...

ELE—Seja. Tudo que tu quizeres!

ELA—Estás muito amavel!

ELE—Então?! Já que não nos podemos medir com eles nas bebidas, faço questão de, ao menos, desbancar o reverendo na ternura!

ELA—Tens uma graça! *(Mas digna-se sorrir. Para* ELE *e para o chispe, confiada, decerto, nas propriedades digestivas da agua de Vidago.)*

ELE, *chamando.*—O' menina!

A CRIADA, *porém, dá explicações, na outra mesa. Ao que parece, esgotado o «menú», reclamam-lhe suplemento. E' pelo menos, o que se deduz da resposta dela:* «—Agora, só se forem uns bifinhos...» *Aprovado o alvitre, vai pelos «bifinhos, não sem atender, na passagem, o chamamento dos outros clientes.*

ELE—Traga agua de Vidago...

A CRIADA—Garrafa de litro ou quarto?

ELA—Das pequenas, que é mais forte.

ELE—Uma garrafa de quarto... (A CRIADA *afasta-se.)* Pelo visto, repetes o chispe?...

ELA—E' capaz de me fazer mal...

ELE—Qual! Além de que temos obrigação de manter os nossos brios patrios! Não vês que eles já vão nos bifes?!

ELA—Ai, não, eu fico-me por aqui! (ELE *serve-a, de novo.)* Que é isso?! Não deites tanto!

ELE — Sejamos portugueses! Olha-me para aquelas banhas do abade! Aquilo não se cria sem almoçar muitas vezes no... Vaticano!

ELA — De facto, a cozinha não será muito variada, mas quanto a fartura, digo-te...

ELE—...que honra as tradições apostolicas, não ha duvida!

ELA—Menos irreverencia por aí, não seria mau, hein?!

ELE—Deixa lá! E' para compensar a «reverencia» de mais, por ali...

ELA—Bem sei! Não tiras os olhos deles! A «señorita» deu-te no gôto, decididamente!

ELE—Se é do «justo» que te falo, para que me lembras, tu, a «pecadora»?!...

ELA—Estão verdes!... Agora, já lhe chamas pecadora...

ELE — Para te ser agradavel... Pois que, achando-a ingenua, te desagradei, opto pelo extremo oposto...

ELA—Acho melhor que optes por não te meteres na vida alheia... Se tratassemos antes de nós?...

ELE—Tens razão... Vamos lá a saber: depois do chispe?...

E' que de novo a CRIADA *chegara, a proposito, com o «quarto» de Vidago, tendo, antes, sempre de passagem, deixado um pratalhaz dos «bifinhos» na mesa fronteira e recebido ali novas instruções que escaparam, a* ELA *e a* ELE, *como consequencia natural da resolução assente de curarem mais de si que de outrem.*

ELA—Eu, por mim, estou almoçada...

A CRIADA, *muito pasma.* — ...Ainda falta o peixe, o coelho guisado!...

ELE—...e os «bifinhos»?...

A CRIADA—Sim, senhor. Se quizerem, tambem se arranja...

ELA—Não. Não queremos mais nada...

A CRIADA — Ah! Suas Excelencias são de muito pouco alimento! *(E, em furtivo olhar para a outra mesa, deixa transparecer a expressão de um contraste mental, seja dito de passagem, nada lisonjeiro para... «suas excelencias»)...* Nem sobremesa?!

ELE—Que ha?

A CRIADA—Dôce, frutas...

ELA—Traga dôce...

Primeiro que o trouxesse, a moça tratou de desempenhar-se da incumbencia antes recebida dos clientes espanhois, colocando-lhes em frante uma bandeja com

«bebidas brancas» e calices. O que, a despeito do seu proposito deliberado de desinteresse pelas vidas alheias, a ELA *e a* ELE *não houve passar despercebido.*

ELA—Que é aquilo?! Estão a fazer saudes?!...

ELE—Então?! Ele, com Benedictine e, Ela, com Chartreuse...

ELA—Qual Benedictine?! Genebra!

ELE — Talvez... Disse Benedictine e Chartreuse por serem bebidas de invocação mais... monacal...

ELA — Que descaramento! Passa das marcas! Mesmo que a gente não queira!...

ELE—Não exageremos! Quem está com a razão ou, pelo menos, com a tradição, são eles. Os brindes constituem o fecho natural de todas as refeições sentimentais... Nós, é que não passamos de uns sensaborões... Olha, olha, lá enfiam os braços e trocam os calices! Agora é a «señorita» quem o brinda, a ele!

ELA — «Señorita»! «Señorita»! Irritas-me com a tua «señorita»... de contrabando!

ELE—Que admiração! Na fronteira...

ELA—Não estás a vêr o que «aquilo» é?...

ELE—...E se a gente tratasse, antes, de nós?...

O dôce não se pode afirmar que fôsse recebido com um entusiasmo por aí além. Ou porque não se impuzesse pelo aspecto, embora, como tudo, primasse pela abundancia, ou porque o apetite inicial se encontrasse muito atenuado, a verdade é que um e outro, como vulgarmente soi dizer-se, lhe «torceram o nariz».

ELA, *provando.*—Ah! E' chila!...

ELE—E'...

ELA, *saboreando melhor.* — Mas não está má!

ELE—Está mesmo esplendida!

ELA — Pudim de chila! Tem graça! Nunca tinha comido... Deixa vêr mais um bocadinho...

ELE—Assim?...

ELA—Chila e ovo...

ELE—Mais?...

ELA—Deita!!!

ELE — Acabamos sempre por achar pouco o que começou por nos parecer demasiado...

ELA—Pronto!

ELE — Talvez seja prudente mandar repetir?...

ELA—Credo! Almocei como...

ELE—Dize, dize, que «ele» não ouve...

ELA—Sem asneira é que não se pode passar!...

ELE—Queres fruta?
ELA—Não. Café.

E saca, da malinha, uma cigarrilha. Então, na outra mesa, onde até ali se mantivera a mais absoluta — se não apenas aparente indiferença, por ELA *e* ELE—*produziu-se subitaneo sussurro e arrastar de cadeiras. O sacerdote, que sempre se conservara de costas, voltou-se, mesmo, interrompendo a liquidação de contas com a* CRIADA. *E, tão pronto essa liquidação lho permitiu, levantaram-se, saíndo bruscamente da sala, os dois.*

ELE—Ah! ah! ah! A tua cigarrilha escandalisou-os!
ELA, *depondo o fosforo no cinzeiro e saboreando uma fumaça.* — Uhn! Enfim, tudo é possivel... Mas não me parece...
ELE—Não vês que fugiram espavoridos?!
ELA—Qual! Se calhar foram fumar lá para fóra..
ELE—...ou lá para dentro...

O LEITO DE PROCUSTO

O LEITO DE PROCUSTO

FIGURAS: O JUIZ; A TESTEMUNHA; O MÉDICO; um AGENTE; uma ORDENANÇA

No gabinete do Juiz de Investigação Criminal: secretária grande, de pau-santo e tampo de vidro; estantes da mesma madeira; mesa mais pequena, de mogno, onde escreve o AGENTE. *Sofá estofado e poltronas; cadeiras; «maples». Sobre a secretária do Magistrado, um grande solitario, donde emerge formosissima «Principe Negro», por entre o arrendado das gipsofilias.*

.....

O JUIZ — Está bem. Vocemecê tinha saído, na ocasião em que se deu o crime?...

A TESTEMUNHA — Sim... sim, meu senhor... Todas as manhãs... ia... ao pão e ao leite... E foi... nesse intanto...

O JUIZ—Não chore e deixe-se de responder com mêdo.

A TESTEMUNHA—Com perdão de Sua Excelencia, eu... como o outro que diz... Sim... lá quanto a lios com a Justiça... Nem mesmo tendo a consciencia limpinha como a agua da fonte!...

O JUIZ—Está bem! Está bem!...

A TESTEMUNHA—E depois... Ai! a minha rica senhora! Ha quatro anos que a servia e vê-la, agora, assim... naquele estado!... Que desgraça! Que grande desgraça!

O JUIZ—Noto que a preocupa muito mais o estado da criminosa, que o da vitima!

A TESTEMUNHA—Cais criminosa! Uma santa, é que ela é!...

O JUIZ—Contudo, não resta duvida de que foi ela quem matou o seu patrão...

A TESTEMUNHA—Meu patrão, mais de vagar! Aquilo foi o proprio satanaz que, em má hora, nos entrou em casa! Cem vidas que ele tivesse!...

O JUIZ—Acha, então, que a sua senhora fez bem em cometer o crime?..

A TESTEMUNHA—Eu lhe digo, sr. Juiz...

O JUIZ—Vocemecê seria capaz de fazer outro tanto?!...

A TESTEMUNHA—Deus Nosso Senhor

me perdôe e nos livre de tentações, mas sempre lhe digo que, ás vezes... uma pessoa... sim... Pobre santinha!... Ai! a minha rica senhora!...

O JUIZ—Bem! bem! Com essas lamentações não adiantamos nada! Disse, Vocemecê, que estava na casa ha quatro anos?

A TESTEMUNHA — A completarem-se pelo S. Mateus...

O JUIZ—Quando vem a ser isso?

A TESTEMUNHA—A 21 de Setembro, todos os anos, meu senhor...

O JUIZ — ...Estamos em Agosto, portanto quasi quatro anos completos...

A TESTEMUNHA—Se eu lho digo... Ainda o maridinho da minha rica senhora era vivo e tornou a sê-lo!

O JUIZ—Sim, a indiciada é viuva...

A TESTEMUNHA—Se o é! Que Deus tenha na sua divina presença esse santo!

O JUIZ—Quem a ouve, dirá que essa casa é uma sucursal do céu!

A TESTEMUNHA — Foi! foi! E porque não?... Para nada lhe faltar, até o anjinho da minha querida menina! Pobre santinha!

O JUIZ—Socegue, criatura, socegue. E, se tem assim interesse pela sua senhora...

A TESTEMUNHA—Não havera de ter!

O JUIZ—Muito bem. Limite-se, então, a responder. Mas diga tudo quanto sabe.

O seu testemunho pode ser-lhe de grande utilidade.

A TESTEMUNHA—Sim, senhor, meu senhor...

O JUIZ—Ha quanto tempo morreu o marido da sua senhora?

A TESTEMUNHA—Vai num ano e cinco mezes...

O JUIZ—A filha que existe do matrimonio tem seis anos, não é verdade?...

A TESTEMUNHA—Completou-os no dia 27 do mês atrazado...

O JUIZ—A sua senhora viveu sempre bem com o marido?

A TESTEMUNHA—Ai! só queria que o sr. Juiz vira! Como Deus com os anjos! Aquilo era um quererem-se bem os dois!...

O JUIZ—Não tinham questões?

A TESTEMUNHA—Quem fala nisso! Quando foi da morte do patrão... Nem o quero alembrar, meu rico senhor!... Não havia consolo que lhe bondasse!

O JUIZ—Está bem. Passemos adiante. Enquanto o patrão viveu, a sua senhora conservou sempre boa saude, ou já sofria, como ultimamente?

A TESTEMUNHA—Ela, fraquinha, sempre eu a conheci. Mas nada que se compare ao que está agora!

O JUIZ—Não tinha ataques? Não sofria de nervoso?

A TESTEMUNHA—Que eu désse fé, nunca, por nunca ser!

O JUIZ—Muito bem. E desde quando datam as relações da sua senhora com... *(Folheia os papeis.)* com...

A TESTEMUNHA—O sr. Arnesto?...

O JUIZ—Isso: o sr. Ernesto?

A TESTEMUNHA—Como o outro que diz, á justa não posso dizer a Sua Ex.ª... Aí uns seis meses, sobre a morte do patrão... Deve de ser isso... Pouco antes de deixar o luto... Então, ela, que nunca saía de casa, entrou de saír... de chegar tarde, para jantar...

O JUIZ—Só ou acompanhada?

A TESTEMUNHA—De começo, acompanhada com a menina... Despois, sósinha, ás horas do coléjio...

O JUIZ—Continue...

A TESTEMUNHA—Como quem mal não usa, mal não cuida, eu não lhe puz maldade... Até que, um dia, disse-me que ia lá jantar a casa...

O JUIZ—O sr. Ernesto?...

A TESTEMUNHA—Ah! o sr. Juiz já sabe o resto. Então é escusado...

O JUIZ—Não sei nada, mulhersinha. Calculo. Diga...

A TESTEMUNHA—As visitas repetiram-se e a minha rica senhora já então não parecia a mesma! Aquilo foi como se lhe dei-

tassem mau olhado! Entrou de se pôr triste, com mau génio—ela, que era...

O JUIZ—Uma santa, já sabemos...

A TESTEMUNHA—Mas nunca é de mais dizê-lo, meu senhor, que a verdade é para que se saiba!

O JUIZ—Atribui, então, Vocemecê, á influencia do sr. Ernesto, a mudança acusada pela sua senhora?

A TESTEMUNHA—Como não, se era coisa de se meter pelos olhos adentro?!

O JUIZ—O sr. Ernesto apenas jantava lá?

A TESTEMUNHA — Qual nada! E' certo que, durante muito, eu assim pensei... Sim, como quem mal não usa, mal não cuida... Mas, uma noite, pareceu-me sentir mexer na porta da rua... Não fôssem eles ladrões, levantei-me, a espiar... Mas logo topei com a minha senhora, que me fez sinal para que me calasse, não acordasse a menina. Era o outro que entrava... Percebi, então, tudo...

O JUIZ—Não foi sem tempo...

A TESTEMUNHA—Isto, meu senhor, como quem mal não usa...

O JUIZ—...mal não cuida, já sei...

A TESTEMUNHA—Sim, senhor...

O JUIZ—E ela, a senhora, não entrou em explicações com Vocemecê?

A TESTEMUNHA—Para quê?... O que

havia a explicar, estava bem patente! Uma desgraça!... A desgraça de nós todos!... *(Soluça.)*

O JUIZ—Vamos lá, prossiga...

A TESTEMUNHA — Para encurtar razões... Pouco tempo passado, o sr. Arnesto metia-se lá em casa, de todo...

O JUIZ—Uma pregunta: a respeito do sr. Ernesto, o que sabe Vocemecê?

A TESTEMUNHA—Ai meu rico senhor, isso não, nesse particular não entro!... Inté uma pessoa se peja!...

O JUIZ—Já lhe disse que, as suas declarações, podem concorrer, em muito, para atenuar a situação da sua senhora. Diga tudo. A' Justiça, diz-se tudo!

A TESTEMUNHA—Um valdevinos! Que eu, o que sei, é de o ouvir...Até diziam, lá na rua, que ele era...

O JUIZ—Era o quê? Acabe?...

A TESTEMUNHA—Desses... Que tinha maus costumes... Sim... o sr. Juiz percebe...

O JUIZ—Mas que especie de maus costumes?...

A TESTEMUNHA—Ora!... E riam-se... bacorejavam que... sim, essas coisas com a senhora, era para presumir... que ela era mal empregue nele... Enfim, o sr. Juiz já deve ter atinjido...

O JUIZ—Está bem. Continue...

A TESTEMUNHA—O que eu sei dizer a Sua Ex.ª é que, passado pouco, aquilo—Deus me perdõe!—até parecia uma casa de doidos!... O sr. Arnesto entrou de levar para lá amigalhaços... da laia dele... dos tais... Comiam, bebiam, cantavam, tocavam...

O JUIZ—E não entravam mulheres, nessas bacanais?

A TESTEMUNHA—Nessas quê?...

O JUIZ—Nessas pandegas, nessas festas?

A TESTEMUNHA—Ah! não, senhor... Quero dizer, agora, por ultimo, apareceu uma, mas que... com sua licença... mais parecia, tambem, um homem!... Estou mesmo em dizer que até parecia mais homem, que eles... Mas só agora, para o fim, quando o dinheirinho que o meu patrão—que Deus tenha em descanço!—deixou, já tinha sido um ar que lhe deu!...

O JUIZ—Ah! o seu patrão deixou, então, fortuna?

A TESTEMUNHA—Não, que eu nunca lho contasse!... Mas futuro que alguma coisa deixaria, porque... o outro... o sr. Arnesto... nunca dei fé que trabalhasse e, ainda menos, que désse, tanto como isto, para a casa...

O JUIZ—E as tais pandegas? Vocemecê assistia a elas?

A TESTEMUNHA—Nunca, por nunca ser! *(Persigna-se.)* Deus me defendesse! Quanto a mim, ninguem me tira que andava por ali bruxedo!...

O JUIZ—O que a faz supôr isso?...

A TESTEMUNHA—Muita coisa, meu rico senhor, muita coisa! Primeiro, eles fecharem-se por dentro, a sete chaves! Depois... sim... Não que eu tenha costume de escutar... Mas, uma pessoa, tem ouvidos...

O JUIZ—Ouvia, então, alguma coisa?...

A TESTEMUNHA—Antes mouca eu fôra!... Deus Nosso Senhor me perdõe, mas do coração o digo! Depois de cantarem, dançarem, tocarem piano... guitarra... eu sei lá!... calava-se tudo... Ou era como se se calassem... porque falavam muito devagarinho...

O JUIZ — E Vocemecê ouvia, mesmo sem escutar?...

A TESTEMUNHA—Cega seja eu, se não é a pura das verdades! Era como que um gemer... assim de quem sonha alto...

O JUIZ—Quem tem pesadelos?...

A TESTEMUNHA—Tambem, sim, senhor, e acorda aflito! Doutras vezes, pareciam gemer... Não sei como explicar... mas assim a modos de sastifação...

O JUIZ—Em tudo isso, não vejo onde entrasse bruxedo!...

A TESTEMUNHA — E' que uma coisa é contado e outra coisa era ouvido!... Depois, no dia seguinte, a minha senhora aparecia com uma cara! Amarela de cera, olheirenta... E, de dia para dia, era um mirrar-se!... Mesmo uma dôr d'alma, meu rico senhor!

O JUIZ—Nunca deu por que houvesse questões, barulhos, entre eles?

A TESTEMUNHA — Então, não! Quando estavam os dois, a sós, a senhora...

O JUIZ—E o tal Ernesto?...

A TESTEMUNHA — Isso! Ou haviam de estar a beijocar-se... que era mesmo uma vergonha... Até na presença da menina! Ou chegavam a bater-se... Quero dizer, ele a bater na pobre santinha!

O JUIZ—Ciumes?

A TESTEMUNHA—Seria, talvez... Mas... não sei de quem... Só lá iam os tais amigos do sr. Arnesto e... sim... esses, não eram de temer...

O JUIZ—Nunca teve, então, ocasião de entrar na casa onde eles se fechavam?

A TESTEMUNHA—Só uma vez. Já passava do meio dia e nada de darem sinal de si!... Bati na porta. Primeiro, de vagarinho... depois, mais forte. Nada! Com o susto de que lhes tivesse dado alguma coisa... bati ainda com mais força e... então, a porta abriu-se... Estaria mal fecha-

da... Entrei e Jesus Cristo, Maria José!

O JUIZ—Diga...

A TESTEMUNHA—Inté me fiquei estarrecida! A senhora, para um lado, toda descomposta... O sr. Arnesto, para outro... Os dois deitados num sofá muito largo, que lá havia... sem costas... assim uma especia de cama...

O JUIZ—Um «lit de repos»...

A TESTEMUNHA—Isso mesmo... Era como eles diziam. Os dois deitados... a dormirem... Se aquilo era dormir... Como mortos... talcalmente dois defuntos!...

O JUIZ—Depois? Continue...

A TESTEMUNHA—Mais nada...

O JUIZ—Não calcula, nesse caso, o que possa ter determinado o crime? Pelo que Vocemecê afirma, quanto á bondade da sua senhora...

A TESTEMUNHA—Ai! uma santa, pela palavra santa, meu rico senhor! Pela salvação da minh'alma!

O JUIZ—Em todo o caso, uma santa que assassina, o amante, a tiro!

A TESTEMUNHA — Bem o merecia ele, por tudo, e até pela má vida que lhe dava!

O JUIZ—Essa má vida datava de ha muito ou era coisa recente?

A TESTEMUNHA—Cada vez pior! Nos ultimos dias, então, um horror!

O JUIZ—Os tais ciumes?...

A TESTEMUNHA—Presumo que sim, sr. Juiz... Deus me defenda de levantar testemunhos!... Mas... sim... Para dizer a Sua Ex.ª toda a verdade, eu já nem percebo nada... Ante-ontem... E' isso... na noite de domingo para segunda, foi, por lá, o dia de Juizo! Dizia-lhe ele, num grande berreiro: «—Tu enganas-me!» E cada palavrão! E afigurou-se-me ouvi-lo gritar, tambem: «—Enganas-me, com essa...» Outra indecencia. Mas deve de ter sido engano meu...

O JUIZ—Referia-se á tal mulher?...

A TESTEMUNHA — ...que mais parecia um homem!... Futuro, eu, que sim... E ela, então, respondia, num pranto de choro: «—A culpa é tua! Para que a trouxeste para cá?!» Ele tornou a insulta-la. «—Se não fôsse ela, já teriamos morrido de fome!» Gritou-lhe a minha senhora. E outras coisas, assim, á colecção... que já não me alembra. Depois, bateu-lhe... E eu fugi, para não ouvir mais... para não a ouvir saluçar... Que a pobresinha nem sequer gritava, nestas ocasiões... Sim... para a vizinhança não dar fé...

O JUIZ—Não tem mais nada a declarar?

A TESTEMUNHA — Não, meu senhor... Que me alembre.

O JUIZ—Sabe escrever?

A TESTEMUNHA—Nada, não sei, meu rico senhor...

O JUIZ—O sr. Agente vai lêr-lhe o seu depoimento e Vocemecê dirá se está conforme...

A TESTEMUNHA—Se está conforme?!...

O JUIZ—Sim, se foi aquilo o que Vocemecê disse...

A TESTEMUNHA—Ah! sim, senhor...

O AGENTE, *que serve de escrivão, lê as declarações prestadas pela* TESTEMUNHA, *a qual, sempre soluçante, escuta sem ouvir. Nada tendo a observar, o mesmo* AGENTE *assina, a rogo, por ela não saber escrever.*

O JUIZ—Vocemecê talvez tenha de voltar, a preguntas. Em todo o caso, ha de ser ouvida, mais tarde, no Tribunal. Agora, veja se vai para lá dizer outra coisa...

A TESTEMUNHA—Ah! meu senhor! a verdade é só uma e, tão certo como eu chamar-me Maria Joaquina, da minha boca não saíram senão verdades!

O JUIZ—Bem. Vá-se embora. Vá com Deus...

A TESTEMUNHA — A's ordens de Sua Ex.ª...

O JUIZ, *á* ORDENANÇA *que tem entrado, a um toque da campainha.*—Acompanhe

essa mulher e mande entrar outra testemunha.

A ORDENANÇA—Se o sr. Juiz dá licença?...

O JUIZ—Diga...

A ORDENANÇA—E' que está lá fóra, já ha tempo, o sr. doutor...

O JUIZ—Que doutor? Ha tantos!...

A ORDENANÇA—O sr. dr. Invaristo... Do Estituto... das Morgues...

O JUIZ—Que entre, então, primeiro, o sr. dr. das Morgues...

A ORDENANÇA *sái com a* TESTEMUNHA *a desfazer-se em cumprimentos e lagrimas.*

O JUIZ, *ao* AGENTE.—Esta Ordenança consegue bater o «record» da estupidez, dentro da classe!

O AGENTE—Uhn! E' que V. Ex.ª está cá ha pouco tempo, ainda... Não conhece as outras...

Entra o sr. dr. Evaristo: imberbe, se não glabro; pequena estatura; muito azougado; ar menineiro; meticulosamente elegante, de seu trajo.

O MÉDICO—Meu caro doutor, como vai isso? Bem! Magnifico! Vê-se logo, sem

mesmo se tornar preciso ser da profissão!

O JUIZ—Menos mal...

O MÉDICO — Estimo! Estimo que não seja por doença que tem feito tão longa ausencia...

O JUIZ—Não... Muito trabalho. Depois, a patrôa é que não anda nada bem...

O MÉDICO—Escuso dizer-lhe que, com todo o gosto... Se fôr preciso, é só mandar-me recado...

O JUIZ—Muito agradecido...

O MÉDICO—Por nada! Ora essa... Doutor, para doutor!... Quem sabe se, ainda um dia, eu não lhe caírei nas mãos?!...

O JUIZ — Se assim fôr, tambem com todo o gosto...

O MÉDICO — Isto é, longe vá o agoiro! Pois temos sentido muito a sua falta. E, dizendo «temos», subentende-se, gramaticalmente, que não tenho sido só eu a senti-la...

O JUIZ—Faço idea!...

O MÉDICO—A Margot...

O JUIZ—«La petite Margot»...

O MÉDICO — Não faz senão preguntar por si...

O JUIZ—Apaixonadissima?!...

O MÉDICO—Não direi tanto... Mas, enfim, interessada...

O JUIZ—Muita gente?

O MÉDICO — Não... Desde que não ha

jogo, Você sabe, doutor, os clubes perderam muito em animação...

E a cavaqueira, sobre clubes, Margots e afins, prolonga-se durante mais de meia hora, que as testemunhas aguardantes somam, com conformação evangelica, ás horas longas que já contam de espera, nos corredores. Até que, o proprio assunto da conversa, conduz os respeitaveis magistrado e clinico ao motivo, afinal, da visita deste. Tratando-se da citada «petite Margot», afirmava, o MÉDICO, *que, cada vez mais, a pobre rapariga se estava deixando enleiar no tentáculos da cocaina.*

O MÉDICO—Se calhar, ainda vem a caber ao doutor a responsabilidade desse estado patologico, talvez de fundo passional!

O JUIZ—Não o diga, nem mesmo brincando!

O MÉDICO—Questão de atenuar as maguas determinadas pelo seu descaroavel abandono! Ah! ah! ah! *(A subitas:)* Mas, agora me recordo! Com a conversa, passara-me, de todo, o que tinha vindo cá fazer!...

O JUIZ—Recebeu o meu oficio?...

O MÉDICO—Recebi. E já fui proceder ao exame da mulher. Aquilo é um caso

arrumado, quer sob o ponto de vista médico, quer juridico...

O JUIZ—Arrumado... arrumado...

O MÉDICO — Absolutamente. O meu amigo verá, pelo meu relatorio. Uma cocainómana, no ultimo periodo de cronicidade. Isto é, paredes meias da vesânia. Bastou-me olhar para ela: palidez caracteristica, emagrecimento extremo, olhos salientes e tão abertos quanto mortiços, inexpressivos... E, se alguma duvida ainda me pudesse restar, lá estava a necrose das cartilagens nasais, com prefuração, já, do septo. Na fase, exactamente, da intoxicação, em que o delirio persecutorio e o delirio do ciume são frequentes... O crime, torna-se uma simples resultante desse estado morbido... Não foi ela quem assassinou, foi a cocaina...

O JUIZ—Sabe que se lhe encontrou, em casa, um verdadeiro laboratorio? Pós e não sei que mais drogas, caixinhas, espátulas, seringas...

O MÉDICO—Laboratorio e arsenal...

O JUIZ—Já falava, quando o doutor a observou?

O MÉDICO — Desordenadamente. Mantém-se no estado de alucinação que lhe armou o braço. A's minhas preguntas, ou se ficava indiferente ou respondia por monosilabos, em que o pavor transparecia...

Outros sintomas classicos: num dado momento agarrou-se a mim, acouchada, como se o tecto fôsse desabar sobre ela, e coça-se, incessantemente... A ilusão sensorial de parasitas inexistentes.

O JUIZ—E' escusado, portanto, pensar, por agora, em ouvi-la?

O MÉDICO—De maneira alguma.

O JUIZ—E, esse estado, prolongar-se ha?

O MÉDICO—Ha casos de se prolongar durante muitos dias. Mas ha tambem de se modificar, até dentro de 48 horas...

O JUIZ—Esperaremos, visto isso...

O MÉDICO—Receio muito que debalde, quanto a arrancar-lhe quaisquer declarações que esclareçam mais as determinantes do crime. Terá de contentar-se com as minhas.

O JUIZ—...Que, devo dizer-lhe, confirmam, de uma maneira absoluta, os depoimentos das testemunhas já ouvidas...

O MÉDICO—Como vê...

O JUIZ—Sobretudo, o de uma. A mais importante. A criada. *(Passando, ao* MÉDICO, *o aludido depoimento:)* Lance-lhe, o doutor, uma vista de olhos...

O MÉDICO *lê, rapidamente, e vai comentando:*—E' isto mesmo... alteração do caracter... simulação... embuste... Ora, pudera! Não faltasse, ele, o agente provoca-

dor!... Meio chulo, meio homosexual... Orgia, depravação... Ahn, ahn, ahn... O coma consequente á embriaguez... Quando a testemunha os foi encontrar estendidos, no tal «lit de repos», «mais pareciam defuntos», como ela diz... A comparsa safica, tambem do programa... Insultos... sevicias... hiper-excitação ciumenta... *(Devolve o manuscrito.)* Meu caro Juiz, esta testemunha traçou, mal o pressentindo, um sindroma completo! Depois disso, só o que se passou: ou ele ou ela, estendido com um tiro e o sobrevivente internado num manicomio... E' o que lhe resta fazer a essa muito mais desgraçada, que criminosa...

O JUIZ—Estou vendo que sim...

O MÉDICO—Não tenha duvida. Os unicos criminosos, nestes casos, são todos, é a sociedade inteira. A responsabilidade torna-se colectiva desde que, os que não delinquem, consentem! E, sobre tudo, somos nós que, cabendo-nos de certo modo funções fiscais de ordem clinica, juridica, administrativa, encolhemos os ombros, perante o pavoroso alastramento dessa verdadeira endemia! Ao passo que, á simples ameaça de epidemias, tantas vezes de gravidade incomparavelmente menor, se esgota o arsenal das prevenções, das coíbições e das exacções!

O JUIZ—Então?! A profilaxia social oferece muito maiores dificuldades de eficiente aplicação! O problema é complicado...

O MÉDICO—E, porque o é, cruzam-se os braços, ou pouco menos, contentando-nos com uma repressão apenas platonica?! O comercio dos toxicos floresce e os novos leitos de Procusto proliferam!

O JUIZ—Homem! Onde Você já vai! Se não estou em erro, esse patife desse Procusto...

O MÉDICO—Limitava-se a sujeitar, as suas vitimas, ao suplicio da amputação ou distenção dos membros, conforme excediam ou não atinjiam o comprimento do seu famigerado leito. Cem vezes mais macabros que o do salteador da antiga Grécia, desses leitos, onde a tragédia da evolução toxicómana se desenrola, além do corpo, é a alma que sái deformada! Em termos de, como no caso presente, uma mulher digna e honesta acabar por irmanar-se na depravação, na imoralidade, no crime, ao mais abjecto dos celerados amorais!... Onde fica a fama, aliás mais ou menos lendaria, do Procusto ático, comparada com a realidade palpavel desse modernissimo Procusto, que é a cocaina?! Porque, repare bem o doutor, nem o proprio amor materno—especifico, por exce-

lencia!—se salva dessa universal perversão dos sentidos e dos sentimentos!

O JUIZ—Sim. Nisso tudo, ainda para mais, anda metida uma criança.

O MÉDICO—...Que, essa desgraçada, acabara por fazer testemunha da sua propria degradação... pelo muito amor que lhe tinha! Por varias vezes os parentes do marido, ao que me afirmaram, insistiram no sentido de a arrancar ao meio deleterio em que vivia e, ela, a isso se opôz sempre!

O JUIZ—Pobre menina!

O MÉDICO—Agora, não, não ha que lastimá-la! Pelo contrario! Do naufragio, será a unica sobrevivente!

O JUIZ—Valha-nos isso! «A quelque chose, malheure est bon»! *(Consulta o relojio:)* Mas, esperem! São nove horas! *(Chama a* ORDENANÇA*:)* Diga ás testemunhas que voltem amanhã, á mesma hora.

A ORDENANÇA—Sim, sr. Juiz. A' mesma hora... *(Torna atraz.)* Escusam de vir, então, de dia?...

O JUIZ—Como escusam de vir?! Se lhe digo que á mesma hora... Ao meio dia...

A ORDENANÇA—Ah! sim, senhor!... Julguei que era á mesma hora... de agora...

O JUIZ—Valha-o Deus, homem!...

Os dois doutores saem, combinando

encontrar-se, depois do jantar, no Maxim's.

Ao chegarem á rua:

O MÉDICO—Então, até logo. A's onze. Não falte, hein?!

O JUIZ—Ora essa! Sobretudo, depois do que me disse da Margot, impõe-se-me o dever...

O MÉDICO—De se substituir ao Procusto?!...

O JUIZ—Pelo menos, de concorrer para que ela varie de leito...

« COSI VA IL MONDO »...

«*COSI VA IL MONDO*»...

FIGURAS: A MÃE; O FILHINHO; A CRIADA

Quarto de dormir, espaçoso, de burguezia mais que remediada: leito, «psyché», guarda-fato, guarda-vestidos, etc., em olho-de-perdiz; num dos angulos, lavabo de marmore, disfarçado por um biombo onde grandes cegonhas de oiro, bordadas sobre fundo vermelho, se equilibram em pé-coxinho. Nas paredes, gravuras em aço: «O sonho de uma noiva» e «A «toilette» de Venus» e, ainda sobranceiro á cabeceira da cama, a recortar-se no fundo assetinado do papel côr-de-rosa velha, um crucifixo de pau-santo e prata.

Mais um pequeno leito, de metal amarelo, e, cêrca, uma mesinha com frascos, copos, um relojio de «biscuit», uma lampada de alcool. Nas duas janelas, amplos cortinados de renda inglesa.

O FILHINHO—E's tu, mãesinha?...

A MÃE—Sou, sim, meu amor... Descansa... Está caladinho...

O FILHINHO—Não te vás embora, não?...

A MÃE—Não vou... Mas não fales... O doutor recomendou que estivesses muito quietinho... Bem sabes...

O FILHINHO—Tambem ontem disseste que não ias... e fôste!...

A MÃE, *beijando-o na testa.*—Não vou hoje... prometo... Dorme...

O FILHINHO—Estás a chorar, mãesinha?!...

A MÃE—Que idea!... Porquê?!...

O FILHINHO—Por eu estar doente... Eu não morro...

A MÃE—Quem pensa nisso?!... Que tolice... Vamos, cala-te... Dorme... Dorme...

O FILHINHO—Estás a chorar, estás! Bem vejo limpares os olhos!...

A MÃE—Chorar, porquê, se tu estás melhor, minha vida?!... Felizmente, o perigo vai passado! *(Tirando-lhe o termometro da axila e verificando a temperatura:)* Trinta e sete e dois décimos...

O FILHINHO—E' muito ou pouco, mãesinha?...

A MÃE—E' quasi nada, comparado com a febre que tiveste, meu amor! Mas, para

que melhores de todo, tens que estar quieto...

O FILHINHO—Eu estou quieto...

A MÃE—E não falares... Dorme... Faze por dormir...

O FILHINHO—Então, dá-me a tua mão... Assim... Para não fugires...

De novo os olhos da MÃE *se marejaram.* O FILHINHO *fechara os seus, de safira, a poupar o trabalho ao sono, que não tardou em chegar. A doença fizera crise e, como a* MÃE *dissera, o perigo podia considerar-se conjurado. Mas a que farrapo ficara reduzida a pobre criancinha que o tifo por pouco não lhe arrebatara para sempre, aos cinco anos, apoz a fatalidade das coisas lha haver arrebatado, em parte, havia um!... No estado de fraqueza em que o pequeno se encontrava, a passagem da vigilia para o sono produzira-se imediata, quasi sem transição... Escutou-lhe, ela, a respiração. Era tranquila... Não havia motivo, portanto, para aquelas lagrimas que teimava em chorar... Para mais depois de tantissimas choradas na aflição maxima dos momentos em que chegara a considerar inevitavel o desfecho fatal!...*

Tentou retirar a mão. Tão apertada o FILHINHO *lha tinha que ela sobresteve,*

receando despertá-lo. Naquela preocupação, dele a reter, estaria a razão verdadeira de tão intensa comoção?...

Atravez da porta, que deitava para o corredor e se mantinha fechada, chegavam ruídos amortecidos de passos, de vozes. Na penumbra que envolvia o aposento, os moveis, os objectos, as coisas ofereciam-se esfumados, inexpressivos. Como os passos, as vozes de fóra...

Nova tentativa para desprender a mão.

O FILHINHO, *virando-se.*—Mãesinha. .

A MÃE—Socega, meu filho... Dorme. . Dorme...

Aguarda um momento, suspenso o braço que lograra libertar. A criança tornara a ficar-se adormecida, não dando por que deixara escapar a preciosa presa. Então consulta o relojio do pulso, livre:

A MÃE—Cinco e dez... Faltam cinquenta minutos...

E acomoda-se na cadeira com a satisfação, sempre lacrimosa, de quem verifica dispôr, ainda assim, de riqueza muito superior á que supunha. Riqueza de minutos!... Mas, qual mais preciosa para a po-

bre MÃE, *cuja permanencia á cabeceira do filho enfermo, obedecia a apertado horario?!...*

Duas horas por dia...

Esses cinquenta minutos — já então eram apenas quarenta e oito!...—decorridos, outra vez a separação. Silenciosa, sem mais um beijo de despedida sequer, depois que as melhoras tinham começado a acentuar-se, para não despertar o doentinho e poupá-lo á comoção do apartamento forçado... Mas quanto angustiada antes, enquanto o perigo imediato se mantivera!... Depois, vinte e duas intermináveis horas de espera, de tormentosa ansiedade, de vibração permanente nesse ante-sofrer da pior hipotese sempre admitida, como se com isso ganhara alguma coisa a não ser sofrer em duplicado! E, de novo chegada a hora da visita, o apertar do coração, cada vez mais cruciante, quanto mais se aproximava da casa— aquela casa que fôra sua e em que era, agora, apenas tolerada—onde o filhinho seria, ainda, vivo ou não!...

Instintivamente debruçou-se sobre ele. A evocação desse passado que era da vespera vascolejara-lhe receios ainda mal jacentes na alma. Porém, não... O FILHINHO *dormia tranquilo o seu sono de anjo... Sorria, mesmo, convencido, talvez, de*

que a mantinha refém... De que ela não lhe escaparia...

Nova consulta ao relojio: «—...quarenta e cinco minutos...»

Na meia-luz, coada pelos cortinados das janelas quasi fechadas, apenas a caminha do filho se lhe oferecia á vista, distinta. Assim, os olhos vagavam-lhe, quanto ao mais, como que sobre o impreciso... Vinte dias durava a sua peregrinação e mal lhe consentira, até ali, a angustia que a obnobilara fixar-se noutra coisa que não fôsse o enfermo querido. Nele concentrara todos os seus sentidos, despercebida de tudo mais. Ainda na vespera, a confiança nas melhoras se mantivera bem precária! Apenas naquela tarde o via dormir tranquilo, quasi libertado, de todo, da febre. Então, o afastamento do perigo, que lhe vinha sendo companheiro instante e constante, produziu-lhe um como que gostoso vacuo. Impressão de solidão, sim, mas confiada... Respirou. Poude pensar noutra coisa. Dispôr de si! E não tardou em surpreender-se num esforço automatico de precisão do indistinto que a cercava.

Como tudo aquilo era conhecido seu! Não que, em rigor, não o tivesse ela «sentido» desde a primeira hora que ali voltara... Mas como poderia interessar-lhe,

ao tempo, essa circunstancia minima, em contraste com a maxima que a fizera voltar?!... Agora, que a importancia desta se esbatia, avolumava a daquela...

Ali passara cinco anos da sua vida! E afirmando-se nos moveis, nos menores objectos, verificava encontrar-se tudo na mesma. Até o proprio leito do filho no preciso local onde o deixara, ao ausentar-se um ano antes... Proximo desse outro que lhe fôra, a ela, alfombrado casulo na dupla metamorfose da virgem em esposa e da esposa em mãe, onde derramara as breves lagrimas, temperadas de sensualidade, da iniciação e as interminas, trespassadas de exaltada ansiedade criadora, da parturição...

E, a historia desse passado, sucessivamente desinteressado, conformado e revolto, figurou-se-lhe viva: o seu casamento com um homem a quem não amava, a que acedera apenas por muito sentir-se por ele amada; o habito, que acabara por dar-lhe a ilusão de uma correspondencia afectiva que não chegara quiçá a existir; o nascimento do filho, dois anos depois de casada, concorrendo para adensar essa ilusão—e, a curto trecho, o desfazer da outra, a da paixão alheia em holocausto á qual se sacrificara!... Oh! quando dera, da primeira vez, por que o marido a en-

ganava! Como ela sofrera, seguramente mais ainda que se o houvera amado! O duplo sentimento da inutilidade do seu sacrificio e do vexame imposto ao seu amor-proprio! E não chegaria, ela, a tê-lo amado?... Ainda agora, tudo aquilo se lhe oferecia tão confuso...

Porque não se separara, então, desde logo?... A consideração da criança?... Talvez. Mas, só isso?... As instancias dos seus. As razões de familia. O caso fôra que consentira em transigir. Uma sua amiga—a mais intima—se propuzera, solicita, reconduzir o marido transviado... E ele voltara e, meses decorridos, descobria ser com essa mesma amiga—a mais intima—que reincidia! Mas em que condições de rematada felonia, o descobrira?!... Aconselhada por ambos a retirar-se, por algum tempo, para casa dos pais, na provincia, a fim de concertar a saude abalada, ali fôra surpreendê-la a noticia de haver o marido requerido o divorcio, alegando a razão de abandono do lar, por parte dela! E, de um momento para outro, se encontrara sem marido, sem filho, sem amiga e sem lar! Por mais e melhores provas que aduzisse em sua defesa, impossibilitada de demonstrar o infundamento do facto concreto representado pela razão alegada, perdera o pro-

cesso. O muito que conseguira fôra o direito a reter a criança em seu poder, durante quinze dias em cada mês.

Um ano ia decorrido... A doença de Pedrito reconduzira-a ali... Tudo no mesmo sitio... Até ela!... E tudo tão mudado!... Menos ela—no grande, no imenso amor pelo filho estremecido!

Consulta o relojio:

—Meia hora...

O doentinho continua dormindo, mal se lhe apercebendo o ritmo da respiração normalizada, um sorriso a arregaçar-lhe os labios descoloridos, o rosto tão palido, agora, quanto ainda havia pouco incendido pela febre.

Abre-se a porta e entra A CRIADA, *trazendo, num taboleiro, chá e biscoitos. Assim sucedia todas as tardes, sem que ela jámais tocasse no quer que fôsse. Estamos em dizer, mesmo, sem que ela, até ali, tivesse a percepção consciente do facto, dado quanto, nesta tarde, ele se lhe ofereceu insólito.*

A CRIADA, *a menos de meia voz.*—Graças a Deus, o nosso menino está melhorsinho?!...

A MÃE—Está, sim... sem duvida... Muito obrigada...

A CRIADA—Ora essa!... Nem tão pou-

co bem eu lhe quero... Seja dito em verdade, todos lhe querem, cá em casa...

A MÃE—Pobre anjinho!...

A CRIADA—Do céu! Nunca Vossa Excelencia falou com tanta verdade!

A MÃE—...

A CRIADA—...Vossa Excelencia não deseja mais nada?...

A MÃE—Não. Agradecida...

A CRIADA *retira-se. Ela repara, então, no serviço de chá e reconhece um «tête-à-tête», em prata cinzelada, que lhe fôra oferecido pela madrinha do casamento... Todo o comentario a essa verificação lhe cabe num sorriso. De saudade? De desprezo? De ironia?... Maquinalmente lança mão do guardanapo. Bordado por ela... Levanta-se, já agora, levada pela curiosidade de observar até onde, apesar de expulsa dali, de ausente um ano, continua ali desdobrada nessas coisas tão insignificantes que nem a sucessora julgara necessario suprimi-las e que, não obstante, tinham constituido o «seu meio», alindado o «seu lar», oferecidas, ou por ela adquiridas, quando não obra de suas proprias mãos.*

Sobre uma das prateleiras da «psyché», um «napperon» que tambem ela bordara. Uma anfora em louça, com aplica-

ções de estanho, as quais eram, por egual, trabalho seu. O «abat-jour», em seda estampada, da lampada electrica... O biombo das cegonhas... A propria renda inglesa dos cortinados...

Nisto ouve, no corredor:

UMA VOZ FEMININA—Estou farta de dizer que não quero as portas abertas!

A porta do quarto, que a CRIADA *se esquecera de tornar a fechar, é impelida de fóra para dentro.*

A VOZ, *mais apagada, pois que a porta se fechara.* —E' bom que se saiba que, quem manda, aqui, sou eu! Estou em minha casa!

Outro sorriso, desta vez de bem amarga e patente ironia...

A MÃE—Em sua casa!...

Mas o rumor, embora ligeiro, do embate dos batentes, sobressaltara a criança.

O FILHINHO—Mãesinha!...

A MÃE—Estou aqui, meu filho...

O FILHINHO—Ah!... *(Volta-se, a sorrir, e torna a ficar-se adormecido.)*

A MÃE, *consultando o relojio.* — Dez para as seis...

Senta-se, outra vez, á beira do pequenino leito. Reatado o interrompido fio das recordações, os incidentes de toda a sua tragédia sentimental sucedem-se-lhe no espirito quais contas de um rosario que esbagoasse... Como pudera ser tão injénua que crêsse, como crêra, na perseverança do amor do homem a quem, para mais, nunca amara?!... Como, não o amando tanto pudera ter sofrido, ao verificar o desamor dele?! Como fôra confiada ao ponto de acreditar na desinteressada intervenção de... uma amiga?!... E as condições desse episodio decisivo, mais uma vez evocadas, como sempre lhe confirmavam que, qualquer outra, teria sido vitima, como ela o fôra, de tão maquiavelica trama. Tambem casada, essa amiga, davam-se, os dois casais, como se de irmãos fôssem. Sabia, a outra, dos seus mais íntimos pensamentos; ela, dos mais secretos da outra. Ou julgava saber... Essa intimidade assumira termos do marido ter esboçado, duma vez, ciumes do marido da amiga!... Até isso, ela lhe contara! Como tinham rido, ambas! E com que segurança a amiga lhe afirmara: «—Oh! não ha perigo! Pelo meu Miguel, respondo

eu!» «—O «seu Miguel»!... Como todas nós nos iludimos! Como tudo, sob o ponto de vista sentimental, é ilusão neste mundo!...»

Nem tudo... O seu grande amor de mãe, pelo menos, sobrevivera á tremenda derrocada em que todo o resto da sua vida sossobrara. Não houvera ela bem a certeza disso e provar-lho hiam as lagrimas que tornaram a marejar-lhe os olhos ao ouvir, dentro, as seis horas compassadas do relojio da casa de jantar!... Relojio cuja voz, ainda essa, era bem conhecida sua...

Levanta-se e chega a esboçar o movimento de beijar o filho, em despedida. Mas sobrestá. Contenta-se com beijá-lo espiritualmente, para não o despertar. Fica-se a contemplá-lo durante longos momentos. Em bicos dos pés, sem mais ruído que uma sombra, atravessa o quarto recuando, pregados os olhos no pequenino leito. Ainda dentre-portas, um olhar que é mais um beijo...

A MÃE—Até amanhã!...

Sái...

Uma vez na rua, toma um taxi; indica a morada ao «chauffeur». Chegada a casa, corre ao telefone:

—Central 98-65... Sim, menina, sim... *(Aguarda.)* Está lá? Está lá?... E' o 98-65? O sr. Miguel Sepulveda ainda está?... Faça favor... *(Nova espera.)* E's tu, Miguel?... Sim! Felizmente livre de perigo! Obrigada! Sim!... sim!... Se te parece! Tão pequeno não foi o susto!... Deixei-o a dormir, muito socegadinho... Pudera, não hei de parecer outra, hoje!... Escuta... Ouve... A tua ex-mulher é que—benza-a Deus!...—ha de ser sempre a mesma!... Imagina que atirou com a porta e pôz-se a gritar... Mas ouve!... Está bem, então logo te conto tudo... Sim. Mas não te demores... Por isso mesmo... São quasi sete... o teatro começa ás oito e meia... Vou-me vestir, vou... Até já, Miguel... Não queres assim?... Está bem. Até já, meu Miguel... «Meu Miguel!» Ah! ah! ah! Porque estou a rir?... Logo te digo... Ah! ah! ah!

I. F. E. M.

I. F. E. M.

FIGURAS: 1.° SUJEITO DE IDADE; 2.° SUJEITO DE IDADE; um DOMINÓ; outros DOMINÓS; frequentadores, mascarados ou não, do Clube

Em um desses chamados «clubs», anglicismo que as «pessoas sérias» traduzem por «lugares de perdição». Noite de terça-feira gorda. Pletóricas, as salas. A máxima animação, compativel com a psicologia de um povo que se orgulha de ter o Fado por canção nacional. Mascarados, dos dois sexos; «smockings»; casacas.

«Sala de fumo», na circunstancia pleonasmo toponimico, pois fuma-se por toda a parte. Talvez por isso, é o unico compartimento do edificio quasi deserto. Dois sujeitos de idade caturram.

1.º SUJEITO DE IDADE *aspirando, beatifico, o fumo de um avantajado havano.*— Oh! os bailes do Casino! Que escandalo, nessa Lisboa pacata de ha meio seculo!

2.º SUJEITO DE IDADE — Que escandalo e que... sensaboria! Como os de agora... Nós não nascemos para estas coisas, por mais que digam e nos contrafaçamos para desmentir a evidencia!...

1.º SUJEITO DE IDADE — Que diabo! Tambem, não é tanto assim! Isto já vai tendo o seu quê de civilizado...

2.º SUJEITO DE IDADE *a reacender, pela vijésima vez, um cigarro, que é já apenas «beata».* — Civilização marca africana: de chapeu alto e... tanga!

1.º SUJEITO DE IDADE — Você exagera, conselheiro!

2.º SUJEITO DE IDADE — Homem, sabe que eu sempre levei esta vida de notivago impenitente...

1.º SUJEITO DE IDADE — ...e resistente!

2.º SUJEITO DE IDADE — Não digo que não... Graças aos meus setenta e muitos, tenho visto alguma coisa, cá por dentro e lá por fóra, observado um pouco...

1.º SUJEITO DE IDADE — E concluido, daí?...

2.º SUJEITO DE IDADE — Que, quanto mais nos esforçamos por parecer o que não somos, mais nos mantemos quais somos. E

valha-nos isso! Nem sempre teriamos a ganhar, com a mudança. Neste caso particular, visceralmente bisonhos, a nossa alegria nunca deixa de ser uma coisa artificiosa; etnicamente rudes, as hiper-elegancias assentam em nós como... Sei lá?!... Uma taça de «champagne» em cima duma posta de bacalhau com batatas...

1.° SUJEITO DE IDADE — Nem tanto assim...

2.° SUJEITO DE IDADE — Diga-lhe que não! Repare Você para tudo que nos cerca: as pessoas e até as coisas... Começando pela casa. Não sente o ar de surpreza de todas estas salas, em que a arte burguesa esplende, de se vêrem transformadas em lupanar?... Como nós, não nasceram para isto... Daqui, respirarem um ambiente intimo, honesto, insusceptivel de aclimatação á novissima função que lhes impuzeram. Nos marmores destas colunas, ha como que a palidez da Virtude, comprometida; o vermelho das paredes, é rubor das coisas agora vistas e nem sequer supostas, outrora! Olhe-me para aquelas estatuas núas do fogão, como encobrem, pudicas, as formas, temerosas de nem elas escaparem á bacanal e ocultam, por traz dos braços erguidos, os rostos pejados...

1.° SUJEITO DE IDADE — E' forçar, um pouco, a intenção do artista!...

2.° SUJEITO DE IDADE — Quem lhe fala na do artista?... Estou-me referindo á intenção delas, ao seu mal-estar, ao ar de deslocadas, no meio! Ar que, aliás, manteem por igual as pessoas, mascaradas ou não, «cumprindo» o Carnaval como quem cumpre uma sentença, deixando transparecer atravez as gargalhadas, que sôam a rachado, uma alegria ficticia, nostalgica da «bisca em familia» e do pacato «vale de lençois» que, esses sim, lhes proporcionariam a verdadeira felicidade, se a preocupação esnobica de serem do seu tempo, comungarem no cosmopolitismo elegante— quando menos, durante o entrudo...—não pudesse mais nelas, que o pudor natural...

Nesta altura, um rancho de cinco DOMINÓS *de seda côr-de-rosa, com laços pretos, irrompe pela sala, roçagante, clamoroso, exuberante de alegria, de vida, de mocidade—como que a desmentir as considerações sornas do Conselheiro arqueologico e viajado.* O 1.° SUJEITO DE IDADE *suspende o gesto de levar aos labios, mais uma vez, o perfumado havano e o seu interlocutor, que riscara mais um fosforo, no proposito irrealizavel de acender, ainda, a menos que «beata», consegue apenas*

escaldar as pontas dos dedos, tão amarelas de requeimadas, como a ponta do excigarro, de mastigada.

Olham-se, os dois. Quando voltam a buscar, com a vista, os DOMINÓS, *já eles teem desaparecido. Novo olhar de acôrdo, sobre irem-lhes no encalço. Levantam-se. E vão.*

No chamado «salão nobre», por eufemismo. Ordinariamente, sala do jogo. De momento, aproveitado para mais uma sala de baile. Dos lustres, das placas das paredes, dos ornatos das sobreportas pendem serpentinas a cruzarem-se, em todos os sentidos, formando espessa teia, que se diria tecida por aranhas gigantes. O madeiramento entalhado do «parquet» desaparece sob uma alcatifa de «confetti». Mais serpentinas ziguezagueiam, sibilantes e policromas.

Dansa-se, ou melhor dizendo, pincha-se ao ritmo... desritmado de «jazz-bands» infernais. Um? Muitos? Vá lá saber-se?!... Atravez a teia, cada vez mais espessa, e dado a multidão de pares que se agitam, pouco menos que juxtapostos, a verificação oferece-se impossivel. E inutil. Um, que vale por muitos, ou muitos que se confundem com um, na estridula dissonancia.

O entusiasmo da dansa torna desper-

cebida, salvo com respeito a um ou outro simples espectador, a entrada do rancho. Serão, pois, apenas estes a notar que os seus componentes falam francês e que um dos DOMINÓS, *o mais corpulento, parece chefiá-lo. Pelo menos, é evidente que orienta os outros: aponta-lhes pessoas, explica-lhes coisas. Ha mesmo quem lhe oiça dizer, como a incitá-los:* «—Mais, oui! Il faut être moderne!» *E, atravez os orificios das mascarilhas, o interesse, se não apenas a curiosidade, das dirigidas, que tudo indica serem sensivelmente mais moças que a dirigente, revela-se na mais ou menos intensa scintilação dos olhos, onde a alegria transparece exuberante e donde a juventude irradia fulgorosa!*

O tango, que estrugia á sua chegada, terminara. Outro, ou coisa parecida, se lhe segue logo. E, ainda o recrudescimento de tumulto, peculiar ás breves soluções de continuidade na sequencia estonteadora desta especie de bailes, não se atenuara, já todos os cinco DOMINÓS *haviam sido arrastados no turbilhão do tango novo. Sem terem, sequer, tempo para atentar em quem as arrebatara, as misteriosas recenchegadas sentem-se levar, cinjir, apertar... E, doceis ao contacto mais ou menos expressivo dos arrebatantes que o acaso lhes deparara, por mais que teimem em*

manter o incognito, o «á vontade», a «sem-cerimonia» com que se portam não deixam mais duvidas sobre a sua identificação... social. D'est'arte, a pessoal é que passara a interessar. E, os mais embrenhados nos meandros do mundo galante, tudo é esforçarem-se na solução do enigma. Pois que não falam senão francês, a naturalidade está, de si mesma, revelada. Restava, na «colonia», pessoalisá-las. E, debalde, insistindo em fazê-lo, acabou-se por deduzir que se trataria de «gado novo»...

Entre os curiosos da falange investigadora é de esclarecer que figura o nosso conhecido 1.º SUJEITO DE IDADE. *Na peùgada dos* DOMINÓS, *conseguira ser um dos contemplados. Precisamente porque era, talvez, de todos o mais velho, deitara a mão á que se lhe afigurara mais nova. Como da praxe... Esta atracção dos extremos constitui fenomeno, por demais frequente na fisica... sentimental, para que possa oferecer-se insólito...*

Apenas uma meia duzia de compassos observados coregraficamente, o par desiste, porém, num acôrdo como que tacito. Mal seriam trocadas duas ou tres frases banais. Ele propõe-lhe dirigirem-se ao bufete. Ela prefere descansar um pouco. Não que se sinta, em rigor, fatigada. E' uma especie de estonteamento. Depois,

sufoca-se, ali! Dirigem-se para o «jardim de inverno». A mesma afluencia, o mesmo tumulto, a mesma confusão. Decididamente, a «sala de fumo» é o unico recanto habitavel, de momento.

Outra vez na «sala de fumo». Enfim! Ao menos, ali, respira-se!

1.° SUJEITO DE IDADE, *no seu melhor francês, que está longe de ser bom.*—«Est-ce que vous vous sentez mieux?... Voulez prendre quelque refraichissement?...»

O DOMINÓ—«Merci...»

1.° SUJEITO DE IDADE—«Sans façon...»

O DOMINÓ—«Non! Non! Merci... Je me sens bien, maintenant...»

1.° SUJEITO DE IDADE—«Une toute petite tasse de champagne?...»

O DOMINÓ—«Rien du tout!...»

1.° SUJEITO DE IDADE—«Alors... du Porto?... On le fera apporter ici...»

O DOMINÓ—«Si je vous dit que c'est déjá passé...»

1.° SUJEITO DE IDADE—«Tant mieux!...»

(Silencio duplamente imposto pela situação, ainda mal definida, e pela dificuldade linguistica, incompativel com as afluencias verbais. Momentos decorridos, á falta de melhor:) «Oh! qu'il fait chaud!»

O DOMINÓ—«Qui. Un peu...»

1.° SUJEITO DE IDADE — «Dites donc: elles sont françaises, aussi, vos amies?»

O DOMINÓ—«Mais je ne suis pas française!...» Sou portuguesa...

1.° SUJEITO DE IDADE, *sentindo uma alma nova.*—Ah! como ouvi falarem francês...

O DOMINÓ — Somos obrigadas a isso... A Madama não consente que falemos outra lingua. Diz que é mais «chic»!... Mais distinto!...

1.° SUJEITO DE IDADE — A Madama é aquela senhora mais nutrida?...

O DOMINÓ—E'... a Madama...

1.° SUJEITO DE IDADE—Compreendo... E'... a Madama... Está bem. O seu nome?

O DOMINÓ — Para que quere saber?...

1.° SUJEITO DE IDADE—Porque me interessa...

O DOMINÓ—O nome? Faço idèa!...

1.° SUJEITO DE IDADE—O nome e a pessoa...

O DOMINÓ—Ah! ah! ah! Sendo assim... «Julie»... Quero dizer, Julia...

1.° SUJEITO DE IDADE—Um nome romano! Histórico!...

O DOMINÓ—Por pouco, diz arqueologico! Se a Madama o ouvisse, obrigava-me a crismar-me! Ela quere-nos modernas! «Dernier cri!...»

1.° SUJEITO DE IDADE—Ácho bem!

O DOMINÓ — Não penso, eu, outrotanto... Tudo isto me faz uma enorme confusão!...

1.º SUJEITO DE IDADE — Ser moderna?! Que idea!...

O DOMINÓ — Se lhe parece! Ha apenas quinze dias em Lisboa...

1.º SUJEITO DE IDADE, *a aguçar sensualmente o dente.*—Ah! é da provincia?...

O DOMINÓ—De Penafiel...

1.º SUJEITO DE IDADE—Uma linda terra... E veiu para cá?...

O DOMINÓ — A Madama é que me foi buscar...

1.º SUJEITO DE IDADE—Já calculava... *(Para consigo:)* E' dos livros!... *(Alto:)* Estas senhoras teem a particularidade de descobrir verdadeiros tesouros, onde menos seria de supô-los... E' uma especie de faro!...

O DOMINÓ — Agradecida pela classificação... exagerada! Quanto a descobrir-me, ela não descobriu nada...

1.º SUJEITO DE IDADE—Alguem lh'a indicou... Pessoa de bom gosto, em todo o caso!

O DOMINÓ—Isso é que se chama fantasiar... delicias! Não me conhece! Nunca me viu!

1.º SUJEITO DE IDADE—Mas ouço-a! E' o bastante!

O DOMINÓ—Valha-nos isso. Com pouco se satisfaz!...

1.° SUJEITO DE IDADE — Por agora... Conte-me, então, o seu romance. Deve haver, em tudo isto, um romance! Ha sempre!...

O DOMINÓ—De maneira alguma!

1.° SUJEITO DE IDADE—...Para que uma provinciana... quasi uma criança... se encontre assim, abruptamente, aqui... neste meio?...

O DOMINÓ—Nada mais simples. Meus pais escreveram para Lisboa...

1.° SUJEITO DE IDADE, *não podendo ainda admitir a monstruosidade entrevista.* —Seus pais?! Foram seus pais?!...

O DOMINÓ—Que tem isso de extraordinario?!

1.° SUJEITO DE IDADE — Na verdade, o «extraordinario» deixou de existir. Hoje em dia, tudo é, cada vez mais... ordinario...

O DOMINÓ—...A Madama foi lá... Combinou-se tudo...

1.° SUJEITO DE IDADE, *em quem, o sentimento de intima revolta, acabara por levar de vencida os libidinosos propositos iniciais.*—Fechou-se o negocio, numa palavra?!...

O DOMINÓ—Isso mesmo. E eu vim com ela...

1.° SUJEITO DE IDADE — ...a Madama?!...

O DOMINÓ—A Madama...

1.° SUJEITO DE IDADE—E' pavoroso!... *(Levanta-se, de salto, e, mais gemido que falado:)* Os proprios pais! Horror!... E' inconcebivel!

O DOMINÓ—Inconcebivel, o quê?! Ah! ah! ah!

Mas, esta ultima gargalhada do DOMINÓ *já o* 1.° SUJEITO DE IDADE *a ouviu distante, especie de repercussão das do famigerado Mefistofeles, diriamos, se a imagem não ocorresse fóra do termo e da época. O solteirão relapso partira horrorisado perante aquele triptico, tão asqueroso, quanto de actualissimo recorte: da cinica venalidade dos pais; proxenetismo ostensivo da tal Madama e precoce, se não inconsciente desmoralização de uma criança—quando muito, 16 ou 18 anos!—que era a primeira a considerar legitimo, natural, corrente, o comercio infame de que fôra objecto!*

O DOMINÓ, *por seu lado, vendo-o desaparecer.* — «Mais il est toqué, ce vieux monsieur!...»

E aconchegou-se no canto do «divan»,

completando o comentario falado com um bocejo, que comentario seria, por sua vez, do desinteresse que tudo aquilo lhe merecia...

No «restaurant-dancing». Todas as mesas ocupadas. De umas para outras continua a jogar-se «confetti», serpentinas, «bon-bons» e, naquela altura da noite, tambem já guardanapos, quando não cascas de bananas. A hora das garrafas e dos pratos participarem no tiroteio aproxima-se, portanto.

Abancados a duas mesas, adrede encostadas, os quatro restantes DOMINÓS, *na mais estúrdia companhia com outros tantos «clubmen»—caixeiros de seu oficio e fidalgos arruinados de seu malificio. Gargalhadas estrujem; o «champagne» espuma; trocam-se as taças, cruzados os braços, em brindes calorosos e libidinosos. Um dos convivas, abraçando o* DOMINÓ *mais volumoso, chama-o a si e cola, aos dele, os labios, num ardente beijo... cinematografico.*

O DOMINÓ VOLUMOSO, *depois de enxugar, ao guardanapo, os residuos humidos osculares, indaga ao ouvido do* DOMINÓ

mais proximo: — «Est-ce que vous avez fait attention?...»

O DOMINÓ, *preguntado* — «Mais oui, Madame...»

O DOMINÓ VOLUMOSO — «Une femme, vraiment moderne, doit tout savoir!...»

O OUTRO DOMINÓ — «Certainement...»

E, não só este, como os dois outros jovens DOMINÓS, *manifestam exuberantemente o seu porfiado interesse por se ilustrarem—«tout savoir»!—deixando-se tambem beijar, além de se manterem atentos a quanto, ainda de maior transcendencia na sciencia da «vida moderna» vai exemplificado naquele grande anfiteatro de patologia elegante. Mas eis que o* DOMINÓ VOLUMOSO *dá o sinal de partida, notando-se simultaneamente—e só então...—a ausencia de «Mademoiselle Julie».*

TODOS OS DOMINÓS, *qual se luz lhes irrompera, subitanea, nas trevas da estúrdia e do... «champagne».* — «C'est vraie! Julie?! Ou s'est-elle nichée?!»

O DOMINÓ VOLUMOSO—«Il faut la chercher!... Allons, donc! Tout de suite!»

Todos se levantam, correspondendo, com formal negativa, ás instancias reiteradas dos «clubmen» por que fiquem mais

«un petit moment» ou, pelo menos, consintam em que as acompanhem. O bando mascarado larga vôo, sem lhes dar mais ouvidos e parte, como entrara, numa revoada de ranger de sedas, que se confunde com bater de azas... Aos «clubmen» resta pagarem a conta. Pagam-na—os caixeiros...

Percorridas as diversas salas, em busca da transviada Julie, acabam por «la dénicher» na «sala de fumo», sempre deserta, enroscada no angulo do «divan», a ampla romeira do dominó a cobrir-lhe o rosto, ainda qual se fôra uma aza—dormindo como um passarinho...

UM DOS DOMINÓS — «La voilá! Julie! Julie!»

O DOMINÓ VOLUMOSO — «C'est paradoxale, cette jeune personne!»

TODOS OS DOMINÓS, *sacudindo-a.*—«Julie! Julie!»

JULIE, *estremunhada.* — «Je ne veux pas être moderne! Laissez-moi tranquille! *(Agastada:)* Laissez-moi, donc!»

O DOMINÓ VOLUMOSO—«Espèce de sauvageon!»

OS OUTROS DOMINÓS—«Eveille-toi, Julie! Allons-nos-en!»

JULIE — «Mais non! Laissez-moi dormir! Je ne veux pas être moderne!»

A muito custo, conseguem arrastá-la sonambula, amparada, até ao auto, que as espera á porta e onde tomam todas lugar.

JULIE *reacochando-se, agora, nos coxins do auto.*—«Je ne veux pas être moderne!... Non! Je ne veux pas!...»

Se, por haverem-lhes perdido o rastro ou, apenas, por se terem desinteressado deles, os «clubmen» nem sequer assistiram á partida dos DOMINÓS, *outrotanto não sucedera aos dois* SUJEITOS DE IDADE.

Ao separar-se de Julia, pasmo, corrido, revoltado, logo adregara, ao 1.°, *esbarrar com o* 2.°, *que, a filosofar consigo mesmo e a indefectivel «beata», saía do vestiário, disposto a recolher a casa. Tinham batido as quatro—a sua hora habitual—e não estava para se aborrecer mais...*

Topá-lo e logo desabafar, nele, nos mais sugestivos e indignados termos, a breve historia da sua quasi aventura, foram actos concomitantes.

2.° SUJEITO DE IDADE, *com um sorriso de cinica indiferença.* — Co'os diabos, o que aí vai! Você, no fim de contas, não foge á regra geral! Como bom sibarita,

que se convenceu de que era, mal lhe cheirou a carne tenra, correu á seva... Ou, a carne fresca, se não oferecesse particularmente atractiva aos velhos molosos!... Por mim falo, tambem; não só por si... Apenas com a diferença de, eu, não me deixar embarrilar com sentimentalismos piegas!

1.° SUJEITO DE IDADE—Mas é revoltante, sr. Conselheiro!

2.° SUJEITO DE IDADE — Qual revoltante!... Você é que é português e basta! Não lhe dizia eu, ainda agora?... Até nos vicios, a gente presume... Para nos darmos ares... Tudo aparencia; superficialidade! Raspa-se, ao de leve, no mais empedrenido imoralão e logo, sob o verniz da sensualidade, espreitam os preconceitos do sentimentalismo! Onde está a garota?

1.° SUJEITO DE IDADE — Deixei-a, ha pouco, na sala de fumo...

2.° SUJEITO DE IDADE *atirando fóra, no entusiasmo, a «beata» mastigada.* — Bonito! Deixou-a aos outros, não é isso?! Venha daí!

Quando, porém, iam a chegar, já os demais DOMINÓS *estavam a contas com a adormecida, apenas lhes restando, portanto, o expediente de acompanharem, de longe, a debandada. E isso fizeram até á porta, até vê-las entrar no automovel.*

2.º SUJEITO DE IDADE—Não! Já agora, hei de pôr isto a limpo! Fique-se, você, com a sua indignação, se prefere... Eu, vou atraz delas... Ao menos, quero saber onde moram...

1.º SUJEITO DE IDADE — Nesse caso... tambem vou...

Assim dizendo, saltaram para um taxi que estacionava proximo, dando ordem ao «chauffeur» para seguir o auto dos DOMINÓS, *o qual, naquele preciso momento, arrancava, resfolgante, na esteira do circulo de luz intensa, projectado pelos proprios farois...*

.....

Estacou, o auto, numa rua larga, bandas das Avenidas Novas. O taxi, com a velocidade que levava, não esperando a paragem, ultrapassou-o. Ia, o «chauffeur», fazer marcha atraz, mas disseram-lhe, de dentro, que se ficasse onde estava. Atravez das vidraças, os SUJEITOS DE IDADE *fixaram-se na altura da rua, onde o outro carro estacionara. Tendo dado tempo a que os* DOMINÓS *se apeassem e o auto se afastasse, apearam-se eles, tambem.*

Verificaram, então, tratar-se dum edificio amplo, apalaçado, dentro de um

jardim e com acesso pelo portão gradado do mesmo jardim.

Olharam, um para o outro. Era pouco. Sobretudo, não era nada do que esperavam! Tão pouco, que ficavam na mesma... Tinha sido asneira não tentarem chegar á fala, com o «chauffeur» do automovel... Mas eis que o 1.º SUJEITO DE IDADE *descobre, numa das pilastras de pedra do portão, uma placa de metal amarelo. Apesar de relativamente grande, impossivel se lhes oferecia lêrem-na, dado a altura a que ficava e a escuridão da noite. Os farois do taxi, assestados sobre ela, resolveram a dificuldade. Resava a placa:*

INSTITUT FÉMININ
D'EDUCATION MODERNE

1.º SUJEITO DE IDADE — Ora bolas! Uma excursão de estudo!

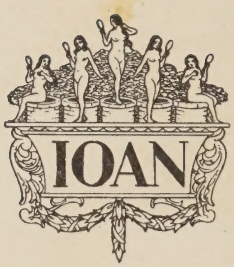
2.º SUJEITO DE IDADE — Ah! ah! ah!

INDICE

O Fauno de pedra	7
«Prevenir é economisar»	25
O Best	41
Juizo de Salomão	61
O Bosque Sagrado	79
Tudo é relativo	103
O sr. Rolinha	119
L. P. M. F	133
Um almoço no Vaticano	161
O leito de Procusto	177
«Cosi va il mondo»	201
I. F. E. M	217

«NUAS E CRUAS...»

acabou de ser composto e
impresso, nas oficinas
da Sociedade Nacio-
nal de Tipografia,
no dia 15 de Ja-
neiro de
1929


IOAN

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL